Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

UNIDADE PRATA

ALDOMON FERREIRA

Tendo em vista este livro ser de utilidade para a humanidade, pode ser reproduzido, desde que seja para fins de divulgação entre amigos. Para outros fins, inclusive comercias, a sua reprodução deverá ter permissão por escrito e com registro reconhecido da Sociedade dos Voluntários do Comando Ashtar.

ESTE DOCUMENTO AINDA ESTÁ SUJEITO A REVISÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

- Alderan, estamos entrando no setor do planeta Metalha!

- Sion, todas as equipes a seus postos! Preparem-se para acionar a abertura do portal interdimensional!

- Crodon! Sintonizar portal na décima terceira dimensão física!

Eu estava olhando para a tela interdimensional onde, de repente, apareceu a imagem do planeta Metalha. Senti uma profunda saudade dos amigos que ali deixei mas, ao mesmo tempo, estava feliz por poder reencontrá-los. O planeta continuava belo como sempre, em sua cor dourada, tendo à sua volta uma suave aura brilhante.

Diante da nave começou a se formar um túnel espiralado e foi iniciada a travessia do portal.

Toda a Unidade já estava habituada às passagens dimensionais. Entretanto, esta era especial pois, desde que partimos de Metalha em missão, passaram-se quinhentos anos-Terra.

No centro de controle da nave, assisti à conclusão da travessia dimensional através da tela visual. Perguntei a Sion que distância nos separava de Metalha e imediatamente obtive a resposta: estávamos perto da atmosfera e era necessário que eu tomasse algumas providências para o pouso.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Chamei telepaticamente os líderes de equipe, os quais chegaram ao centro de controle em alguns instantes. Eram eles: Miria, Sion, Solron, Calia, Crodon, Poderon, Uria, Rairon e Leon. Recebi os relatórios correspondentes a suas equipes e informei a todos que tais dados seriam analisados para, posteriormente, serem apresentados ao Conselho Planetário que por sua vez, iria avaliar a capacidade de cada componente da Unidade para uma nova missão.

Pedi a Solron que acionasse o comunicador através do qual faríamos contato com Metalha.

- Afirmativo, Alderan. Canais abertos.

-Planeta Metalha, quem fala é Alderan, do Cruzador Interdimensional Triton. Peço permissão para pouso.

- Cruzador Triton, permissão concedida para pouso na base Talha-1.

Comecei a lembrar o quanto foi dura e difícil a missão mas, felizmente, estava prestes a pousar no planeta com o qual criei tantos laços de afinidade.

A colossal nave prateada aproximava-se da superfície de Metalha. Contemplei, através do monitor visual, uma deslumbrante paisagem que enchia de alegria os meus olhos cor de prata. Meu desejo era sobrevoar as cidades, os campos enfeitados com lagos de esplendorosa beleza, as montanhas de cristais dourados cujo brilho intenso fazia com que Metalha parecesse um sol. Tal vontade teria que esperar pois, neste caso, se fazia necessária uma nave menor que o Cruzador.

Foi iniciada a aproximação com a base, localizada no alto de um imenso plator, às margens de um mar sereno. De repente, o comunicador sinalizou. Era uma transmissão da base, prontamente atendida :

-Cruzador Triton, aqui é base Talha-1. Rampa dez liberada para pouso.

Solicitei a Crodon que desligasse o campo eletromagnético e acionasse o sistema de pouso.

A gigantesca nave aterrisou com a suavidade de uma pluma. Fiquei muito feliz por estarmos em terra firme. Após tanto tempo no espaço sideral, ansiávamos por desfrutar as belezas de Metalha.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Telepaticamente comuniquei à Unidade para que todos se reunissem no pátio de conferência da nave para onde, em seguida, teleportei-me. Assim que cheguei, encontrei parte da unidade e, tão logo constatei a presença de todos, comecei minha explanação:

- Após quinhentos anos como defensores das fronteiras dimensionais nos universos mais densos, cada um aqui presente sabe o que enfrentamos no cumprimento desta missão, da qual saímos vitoriosos sem nenhuma baixa. Sinto-me honrado em trabalhar com todos vocês, tamanha a união e os impressionantes resultados obtidos em todas as áreas. Foi como se fizéssemos parte uns dos outros.

Um representante do Conselho Planetário, através do comunicador, avisou-nos que o Embaixador de Metalha estava aguardando a Unidade no salão do Conselho. Alertei a todos que iríamos apresentar ao Embaixador os resultados da missão.

Após alguns instantes, adentrávamos o salão, cuja forte característica era a belíssima e arrojada arquitetura. O chão dourado como ouro polido refletia em si o brilho reluzente das armaduras espelhadas de prata, traço marcante e inconfudível da Unidade. Entramos pela larga porta em fila única. A estatura média dos integrantes era de, aproximadamente, três metros. O impacto das botas metálicas dos cento e dez componentes produzia um conjunto de sons estridentes, formando uma orquestra cujo som ecoava pelo amplo salão. As paredes e o teto eram dourados, esculturas geométricas posicionavam-se em locais de destaque. Um pouco abaixo do teto havia diversos sóis. Alguns dourados, outros prateados. Uns pairavam no ar, enquanto outros transitavam.

Fomos em direção ao fundo do salão, onde éramos esperados. Lá chegando, ficamos dispostos em dez filas paralelas. Dentre os sóis dourados que estavam flutuando, um desceu ao chão e começou a tomar outra forma. À medida em que seu brilho intenso se apagava, um corpo humanóide foi aparecendo.

Era dourado muito claro, quase branco. Tinha cerca de três metros de altura e o corpo envolvido por uma espessa aura luminosa. A cabeça era um pouco grande em relação ao corpo. Olhos grandes e prateados. Não possuía boca, nariz, orelhas ou cabelo. Aproximei-me dele, dizendo:

- Comandante-Embaixador Ashtar, Unidade Prata se apresentando.

Naquele exato momento, todos os capacetes das armaduras desmaterializaram-se, colocando à mostra as faces de todos. Ashtar, em passos lentos, percorreu cada fileira,

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

examinando com seu poder mental cada um dos membros da Unidade. Concluída a vistoria, voltou-se para mim, dizendo:

- Pelo que pude notar, Alderan, a Unidade Prata está em perfeita forma. Não houve nenhuma avaria séria.

Entreguei os relatórios para que ele analisasse e, assim, a Unidade foi dispensada. Saímos da mesma forma que entramos. Todos estavam ansiosos para reencontrar os amigos ou voltar às instalações anteriores. Contudo, ainda era preciso fazer certas coisas antes de distrair-me.

Retornei ao Cruzador com alguns membros da tripulação para que parte do equipamento danificado em missão fosse descarregado. Sion acompanhou-me até o compartimento de carga do Cruzador, onde estavam guardados cinco mil andróides de modelos diversos e funções variadas. Todos estavam desativados. Olhando atentamente as caixas que os embalavam, disse a Sion:

- O que seria de nós se não pudéssemos contar com a ajuda destas máquinas nas batalhas contra os exércitos negativos?

Concordando, ele balançou a cabeça e completou:

- Infelizmente a maioria está estragada, de tal maneira, que até mesmo os chips de personalidade e memória foram destruídos.

Em seguida, alguns andróides de múltiplas funções foram ativados para que fizessem o transporte do equipamento.

Foi aberta uma das portas do compartimento de carga e, através dela, começaram a sair os veículos cargueiros de flutuação magnética. Assemelhavam-se, em sua forma, aos ônibus da Terra, embora não possuíssem rodas ou janelas. Seu tamanho era de, aproximadamente, cem metros de comprimento por trinta metros de largura e vinte de altura. Uma porta na parte traseira servia para carga e descarga. Em cada lateral dianteira havia uma porta, usada para entrada dos passageiros e operadores.

Todos os veículos estavam sendo pilotados por andróides.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Observando o painel, avistei três telas visuais. Na tela central via-se a divisão de seis quadros, os quais mostravam paisagens de múltiplas direções. Nas duas telas laterais eram apresentados os mapas da geografia planetária e a localização da nave.

Partimos em direção ao Centro de Tecnologia Planetária, situado no alto de uma montanha rochosa chamada Zuilis.

Avistei a montanha Zuilis através do mapa na tela gráfica. Consultando o cronômetro, percebi que faltavam apenas dois minutos para o pouso.

Pensativo, rapidamente procurei imaginar como estaria meu laboratório após tão prolongada ausência. Era muita a saudade que sentia dos meus ex-alunos e dos conclaves com os colegas cientistas. Muitos deles serviram como voluntários em missões fora deste Universo e ainda não haviam regressado.

Meus pensamentos foram interrompidos pela voz metálica do piloto andróide, avisando-me que estávamos prestes a pousar. O comunicador visual foi ligado e, na pequena tela do painel, surgiu a imagem de um rosto conhecido, que há bastante tempo não via.

- Quilia, peço permissão para desembarque da frota de cargueiros do Cruzador Triton.

Ela respondeu-me:

- Seja bem-vindo, Alderan. Portão de desembarque aberto para pouso. Você será recebido por Raman.

A imagem desapareceu mas, em mim, a felicidade tornava-se cada vez mais presente, pois chegava o momento de rever pessoas tão queridas e amadas.

Após nosso pouso, os veículos da frota foram descendo um a um. Abri a porta da nave e flutuei até o chão. Percorrendo todo o ambiente com os olhos, reconheci o amigo Raman. Abraçamo-nos, dizendo o quanto era bom o reencontro após tanto tempo.

- Como está você, Alderan?

- Muito bem, meu amigo.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Fiquei sabendo que sua nave havia chegado da missão. Calculei que este seria um dos primeiros lugares visitados por você. Por isso, fiz questão de fazer a recepção, para colocá-lo a par dos acontecimentos planetários.

- Sim, Raman. Também tenho informações das experiências e pesquisas realizadas durante a missão.

Andamos até um pequeno veículo de dois lugares, cujos controles foram assumidos por Raman. Em Metalha, este veículo funcionava por flutuação magnética e teleportação.

No caminho para o setor de laboratórios, deparamo-nos com uma porta branca. Com nossa aproximação, ela se abriu. Descemos do pequeno aparelho e entramos em meu laboratório. Lá estavam vinte ex-alunos de um curso que ministrei há quinhentos e cinqüenta anos.

Assim que notaram a minha presença, o silêncio tomou conta do ambiente. Um deles veio em minha direção e logo foi seguido pelos demais. Abracei a todos com ternura e carinho. Pelo que pude notar, a pequena equipe tinha uma líder - Drilha - que, após os cumprimentos, dirigiu-se a mim:

- Alderan! Quando você partiu em missão, eu era recém-formada em engenharia cibernética e eletrônica espacial. Saí da faculdade com um projeto: desenvolver novos equipamentos que pudessem ser úteis aos defensores dimensionais. Munida de minhas credenciais, procurei o comandante Ashtar e coloquei-o a par do referido projeto que, de imediato, foi aceito. Ashtar deixou a cargo de Raman providenciar as instalações e o material necessário à execução do meu trabalho. Fui informada por Raman que seu laboratório estava desativado e que você havia saído em missão. Meu pedido para a utilização destas instalações foi aprovado pelo próprio Raman e, assim, o projeto foi iniciado.

Terminado o relato de Drilha, pude expressar-me:

- Estou muito satisfeito em saber que o laboratório ficou em suas mãos. Preciso sair com Raman agora, mas depois quero propor algo a você.

Silencioso e pensativo, saí em companhia de Raman que, mais adiante, questionou-me:

- Você está ciente dos planos da Federação Inter-Galáctica, Alderan?

- Sim. Durante a missão, percorremos as bases especiais de várias galáxias.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Também foi informado da grande transição dos universos? - perguntou.

- Afirmativo. Este foi o motivo pelo qual retornamos da missão.

Conversamos durante um longo tempo e Raman explicou-me que o Conselho de Metalha enviaria a frota de cruzadores do Comando Ashtar para o sistema solar da Terra. Despedi-me de Raman, agradecendo-lhe as informações prestadas.

Olhando o firmamento dourado, pude contemplar a beleza de naves grandes e pequenas que cruzavam o céu, deixando rastros de luz no que parecia um oceano de estrelas faiscantes. Ondas de energias revitalizadoras caíam da atmosfera.

Avistei um brilho prateado que, ao se aproximar, pude identificar como a nave que estava aguardando.

A nave alcançou o chão com a leveza de um pequeno pássaro. Lembrei-me, com toda nitidez, do tempo e do esforço necessários para que minha equipe de cientistas, em laboratórios, pudesse projetar um modelo de nave que tornou-se uma obra-prima da engenharia geométrica. Os inúmeros e complexos cálculos não foram em vão, pois sabíamos o quanto este veículo, por sua eficiência, nos era útil.

Caminhei até a frente da nave, onde ficava uma das muitas portas, camufladas estrategicamente ao longo dos seus cinqüenta metros de comprimento. A lataria era totalmente blindada, embora algumas partes pudessem ficar transparentes, de acordo com a vontade do piloto.

A porta dianteira foi aberta. Nos controles, estava Miria, que alegremente perguntou-me:

- Você quer uma carona?

Embarquei sem hesitar, falando descontraído:

- Já faz um bom tempo que não piloto esta nave!

Ela possuía sensores de leitura mental. Isso fazia com que o controle da nave fosse feito por telepatia. Observava o mostrador do painel enquanto a nave decolava em direção a uma parte pouco habitada do planeta, onde havia uma paisagem exuberante.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Notei a felicidade de Miria por ter voltado à Metalha, lugar que nos era muito querido, além de ser o planeta em que nascemos.

Ficamos conversando sobre assuntos simples, tais como as belezas naturais das áreas que sobrevoávamos. Recordamos nosso nascimento em Metalha, há cinco mil anos, logo após termos chegado com o corpo astral do planeta Icron, local de nossa vida física anterior. Miria também lembrou que, ao chegarmos a Metalha, entramos em contato com o Conselho Planetário, para que este possibilitasse a materialização de nossos corpos.

Em Metalha, o nascimento dos seres é feito através de materialização ectoplasmática, tornando desnecessária a presença de progenitores. Os recém-nascidos possuem consciência de adulto, juntamente com a memória de vidas anteriores.

O tempo médio de vida para os corpos nascidos em Metalha equivale a dez ou onze mil anos terrestres.

Os corpos são ectoplasmáticos de cor dourada ou prateada, dividindo-se em vários tons que mudam de cor conforme o nível de evolução espiritual.

Cada corpo oriundo de Metalha tem, entre outras capacidades, a de tomar a forma e a composição molecular que desejar. Tais transformações são empregadas apenas quando há real necessidade. A forma de comunicação utilizada é a telepatia e os olhos enxergam por meio de clarividência, o que viabiliza o acesso simultâneo a várias dimensões e localidades.

Os meios de locomoção corporal são a flutuação magnética e a teleportação. A alimentação é feita por absorção corporal de energia cósmica.

Em função do avanço tecnológico, a população prefere fazer uso de aparelhos, para que não haja um excessivo desgaste das energias corporais.

Comentei:

- Realmente, Miria. Em comparação a outros planetas, nossa evolução aconteceu de forma muito rápida com o corpo de Metalha. Além disso, contamos com o fato de podermos nos desligar momentaneamente deste corpo e assumir outro, em outro planeta.

Saímos da nave deslizando suavemente e percorremos as vastas planícies douradas. As flores exalavam um aroma inebriante. Voávamos de mãos dadas, em uma comunhão de

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

sentimentos que fortificava nossas energias. Como uma música, o som da voz de Miria soou em minha mente:

- Alderan! Veja aquele vale atrás das colinas flamejantes! Existe um lago onde costumava banhar-me, antes de nossa partida para fora do planeta. Vamos até lá? - Respondi que sim.

Alçamos vôo rumo às colinas. Ao avistar o vale, contemplei um vasto espaço líquido. O lago mostrava uma beleza imensa. Soltamos as mãos e voamos tão próximos ao lago que, tocando suavemente a água com a ponta dos dedos, produzimos um rastro de faíscas douradas e prateadas.

Miria mergulhou em suas águas brilhantes e eu a segui.

O comunicador sinalizou. Era Sion, informando que Ashtar concluíra a análise dos relatórios da missão e estava nos aguardando em sua nave, para discutirmos os resultados.

Estando fora da água, chamamos a nave pelo controle automático e, em poucos segundos, ela pairou acima de nossas cabeças.

As portas se abriram com nossa presença, e Miria assumiu os controles. Velozmente, a nave atravessou o firmamento e saímos da atmosfera.

Avistamos, ao longe, a brilhante nave-mãe, comandada por Ashtar. Era tão grande que não podia aproximar-se muito do planeta, a fim de não perturbar o equilíbrio gravitacional.

Informei-lhes sobre nossa aproximação:

- Alderan falando. Peço permissão para pouso.

- Afirmativo. Concedida permissão para pouso na rampa número 1.500, setor noroeste.

Miria ajustou as coordenadas ao computador de bordo e, após alguns instantes, estávamos pousando. Saímos da nave e trocamos nossos trajes , sendo que iríamos a uma conferência formal com os comandantes que integram o Comando Ashtar. Eu sabia que os líderes da Unidade também tinham sido comunicados.

Percorremos um longo corredor, num veículo utilizado para transporte interno. De fato a nave-mãe poderia ser comparada, em suas proporções, a um planeta.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Enfim chegamos ao local da reunião, onde poltronas estavam organizadas em forma de meia-lua. Ao notar que os líderes de equipes da Unidade Prata estavam aglomerados em determinadas poltronas, fui em direção a eles. Após cumprimentá-los, sentei-me.

Ashtar estava no palanque e parecia aguardar a chegada de outras unidades. Olhei ao meu redor e notei a presença de vários comandantes de nave, cuja maioria eu conhecia.

Assim que se completou o Comando, foi iniciada a explanação de Ashtar:

- Como foi informado ao governo de Metalha, ocorrerá em breve a transição dos universos dimensionais. Em função deste avanço dimensional, as leis da natureza serão alteradas.

Detendo a atenção de todos, continuou:

- Estas modificações impossibilitam a permanência de determinados seres em seus planetas, pois não suportarão as vibrações eletromagnéticas advindas da sutilização dimensional.

- Para evitar que seus corpos astrais mais densos sejam expostos a tais radiações, provocando terríveis traumas psico-mentais (o que atrasaria muito o ritmo de suas evoluções), precisaremos efetuar as transmigrações planetárias. Desta forma, poderá ser mantida a harmonia na evolução dos seres.

Olhando fixamente para Ashtar e inebriado com suas palavras, meditei profundamente sobre a importância dos acontecimentos narrados por ele.

Durante toda a exposição dos fatos vindouros, meu pensamento girava em torno de qual seria a tarefa da Unidade nas transmigrações.

Terminada a palestra, nossa unidade foi convidada pelo Conselho Planetário a formular, com eles, os planos de ação da Unidade Prata.

A reunião seria feita em um salão que ficava próximo do auditório em que estávamos. Andamos por um largo corredor cujo piso, paredes e teto eram de cor cinza-chumbo. Em uma das laterais surgiu uma porta, que fechou-se automaticamente ao passarmos por ela.

Sentamo-nos em poltronas brancas, organizadas em forma de círculo. Ashtar, que já estava nos aguardando, disse:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- O Conselho analisou os relatórios da Unidade. Todos ficamos satisfeitos com os resultados. Temos funções para sua Unidade na grande missão, Alderan. Porém será necessária uma série de modificações e a primeira delas é aumentar o número de integrantes da Unidade.

Transbordei de felicidade ao receber aquele convite. Notei que Miria, assim como os líderes de equipe, demonstravam seu contentamento. Escutamos as diretrizes passadas por Ashtar e membros do Conselho.

A reunião havia acabado. Sion parecia bastante animado com o planejamento da nossa nova missão. Seguimos para a rampa de decolagem, onde duas naves do Cruzador estavam à nossa espera.

Entramos na atmosfera de Metalha e fomos em direção ao espaçoporto, onde estava o Cruzador. Fizemos a aproximação e foi aberta uma das rampas de pouso.

Descemos da nave e fomos direto para a ponte de controle. Lá chegando, liguei o comunicador:

- Drilha, aqui é Alderan. Peço que venha ao Cruzador, pois temos assuntos importantes a tratar.

Mais tarde, avistei no monitor uma pequena nave. Reconheci nela a insígnea do Centro Tecnológico Planetário. Drilha chegou à ponte de controle. Aproximei-me dela, dizendo que se tratava de um convite. Expliquei que teríamos uma nova missão e, em função da envergadura da tarefa, era preciso aumentar o número de integrantes da Unidade. Drilha aceitou o convite.

Tínhamos um prazo de dez anos para estarmos com a Unidade Prata pronta para partir em missão, mas bem antes disso conseguimos completar os cinco mil integrantes.

O dia da partida finalmente havia chegado. Era enorme o meu contentamento em ver a conclusão do treinamento das novas equipes da unidade.

O céu de Metalha mostrava um enxame de cruzadores e algumas estações orbitais.

Recebi as ordens de Ashtar para partirmos rumo à Terra. Entretanto, precisaríamos passar pelo planeta Icron, em Orion. Lá, os membros da tripulação que possuíam o corpo de

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Metalha teriam de trocar temporariamente de corpo, para poderem entrar no setor do planeta Terra. Eu também fazia parte deste grupo.

O Cruzador decolou da base Talha-1, cruzando um céu cheio de naves e entrando no espaço sideral.

Na passagem pelo planeta Icron e, após a troca de corpos físicos, passamos para a décima dimensão física. Constatamos que algumas de nossas habilidades corporais haviam sido bloqueadas.

Após algum tempo no espaço, entramos no sistema solar da Terra. Paramos em Júpiter, a fim de conferenciarmos com o Conselho Solar a respeito de nossa participação na missão Terra.

Chegamos ao planeta Terra no início do Século XVII. Seria necessário que parte da Unidade ingressasse na terceira dimensão física. No próprio Cruzador encontravam-se as câmaras de animação suspensa, onde nossos corpos ficariam guardados.

Estando lá, abri a tampa de cristal e deitei-me, fechando-a. Escutei uma pequena explosão e desmaiei, ofuscado por uma luz forte.

Quando acordei, percebi que acabara de nascer em um corpo da Terra, no ano de 1971. Chorei em um corpo de bebê. As pessoas ali presentes sequer desconfiavam que naquele choro havia uma certa tristeza, por me encontrar naquele corpo primitivo e cheio de limitações.

Minha nova vida na Terra seria dura e cheia de sacrifícios mas, acima de tudo, eu tinha uma missão a cumprir, custasse o que custasse.

A maior parte da missão seria realizada durante minhas saídas para fora do corpo, e a outra parte no plano físico. Antes que eu nascesse, recebi informações de que seres negativos tentariam provocar a morte de meu corpo físico, mas a Unidade estaria fazendo a minha segurança. Mesmo assim eu não tinha garantia total de vida, pois o plano físico, na terceira dimensão da Terra, ainda estava sendo controlado pelas trevas.

De início, meu corpo físico apresentou uma forte incompatibilidade com a vibração de meu corpo astral. Isto levou a um princípio de rejeição que, se não fosse revertido, provocaria minha morte.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Durante dias e noites eu não parava de chorar e recusava-me terminantemente a sorver o leite materno, o que provocava preocupação em meus pais.

Era uma tortura ficar dentro de um corpo apertado, que me sufocava sem piedade, como se fosse feito de concreto e não obedecesse ao meu comando.

Os dias foram passando e eu entrava em um estado crítico, o qual necessitava urgente de uma solução, pois minha vida corria perigo. Os cientistas da Unidade apresentaram uma alternativa: era preciso provocar a queda vibracional do corpo energético, para que este ficasse mais denso e entrasse em sintonia com a densidade do corpo físico. Entretanto, tal densificação provocaria um atraso do despertar da memória imortal.

Sendo a única solução encontrada, comecei a ser submetido a sessões de densificação vibracional, nas vezes em que saía do corpo físico através do sono.

A densificação limitava ainda mais a minha consciência, afastando-me dias, meses, e até anos do despertar da consciência imortal.

O processo estava dando certo, mas ainda não tinha sido suficiente para fazer a sintonia total com o corpo físico. Era preciso fazer algo mais.

Certo dia, um dos cientistas da equipe encarregada do projeto andava por uma fazenda vizinha da que eu morava. Trajava um macacão de cor prateada.

Ele passou por um curral cheio de cabras e ficou encostado na cerca de madeira escura, envelhecida pelo tempo, observando um trabalhador rural que ordenhava uma cabra.

Tanto o ordenhador quanto os animais ali presentes não percebiam a presença do cientista extraterrestre, pois este se encontrava em outra dimensão, tornando-o invisível a olhos comuns.

O cientista aproximou-se do balde que estava recebendo o leite. Olhou atentamente aquele líquido branco, espumando a cada jato extraído do animal pelas mãos habilidosas do ordenhador.

Sua curiosidade fez com que apanhasse um pequeno aparelho que estava preso a seu cinto. Este aparelho continha uma tela de imagens coloridas.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Apontou-o, então, para o leite e examinou a densidade do código genético. Registrada a freqüência dimensional, o cientista chegou à seguinte conclusão: bastava que eu ingerisse aquele leite para entrar na freqüência do corpo físico e assim, o problema estaria resolvido.

Os cientistas astrais encarregados de cuidar do meu corpo inspiraram meus pais para que estes me alimentassem com leite de cabra, o que veio acontecer no dia seguinte.

Eu tinha quase um ano de idade embora minha consciência estivesse entorpecida (como a de qualquer ser humano daquela idade), vasculhava, algumas vezes, na profundidade do meu ser, a fronteira do inconsciente e de lá trazia reminiscências de um passado distante. Pensava comigo mesmo: "Que mundo estranho é este em que estou?"

Passaram-se os anos e eu não morava mais na fazenda. Minha família mudava-se tanto de residência que se tornou difícil guardar as lembranças dos lugares em que morei. Mais uma vez, fixamos nova moradia, em um bairro da cidade de Goiânia.

Eu completara onze anos. Estava na escola, mas os estudos não iam bem, devido aos ataques que vinha sofrendo por falanges de seres das sombras.

A Unidade Prata protegia-me constantemente, mas sua ação direta era dificultada pelo fato de eu estar no plano físico e eles no plano astral.

Neste ponto, as trevas levavam vantagem, pois tinham o controle do mundo físico da Terra e atuavam diretamente através de seus adeptos no plano físico.

Fui atacado de diversas maneiras mas, geralmente, dava-se por meio de acidentes, doenças ou ataques fora do corpo.

Nas proximidades da minha nova moradia havia um campo todo cercado de arame. Alguns dias após chegarmos de mudança, comecei a ter sonhos, e nestes sonhos eu ia até o campo e via várias naves pousando. Delas saíam seres de outros mundos.

Aos dezesseis anos, mudanças estranhas começaram a acontecer com minha consciência. Tais mudanças faziam com que eu entrasse em outras realidades existenciais até que, um certo dia, ocorreu algo que mudou minha vida.

Já ao cair da tarde, algo começou a acontecer. Experimentava uma sensação diferente em minha cabeça. Era um pulsar, que começou lentamente e depois foi acelerando o ritmo. As

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

batidas eram de baixo para cima, dando a impressão de que algo iria sair pelo topo da minha cabeça.

Após alguns minutos, fui envolvido por uma sonolência irresistível. Pensei em deitar e dormir um pouco.

Entrei no quarto e tranquei a porta. Abri a janela para aumentar a ventilação, pois o calor era enorme. Tirei a camisa, colocando-a em cima do meu rosto, a fim de proteger-me da luminosidade.

Passaram-se alguns instantes e a sonolência acabou. Os meus pensamentos fluíam com uma facilidade incomum e produziam um som que ecoava em minha cabeça. O ecoar transformou-se em um barulho tão alto que parecia uma turbina de avião.

Assustei-me e pensei em levantar, mas não consegui. Meu corpo estava totalmente entorpecido. Entrei em pânico e gritei por socorro, mas minha boca também não se movia, apesar de ter escutado o som da minha voz, que parecia vir dos meus pensamentos.

Quando notei que meus gritos não chamavam a atenção de ninguém, calei-me e pensei: "Será que morri? Mas isto não é possível, minha saúde está ótima!"

Juntei todas as minhas forças e, num só golpe, levantei-me.

Fui surpreendido por um fenômeno que até então desconhecia. Havia saído do corpo físico e estava flutuando logo acima dele.

Maravilhado e ao mesmo tempo confuso com o que estava acontecendo, pensei: "Como pode ser? Estou fora do corpo e, tão leve, que até posso voar!"

Procurei me concentrar para descer e pisar o chão. Já de pé ao lado do corpo, que dormia na cama, andei pelo quarto, tentando compreender o que se passava comigo. Notei que meu raciocínio estava bem mais rápido e minha auto-análise mais crítica. Refleti: "Isso não pode ser um sonho, é muito real. Sei quem sou, onde estou e o que faço."

Olhei detalhadamente o meu quarto e notei que as paredes, como também os objetos, continuavam idênticos aos do plano físico.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Uma súbita curiosidade me fez querer saber como seria o contato com alguém, estando eu fora do corpo. Fui ao encontro da porta, pensando se conseguiria abri-la com um simples esforço.

Levei minha mão direita em direção à maçaneta, mas a surpresa veio quando pude observar minha mão passando através dela. Então pensei comigo mesmo: "Que fantástico! Posso passar através dos objetos físicos!"

Comecei a passar através da porta, experimentando uma sensação agradabilíssima de sutilização e leveza. Saindo do quarto, fui em direção à sala-de-estar, à procura de alguém. Escutei vozes vindas da cozinha e fui até lá.

Vi meus avós e pensei: "Eles não vão acreditar no que está acontecendo comigo!"

Minha avó estava de pé perto do fogão, preparando o jantar. Conversava descontraidamente com meu avô, que se encontrava sentado em uma cadeira. Chegando perto dela, disse:

- Está acontecendo uma coisa muito estranha comigo. Fui dividido em dois. Existe uma outra cópia de mim, dormindo lá no quarto.

Outra surpresa: Nenhum dos dois parecia notar a minha presença.

Fiquei um pouco angustiado e voltei para o meu quarto onde, novamente, avistei meu corpo físico deitado na cama, inerte como uma rocha.

Calculei que, se eu deitasse em cima do corpo, talvez conseguisse acordar.

Após deitar-me, passaram alguns segundos e senti novamente o entorpecimento que havia me paralisado. Esforcei-me para vencer tal estágio e, finalmente, consegui acordar, todo coberto de suor.

Pensativo e fascinado com a experiência, levantei da cama. Logo pensei em contar para alguém, mas depois de avaliar melhor, cheguei à conclusão de que nenhum conhecido meu acreditaria naquela história.

A tarde havia acabado e as primeiras estrelas brilhavam no firmamento. Eu esperava ansioso pela hora de dormir, na expectativa de que voltasse a sair do corpo.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Chegada a hora, deitei-me e esperei que algo acontecesse. Em poucos minutos comecei a sentir coisas estranhas. No início tive a sensação de estar deitado na areia da praia, enquanto ondas de um líquido energético banhavam minhas pernas até envolverem todo o meu corpo.

Surgiu um som dentro da minha cabeça. Parecia uma orquestra de cigarras cantando. O som foi ficando cada vez mais alto e o ritmo acelerou ainda mais. Meu corpo começou a vibrar até que flutuei para fora do corpo. Repetindo a experiência de ver meu corpo deitado logo abaixo de mim, pensei: "A vida esconde tantos mistérios que só o tempo e acontecimentos fantásticos podem revelar."

Jamais, em minha curta vida, sequer imaginei que existissem outros mundos ou universos diferentes daquele em que eu vivia. No entanto, encontrava-me diante de um mundo desconhecido, pronto a ser desbravado.

Passei a noite inteira traçando planos, a fim de estudar o mundo que acabara de descobrir.

O dia estava surgindo nos primeiros raios do nascer do sol e aproximava-se a hora de voltar para o corpo.

Sentado no sofá, pensava como era interessante o fato de que os objetos físicos pudessem ser atravessados. Entretanto, se desejasse, faria com que eles se tornassem impenetráveis, caso contrário eu não poderia estar sentado neste sofá, ou até mesmo afundaria chão adentro.

Eram realmente muitas coisas a aprender nesse novo mundo.

De repente, o inesperado: acordei.

Levantei rapidamente da cama, recapitulei as coisas ocorridas quando estava fora do corpo. Sabia que minha vida mudaria muito se tudo isso continuasse a acontecer.

No trabalho, durante todo o dia, fiquei tentando entender o porquê daquilo estar acontecendo comigo, mas não encontrava nenhuma resposta.

Novamente chegara a hora de dormir. Fui visitado pelo entorpecimento, que arrebatou-me para fora do corpo.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Uma maravilhosa sensação de liberdade e leveza tomou conta de mim. Queria, desta vez, sair de casa e ver como seria o mundo lá fora. Fiquei próximo à parede, preparando-me para atravessá-la.

Devagar, fui enfiando minha cabeça na parede. Vi o reboco, o tijolo, outra vez o reboco, até que avistei a paisagem fora da casa, e atravessei totalmente a parede.

Lá fora estava muito escuro, num breu quase total. Isto chamou-me a atenção. Pensei: "Não sei como, mas consigo sentir que corro perigo aqui. Apesar desta escuridão terrível, tenho que continuar a excursão."

Fui até o portão e fiquei a observar os seres que andavam pela rua. Notei que a maioria deles tinha parte do corpo com forma de animal.

Estando na rua, fui inesperadamente abraçado por uma mulher muito bonita, que estava totalmente despida.

Quando dei por mim, estava todo amarrado, como se estivesse num casulo de cordas. A mulher ficou na minha frente e começou a transfigurar-se, tomando uma forma animalesca.

De repente, estava cercado por seres trevosos, que sugaram minhas energias vitais, machucando-me muito.

Entrei em pânico e, após me debater no chão, consegui soltar as cordas que me prendiam. Instantaneamente voltei ao corpo físico.

Acordei com medo e muito assustado. Apesar de ainda ser noite, não quis voltar a dormir. Fiquei sentado, ou até mesmo andando, com receio de pegar no sono e sair do corpo outra vez.

O sol estava nascendo e o meu semblante denunciava a noite perturbada que eu havia passado. Durante o dia tive várias sensações estranhas. Fiquei, de certa forma, traumatizado com o ocorrido.

A próxima noite estava por vir. O medo tomou conta de mim. Pensei: "Não posso dormir, senão uma surra me espera lá fora do corpo."

Com muita dificuldade, fiquei acordado a noite inteira.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Após uma noite e meia sem dormir, via-me inseguro se conseguiria passar outras tantas horas sem cair no sono.

Sem que fosse do meu desejo, fui envolvido pelo entorpecimento que veio ejetar-me para fora do corpo.

Ao sair, fui recepcionado pelos mesmos seres que outrora me machucaram.

Durante vários dias, bastava que eu saísse do corpo para ser agredido e energeticamente sugado por entidades negativas.

Fui ficando doente e anêmico, até que um dia, farto de tanto ser atacado, resolvi mudar a situação.

Primeiramente, comecei a observar todos os meus pensamentos, sentimentos, atos e palavras. Estudei cada ação minha, chegando, enfim, a uma conclusão.

O motivo pelo qual eu estava sempre sendo atacado era o desequilíbrio interior.

Seria necessário que eu começasse um trabalho radical de educação das minhas emoções e dos instintos animalizados para, com isso, poder sair do corpo sem ser molestado.

Durante os dias que se seguiram, passei a realizar tal trabalho. Percebi que não bastava apenas reprimir minhas emoções. Precisava educá-las, substituindo comportamentos destrutivos por positivos.

Em dois meses havia conseguido, com meu novo comportamento, a libertação dos ataques trevosos. A partir daí, sempre que saía do corpo físico, ia para dimensões mais sutis. Contudo, ainda não sabia o que fazer com esta minha capacidade.

Certo dia conversava com um amigo e, distraído, disse a ele que conseguia sair do corpo e ir aonde quisesse. Após algumas gargalhadas, ele olhou-me e disse:

- Você está vendo muita televisão!

Com a expressão séria e ar solene, fixando-me em seus olhos, disse:

- Você que é meu amigo e me conhece, não acredita em mim. Imagine o que dirão aqueles que não me conhecem!

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Dirão que você está com um parafuso a menos na cabeça! - retrucou.

Desafiando-o, perguntei:

- E se eu der uma prova do que falo, você acreditaria em mim?

Ele concordou, mas quis saber como eu provaria que realmente saía do corpo.

- Posso hoje, durante a noite, visitar a sua casa e observar tudo que você fizer, para depois confirmarmos.

Com a aprovação dele, combinamos a hora exata para a "visita".

Quando chegou a noite, eu saí do corpo minutos antes do horário marcado. Fui à casa do meu amigo e, chegando lá, percebi que ele não estava. Fiquei em seu quarto, esperando que ele chegasse.

Ouvi barulhos de passos e a porta se abriu. Era o próprio, entrando no quarto e fazendo palhaçadas:

- Aldomon-Fantasma! Você está aí? Dê-me um sinal! - falou com zombaria.

Pensei comigo mesmo: "Se eu pudesse, te daria um susto inesquecível!"

Fixando uma folha de papel à parede com fita adesiva, ele escreveu algumas palavras e disse:

- Aldomon, se amanhã você falar as palavras que estão escritas aqui, eu acreditarei que você, de fato, sai do corpo.

No dia seguinte, eu o encontrei. As primeiras palavras que pronunciei foram as escritas por ele naquele papel.

Meu amigo ficou chocado e prometeu ajudar-me a descobrir coisas sobre saídas do corpo.

O tempo passou e senti uma misteriosa vontade de mudar para Brasília, o que veio acontecer em alguns dias.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Já em Brasília, através de uma apostila que me foi fornecida por um amigo, pude conhecer melhor a ciência que estuda a saída do corpo. Li atentamente seu conteúdo, até encontrar a parte em que constava o nome do representante da instituição que publicara a apostila.

Durante algum tempo, mantive inúmeros contatos com o professor, o qual me ensinou o que fazer com a saída do corpo (também chamada de projeção astral).

Certa noite, após deixar meu corpo físico, escutei um barulho incomum que parecia vir do céu. Luzes douradas entravam pela janela e me ofuscavam a visão.

Não senti medo em saber de onde vinham as luzes e o barulho pois, no meu íntimo, tinha a sensação de já ter vivido muitos encontros, com aquilo que parecia ser uma nave espacial. Tal sensação passava-me imperturbável segurança.

Um círculo dourado começou a brilhar no teto da casa, até que por ele desceu um raio cilíndrico de energia dourada. De dentro deste cilindro, saíram dois seres vestidos em macacões prateados. Suas cabeças estavam cobertas por capuzes da mesma cor, os quais tinham visores escuros na altura dos olhos.

Ambos retiraram seus capuzes. Eram uma mulher e um homem, que transpareciam uma altíssima evolução.

Seus traços eram perfeitos. Cabelos dourados como ouro e olhos de um azul celeste resplandecente.

A mulher veio até mim e falou:

- Aldomon, já chegou o tempo de despertar a memória de sua consciência adormecida.

Perguntei:

- Quem são vocês? Eu não estou entendendo o que querem dizer.

Então veio a explicação:

- Fazemos parte de um comando extraterrestre, do qual você também faz parte. Mas, infelizmente, ao nascer em um corpo da Terra, você ficou temporariamente com amnésia interdimensional.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Continuei ouvindo atentamente:

- Seu despertar é exatamente recobrar parte da memória que possuía antes de nascer aqui neste planeta. Você tem uma missão a cumprir no plano físico e, para isso, sua preparação começa agora. A cada noite em que você se projetar, será submetido a um tratamento intensivo.

Indaguei a respeito do treinamento, e me disseram que seria de tantas maneiras, que eu ainda não conseguiria compreender suas explicações.

A mulher tirou do bolso de seu macacão um pequeno aparelho, parecido com um relógio de pulso sendo que, no lugar dos ponteiros, havia apenas um botão.

Ela explicou-me que aquele aparelho estava ligado a uma nave, que enviaria energia quando ele fosse acionado. Pediu que eu estendesse o braço para adaptá-lo ao meu pulso.

Intuitivamente, senti que poderia confiar neles. Era como se já os conhecesse há bastante tempo.

Após colocar o aparelho, eles se despediram e desapareceram junto com o raio de energia dourada.

Voltei para o corpo físico. Ainda era madrugada e, antes que voltasse a pegar no sono, pensei por alguns instantes no aparelho que acabara de receber.

O treinamento fora do corpo tornava-se a cada dia mais intenso, através de vários instrutores astrais.

Em uma noite aprendia defesa e ataque energético; na noite seguinte aprendia a fazer mudanças dimensionais.

As semanas foram passando, até que comecei, efetivamente, a trabalhar fora do físico.

Em uma das minhas projeções astrais, andava por uma rua da quinta dimensão quando, sem que eu esperasse, escutei uma voz metálica ao meu ouvido:

- Aldomon, precisamos de você. Aperte o botão do aparelho que está em seu pulso para que o sistema de combate seja acionado.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Segui as instruções recebidas, e vi minhas mãos começando a brilhar. Um reflexo fez com que, automaticamente, eu colocasse as mãos em volta da cabeça.

Ao fazer este movimento, dois raios elétricos saíram das minhas mãos, entraram por minha cabeça e desceram por todo o corpo.

Baixei os braços, sentindo que meu corpo estava ficando rígido como se fosse feito de aço. Em seguida, comecei a girar e tudo escureceu.

Quando dei por mim, estava em uma sala com pouquíssima luminosidade. As paredes pareciam ser feitas de algum tipo de metal cinza-escuro.

Rapidamente, a parede foi quebrada por uma criatura que tinha a forma descomunal. Calculei uns três metros de altura por dois de largura. Sua aparência era monstruosa e eu sabia que ele queria me pegar.

Antes que ele percebesse, agi rápido como um relâmpago, pegando um dos braços da criatura e arremessando-a para longe.

Pensei: "Nossa! Como a energia do aparelho me fez ficar forte! Aquele ser parecia leve como isopor!"

Saí correndo da sala passando pelo buraco que fora feito na parede.

Subitamente, percebi o que estava acontecendo, através de informações que vinham do meu inconsciente astral, e indicavam que eu me encontrava dentro de uma base negativa e que deveria aprisionar todos os que fizessem parte daquela organização.

Percorri um longo corredor, até que avistei perto da parede, à minha direita, gigantescos tubos de ensaio. Tinham de três a quatro metros de altura e dois a três metros de largura.

Alguns continham criaturas ainda em formação, as quais estavam sendo geradas em laboratório.

Surgiram, repentinamente, soldados com forma humana, vindos de portas espalhadas ao longo do corredor. Trajavam uniformes de cor cinza-escuro, feitos de um tecido parecido com o brim.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Feixes de raios vermelhos cruzaram o corredor tentando me atingir. Notei que os soldados seguravam bastões de onde os raios saíam.

Um deles acertou-me com um raio, porém nada senti. Assim sendo, corri em sua direção e derrubei-o com um golpe. Tomei seu bastão e segui velozmente pelo corredor. Usando o bastão, atirei nos soldados que encontrava pela frente.

Chegando a um local que parecia ser a portaria do prédio, deparei-me com quatro portas feitas de material transparente que, por sinal, era muito resistente.

Fui cercado por muitos soldados e, novamente, houve luta corporal.

Entretanto, a minha força era tanta que podia arremessar os oponentes a muitos metros de distância.

Após vencer todos que estavam nas proximidades da portaria, fui correndo rumo à porta, com a intenção de derrubá-la.

Ao receber o impacto do meu corpo, a enorme porta tombou ao chão, com um barulho trovejante. Apressado, passei por cima dela e dirigi-me à cerca de arame que havia em volta do prédio.

Estrondosos tiros de metralhadoras foram disparados aproximadamente a duzentos metros além da cerca.

Aproximando-me, pude identificar um outro exército tentando entrar na base, todavia estavam sendo impedidos pela segurança da base, cujo esquema envolvia também um campo-de-força eletromagnético instalado na cerca.

Ocorreu-me que poderia pular ou derrubar a cerca. Preferi derrubá-la, mas para tal, precisava concentrar-me a fim de aumentar o campo eletromagnético da minha aura.

Toquei a cerca com as mãos e dei uma descarga de energia psico-elétrica. Com isso, o campo eletromagnético foi desativado e pude derrubar parte da cerca.

Pude observar dezenas de soldados, vestidos em macacões de cor azul-celeste, atirando no prédio com metralhadoras. Não tive receio algum, pois sabia que eles estavam do meu lado.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Foram, então, atravessando a cerca derrubada. O comandante do pelotão azul veio até mim e falou:

- Graças a Deus atenderam nosso pedido de socorro e enviaram você aqui! A coisa estava realmente feia, pois há dias estamos tentando entrar nesta base científica das trevas.

Expliquei:

- Meu nome é Aldomon. Estava andando perto da minha casa, quando algumas coisas aconteceram e, de repente, vim parar aqui. Nem mesmo sei onde estou, apesar de saber que vocês também fazem parte do Exército da Luz.

- Você está na América Central, ajudando-nos a destruir uma organização muito perigosa. Já faz alguns anos que vários integrantes desta organização trabalham no desenvolvimento de criaturas muito fortes que, geralmente, são utilizadas por comandos mafiosos para amedrontar e controlar os habitantes de certas regiões de vários países, chegando até mesmo ao ponto de controlar habitantes do plano físico.

Enquanto fiquei conversando com o comandante azul, seus soldados levavam os prisioneiros para os veículos. Ao mesmo tempo, outros soldados preparavam explosivos para destruir o prédio da base negativa.

De repente, um estrondo. O prédio virou poeira depois da explosão.

Notei que também havia algumas mulheres entre os soldados do pelotão azul. Uma delas, que parecia ser a mais experiente, veio em minha direção. Percebi um certo ar de curiosidade em seu rosto. Ao aproximar-se, perguntou:

- De onde você vem?

"- Do Brasil. Você conhece?" - respondi atencioso.

- Sim, já estive por lá algumas vezes. Você fez um belo trabalho aqui. Onde aprendeu a lutar daquele jeito?

Um pouco confuso, disse:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Não sei. Estou vivendo no mundo físico, mas ainda não recobrei a memória das vidas anteriores. Vez ou outra acontece de eu fazer coisas que não sei onde ou quando aprendi. Mistérios como este às vezes me deixam bastante confuso.

Ela sorriu e perguntou:

- Qual é o seu nome?

- Aldomon. E o seu?

- Simone.

- Muito prazer em conhecê-la. Apareça no Brasil qualquer dia destes para conversarmos mais! - falei, bem-humorado.

Uma nave triangular pairou no céu logo acima de mim. Despedi-me do comandante azul e de Simone para, em seguida, teleportar-me para a nave.

Já estando sentado na poltrona do controle, notei que estava sozinho. A nave havia chegado ali através do piloto automático. Refleti: "Eu não sei pilotar nave! O que vou fazer agora?"

Instantaneamente, uma voz apareceu dentro da minha cabeça, orientando-me:

- Eleve seu padrão vibracional para que eu possa entrar em sintonia com você.

Perguntei quem estava falando comigo, quando a voz interior me explicou que era a consciência do meu corpo mais sutil.

Obedeci às instruções e elevei meu padrão vibracional.

Subitamente, minha consciência começou a mudar e, como num toque de mágica, eu sabia como pilotar. Ajustei os controles e parti rumo ao Brasil.

A noite estava estrelada e havia pouquíssimas nuvens no céu. Alguns poucos seres voavam pelo firmamento e não detectei presença de outras naves nas proximidades da rota de vôo.

Pelo monitor, avistei a Floresta Amazônica e, num instante, estava sobrevoando o Brasil.

Parei a nave um pouco acima da minha casa e voltei para o corpo físico rapidamente.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Acordei envolvido por uma imensa satisfação.

Havia meses que quase todas as noites, eu usava o aparelho adaptado ao meu pulso em batalhas contra as trevas.

No final do ano, viajei de férias.

Em uma das cidades em que fiquei pude perceber que, mesmo estando no corpo físico, as vibrações astrais da região eram muito baixas.

Certa noite, ao projetar-me, fui atacado por entidades agressivas. Pensei que fosse fácil vencê-las. Bastaria que ativasse o energizador para ficar super forte.

Olhei para o meu pulso, à procura do pequeno aparelho. Fui surpreendido, pois ele não estava mais lá. Fiquei pensativo, afinal apenas os extraterrestres conseguiriam retirá-lo.

Estando eu em desvantagem, voltei para o corpo físico instantaneamente.

Enquanto não esclarecia com os extraterrestres o desaparecimento do aparelho, passei algumas noites projetando-me apenas para dimensões astrais mais sutis, onde não corria o risco de ser atacado.

Terminadas as férias, regressei a Brasília.

Minha primeira noite após a chegada, saí do corpo e encontrei novamente a mulher extraterrestre que havia colocado o aparelho em mim.

A primeira coisa que perguntei a ela foi o motivo do desaparecimento do energizador. Veio a explicação:

- É necessário que você desenvolva sua própria fonte de energia.

- Mas, de onde vou retirar tanta energia? - perguntei, curioso.

Sorridente, ela respondeu:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Você ainda irá descobrir muitas coisas sobre si mesmo. Coisas que foram esquecidas devido à amnésia temporária. Ao longo de várias vidas, você adquiriu diversas capacidades, as quais foram adormecidas no esquecimento.

Um pouco confuso e cheio de curiosidade, insisti em perguntar de onde viria a energia que passaria a alimentar meus poderes fora do corpo. Atenciosa, ela respondeu:

- Você irá desenvolver uma energia conhecida no plano físico como Kundalini.

- Como irei conhecer essa energia? - perguntei.

Percebi que os olhos dela brilharam, pois havia notado meu sincero interesse.

- Procure mais informações no plano físico a respeito dessa energia, e prepare-se para ativá-la em si próprio.

A mulher espacial despediu-se de mim e desapareceu dentro de um espiral de energia brilhante.

Pela manhã, já no corpo físico, lembrei que tinha um amigo conhecedor de coisas esotéricas. Era bem provável que ele soubesse algo sobre a energia Kundalini.

Quando pude encontrá-lo, tive a oportunidade de coletar nomes de alguns livros existentes, em língua portuguesa, nos quais constavam informações sobre a Kundalini, uma energia bastante desconhecida no Ocidente.

Li atentamente os livros, mas fiquei decepcionado. Nenhum deles passava técnicas de como lidar diretamente com a referida energia.

Um deles, chamava-se "O Despertar da Kundalini".

Neste livro, aprendi teoricamente que a Kundalini é uma energia ígnea muito poderosa, que sobe da base da coluna vertebral até o topo da cabeça, onde circula, para depois regressar à base da coluna.

Também constava que a Kundalini, quando despertada em plena harmonia, pode provocar o surgimento de diversas faculdades psíquicas (paranormais). Porém, se despertada de maneira errada, provoca terríveis desequilíbrios, que poderiam ser de ordem mental ou até mesmo causar a morte física.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Concluída a leitura do livro, acreditei ainda serem insuficientes as informações nele contidas.

Em uma noite em que o céu transbordava de estrelas cintilantes, fui arrebatado suavemente para fora do corpo. Notei que a vibração da dimensão astral em que me encontrava era bastante alta. Procurei senti-la apuradamente, a fim de identificá-la. Já sabia que estava na décima dimensão, onde conseguiria voar ou materializar energias psíquicas.

Atravessei rapidamente o teto da casa, voando em direção ao céu. Fiquei extasiado com a beleza das estrelas.

Expandi minha visão, e pude avistar uma infinidade de galáxias espalhadas ao longo do Universo. Pude refletir: "Diante da liberdade que tenho agora, contemplando as belezas do Infinito, compreendo o porquê de, quando estou no corpo físico, às vezes me sentir triste, como se fosse prisioneiro de um cárcere, cujas grades são as limitações do corpo de carne."

Contudo, naquele instante, sentia-me muitíssimo feliz por ter a liberdade de sair do corpo e conhecer outros mundos, dimensionais ou espaciais, aprendendo na prática sobre a existência de várias realidades.

Tive minha meditação interrompida por uma voz feminina desconhecida, pronunciando meu nome.

Olhei ao meu redor e deparei-me com uma bela mulher, de cabelos curtíssimos cor-de-prata polida, que refletiam o brilho das estrelas. Trajava um vestido amarelo-ouro e, em seus olhos vermelhos como dois rubis brilhava um poder misterioso.

- Quem é você? E como me conhece, já que chamou-me pelo nome? - perguntei.

Sua voz trovejante ecoou no céu, com autoridade:

- Eu o conheço de um passado distante, cujas lembranças você não tem. Meu nome não importa, pois sou conhecida por vários nomes, que dependem do lugar e do tempo em que apareço.

Tive total confiança nela, mesmo sem lembrar de onde a conhecia. Sua presença causava uma agradável sensação. Fui tomado por uma irresistível curiosidade:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- O que você quer comigo?

Amavelmente, ela respondeu:

- Eu vim para despertar sua energia Kundalini, para que você tenha o poder.

Bastante surpreso, quis saber que poder era aquele a que se referia.

- O poder advindo da iluminação cósmica. - esclareceu.

Apesar da minha ignorância em relação aos assuntos espirituais, estava sedento de informações. Indaguei:

- O que é iluminação cósmica?

- Você saberá o que significa quando acontecer. Partirei agora, mas voltarei a procurá-lo. Mudarei a sua vida, e você jamais será o mesmo.

A mulher transformou-se em uma agitada labareda cor de rubi, e dissipou-se no ar, desaparecendo por completo.

Estava, de certa maneira, feliz com as promessas de mudança de vida que ouvira daquela misteriosa mulher. Entretanto, fiquei pensativo e um pouco receoso, pois não fazia idéia alguma do que seria a iluminação cósmica.

Três dias se seguiram e eu encontrava-me projetado, andando às margens de um lago sereno, cercado por uma das florestas de pinheiros do Canadá.

A noite era de lua cheia. Absorto com a paisagem, divagava envolvido pelo espetáculo da criação realizado pelos elementais da natureza.

No céu, as fadas brilhantes bailavam sobre as águas espelhadas do lago, que refletiam em si a luz do luar.

Escutava um coro de vozes estridentes, cuja beleza e encanto podiam hipnotizar. Eram as ondinas, sentadas sobre as pedras às margens do lago. Suas formas eram semelhantes às de pequenas sereias. Elas presenteavam o ambiente com suas lindas melodias.

Diante dos meus olhos surgiu uma labareda. Pensei: "Deve ser a mulher da Kundalini!"

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Eu estava certo. Ela aparecia como outrora, falando com autoridade e energia:

- Aldomon! Hoje sua Kundalini será ativada!

Fiquei calado, observando-a atentamente.

Ela levantou seu braço direito e apareceu em sua mão um punhal luminoso.

Um raio energético saiu do punhal em minha direção, envolvendo meu corpo por completo e fazendo com que ele vibrasse. De súbito, fui lançado par fora do meu primeiro corpo astral, o qual ficou de pé, imóvel como uma estátua.

Pela primeira vez tive consciência de que não possuía apenas um corpo astral.

Meu poder mental era bem mais ampliado estando eu no segundo corpo astral.

A mulher de olhos vermelhos aproximou-se e entregou-me o punhal. Segurei com firmeza e curioso, examinei-o em seus mínimos detalhes.

Seu cabo era do mais puro ouro, trabalhado em alto-relevo. Sua lâmina era de prata polida. Ao contemplá-la, admirando a perfeição de seu acabamento, pude notar uma gravura de um homem em baixo-relevo. A fisionomia deste homem assemelhava-se à de uma estátua antiga do deus grego Apolo. Contudo, havia uma diferença marcante: o homem do desenho tinha uma serpente naja enrolada em seu corpo.

Perguntei à mulher qual era o significado daquele símbolo, e ela explicou-me que aquele era o punhal da serpente de fogo, símbolo do domínio da energia Kundalini que, quando despertada, sobe enrolando-se pelo corpo, tal uma labareda serpentina.

Inexplicavelmente, veio à minha cabeça o que deveria fazer com aquele punhal.

Segurei-o em minha mão direita e aproximei-o do meu primeiro corpo e, com um golpe preciso, enfiei o punhal na base da coluna vertebral.

Com o fio de sua lâmina, percorri toda a coluna vertebral, de baixo para cima, parando brevemente no topo da cabeça.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Em seguida, cravei toda sua lâmina no crânio. O cabo do punhal começou a brilhar cada vez mais, transformando-se em um magnífico sol dourado, cuja luz clareou todo o ambiente à margem do lago, onde estávamos.

Após alguns instantes, o punhal voltou ao seu estado anterior. Descravei a lâmina do topo da cabeça, fazendo com ela um trajeto até a ponta do nariz.

Concluída a operação, devolvi o punhal à mulher, que já havia se transformado em labareda.

Pouco antes de desaparecer, ela disse que voltaria a me encontrar para continuar o desenvolvimento.

Os raios do sol brindavam o alvorecer de mais um dia.

Eu, em minha cama, novamente abria os olhos para o mundo físico. Espreguicei-me, assumindo o controle do corpo.

Sentia-me tão diferente, era como se algo tivesse alterado profundamente a minha consciência.

Vasculhando a memória, lembrei-me dos encontros que tivera com a mulher de fogo. As recordações vieram tão fortes e vivas que sua voz parecia ainda ecoar em minha consciência, dizendo-me: "Eu mudarei sua vida e você jamais será o mesmo".

Só então pude compreender o motivo de tanta estranheza em relação a mim mesmo. O dia que se iniciava era um marco em minha vida.

Antes mesmo que eu pudesse levantar da cama, fui envolvido por uma luz extremamente forte que ofuscou-me totalmente.

Pensei: "Se fosse em outros tempos, eu ficaria tomado de pavor. Mas agora, não. Tornei-me outra pessoa."

A luz diminuiu de intensidade, possibilitando aos meus olhos identificar sua origem. Era um sol, uma espécie de miniatura daquele que ilumina o planeta Terra.

Ele começou a se comunicar comigo, através de telepatia, chamando-me pelo nome.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Sem que eu precisasse pronunciar uma palavra sequer, perguntei:

- Quem é você?

A resposta veio, em uma voz que transmitia infinita sabedoria e serenidade:

- Eu sou a essência da sua vida. Sem mim você não existe, mas eu existo sem você. Sua natureza é efêmera e mutável, que vive, transforma-se e deixa de existir, enquanto a minha é eterna e infinita, que em tudo se manifesta, alimentando e sentindo todas as vidas que pulsam na Criação. Você existe para mim, pois sou seu Eu Superior.

Fiquei profundamente surpreso e um tanto abalado com a revelação.

- Por que só agora me procura, se já faz algum tempo que vivo neste corpo, sofrendo terríveis limitações conscienciais, sem contar as outras? - indaguei.

Ele então falou-me com ternura:

- Eu sempre estive com você, falando por meio de sua consciência. Apesar de você sempre me escutar, raramente me dava ouvidos. Na maioria das vezes, era sufocado e silenciado, mas agora você me atende, e comigo quer aprender sobre as coisas da vida. Estarei com você até que sejamos um.

Inesperadamente, o sol entrou por minha cabeça e desapareceu. Entretanto, deixou sua presença em minha consciência e em meu coração.

Deste dia em diante, jamais me senti só, pois dentro de mim escutava a voz sem som, que incansavelmente me ensinava as leis da criação.

Pude ter acesso a respostas que jamais imaginara existirem.

O contato contínuo com meu Eu Superior fizera em mim uma radical mudança, como se dia após dia eu nascesse de novo, tornando-me totalmente diferente do que eu era.

Fui motivo de choque e espanto para as pessoas que conviviam comigo que, em pouco tempo perceberam que eu me tornara um estranho, não apenas a eles, mas também para o mundo em que viviam. De uma hora para outra, senti-me um estrangeiro que, subitamente, aparece em uma terra desconhecida e percebe que a maioria de seus habitantes parecem viver imersos na inconsciência de si mesmos.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Por muitas vezes, em minhas meditações, fui presenteado com a voz complacente do Eu Superior, atuando em minha consciência e sintonizando-a com as realidades existenciais cada vez mais sutis. O contato com realidades mais evoluídas tornava minha consciência cada vez mais ampliada.

Uma semana havia passado desde o primeiro contato com o Eu Superior.

Estava fora do corpo físico, em meu quarto, quando de repente a mulher de fogo entrou pela parede. Parecia apressada, e foi logo dizendo:

- Volte para o corpo físico. Hoje você irá elevar a Kundalini.

Regressei imediatamente ao corpo e, deitado na cama, pus-me a esperar.

Passados alguns instantes, comecei a ter a sensação de existir uma coroa de energia no alto da minha cabeça, lançando um raio que rapidamente desceu pela coluna vertebral até o cóccix. De imediato tive o controle da circulação das energias psico-elétricas do meu organismo.

Um tanto quanto alheio à minha vontade, puxei a energia central da espinha, de baixo para cima.

Quando a energia bateu na cabeça, abriu-se um universo interior.

Neste momento, enxerguei com os olhos do espírito. Dentro de mim, vi galáxias, constelações e planetas.

Senti que aproximava-se o momento da fusão do meu microcosmo com o macrocosmo.

Quando tive este pensamento, duas outras energias começaram a subir pela coluna vertebral. Uma era yin, e a outra yang. Ao entrarem em minha cabeça, foram transferidas para o meu microcosmo. Quando as duas se tocaram, instantaneamente transformaram-se em um líquido dourado, o qual jorrou de forma suave, em meio ao meu universo interior.

Fui totalmente envolvido por um êxtase incomensurável.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

À medida em que o jorro aumentava, sentia como se todos os seres da Criação habitassem em mim, ao mesmo tempo em que eu me manifestava em todas as criaturas do macrocosmo. Tudo isso em uma fração de tempo que não havia como calcular.

Simultaneamente, eu era o falcão que voava alto em um país distante e também o vento no qual o falcão planava suas asas. Era a montanha que enfeitava o horizonte; habitava o sol a iluminar o sistema solar.

Senti a presença de Deus em mim, chegando à conclusão de que tudo que existe faz parte de Deus.

De repente, pude sentir que uma série de faculdades psíquicas tinham sido acionadas. Eu podia ver qualquer coisa que quisesse, bastando pensar para que surgisse em minha cabeça a imagem da coisa desejada.

Pude escutar os pensamentos de qualquer pessoa. Minha cabeça foi mudando de forma. Seu topo ficou pontiagudo. Pensei: "Nossa! Se minha cabeça não voltar ao normal, o que vou fazer?"

O líquido dourado desapareceu e o êxtase diminuiu. As faculdades recém adquiridas também foram desativadas.

Levantei-me da cama ainda sentindo um suave prazer cósmico.

Durante algum tempo fiquei sentado na cama, quase totalmente imóvel.

Minha cabeça estava envolvida por um turbilhão de pensamentos, vindos dos mundos mais sutis. Tais pensamentos faziam minha consciência expandir-se cada vez mais, interpenetrando e sentindo a consciência de outros seres, entrando em uma verdadeira empatia cósmica.

Deitei-me novamente, com a intenção de sair do corpo. Sabia que estava com uma vibração tão alta que naturalmente me projetaria para dimensões bastante sutis.

Comecei a flutuar lentamente para fora do corpo, e pude observar que ele havia se transformado em um brilhante sol dourado.

Todo o meu quarto ficou imensamente iluminado.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

De súbito, uma força desconhecida impulsionou-me para cima.

Não reagi, pois sabia que, com toda certeza, poderia confiar no que estava acontecendo.

Saí da atmosfera terrestre em altíssima velocidade. Logo atrás de mim formara-se uma cauda faiscante, que assemelhava-se a de uma estrela cadente.

Sem que eu percebesse, atravessei o sistema solar, passei velozmente entre as constelações da Via Láctea. Ao atravessar a galáxia, fiquei momentaneamente estacionado no espaço vazio que há entre as galáxias.

Esperava que alguma coisa surgisse perto de mim quando, a uns duzentos metros, um imenso espiral branco apareceu, sugando-me para dentro dele.

Ao ser inevitavelmente tragado, transitei por um túnel branco e prateado.

Terminada a travessia, identifiquei que estava em um mundo onde as formas eram inexistentes, a começar por mim mesmo. Meu corpo desintegrou, transformando-se em essência espiritual que, de imediato, fundiu-se ao mundo da essência da vida.

O mundo em que eu acabara de entrar possuía, em sua natureza, leis totalmente adversas às que regem o planeta Terra.

Sentia tantas coisas maravilhosas, impossíveis de serem transmitidas através das palavras que, mesmo que buscasse em todos os dicionários de toda a Criação, não teria como descrever uma fração do que eu estava vivendo naquele instante.

Sentia minha existência em Deus.

A partir das experiências naquele mundo da essência primordial de todas as coisas, passei a chamá-lo de "Mundo do Criador Absoluto", aquele que sempre existiu e sempre existirá.

Inesperadamente perdi a transmissão dos dados da memória, os quais estavam sendo transferidos da essência espiritual para o corpo físico.

Comecei a acordar no corpo físico, envolvido por uma agradabilíssima sensação de paz.

Com movimentos harmoniosos e lentos, levantei-me delicadamente da cama. Após minha higiene pessoal, sentei-me em uma pedra que ficava em frente à minha casa.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Em estado de semi-êxtase, contemplava as flores da única planta existente na fachada da casa. Era uma pequena roseira, que parecia exibir com felicidade os poucos botões que lhe restaram.

Com carinho, puxei um dos galhos podados da roseira e, com atenção, pude observar um minúsculo botão, que parecia dormir enquanto suas pétalas concluíam a formação. Pensei comigo mesmo: "De certa forma, sinto-me como este botão de rosa, pois também estou abrindo as pétalas da consciência para um novo mundo em minha vida."

Segurei com suavidade o talo do botão, colocando-o entre os dedos. Após alguns instantes, sem que eu quisesse, suas pétalas começaram a abrir numa velocidade espantosa.

Quando o botão ia se tornar flor por completo, resolvi soltá-lo, pois concluí que sua vida seria muito curta caso eu continuasse acelerando seu desenvolvimento. Refleti: "Não posso restringir a vida de uma rosa tão linda, que veio trazer beleza e fragrância tão agradáveis ao mundo."

Questionei-me quanto ao fato deste meu desenvolvimento consciencial, nesta velocidade, poder estar oferecendo algum risco ao meu corpo. Preferi deixar o próprio tempo responder sendo que, de qualquer maneira, não era meu desejo desacelerar o processo de expansão consciencial.

Fui para o trabalho, onde permaneci durante todo o dia. Era funcionário de uma oficina de fabricação de jóias, cujo proprietário era meu pai.

Almoçávamos lá mesmo e, naquele dia, algo muito estranho começou a acontecer. Quando o almoço chegou eu não estava com fome. Mesmo assim, insisti em comer.

De repente, uma dor dilacerante tomou todo o meu aparelho digestivo. Era um mistério a origem daquela dor, já que a comida era a mesma que estava sendo ingerida pelo meu pai, que parecia nada sentir.

Discretamente parei de comer e guardei meu prato. Passados alguns minutos, a dor desapareceu.

Durante uma semana fiquei sem comer nada, apenas tomando água.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Tal procedimento trouxe uma série de problemas familiares, o que não foi surpresa para mim.

Voltei gradualmente a me alimentar, mas uma radical mudança foi feita em minha dieta. Dali em diante, nenhuma espécie de carne poderia ser ingerida, ou mesmo qualquer substância tóxica.

Naqueles dias que passei em jejum, os extraterrestres submeteram-me a uma desintoxicação psico-física, por meio de aparelhagem interplanetária.

Certa noite, após ter deitado para dormir, fui surpreendido por uma equipe de cientistas extraterrestres. Embora estivessem invisíveis aos olhos físicos, pude vê-los através da clarividência. Contudo, não foi possível ver seus rostos, pois trajavam um macacão de cor branca, que estendia-se até seus capacetes.

Um deles colocou um aparelho em meus pés, enquanto outro colocava uma espécie de capacete em minha cabeça.

A clarividência possibilitava-me assistir toda a operação, como se eu estivesse do lado de fora do meu corpo, pois podia me ver deitado na cama, rodeado de cientistas.

Num dado momento, percebi que os aparelhos seriam ativados. Permaneci deitado, imóvel e com os olhos fechados, na expectativa do que iria acontecer comigo. Porém o que se seguiu não foi muito agradável.

Quando acionaram os aparelhos, levei uma descarga elétrica descomunal, a qual me levou a contorcer violentamente meu corpo, que encontrava-se em estado de choque.

Tudo aconteceu muito rápido, mas foi tempo suficiente para desmotivar-me a fazer outra seção.

Felizmente, escutei pela clariaudiência um dos extraterrestres comunicar-me que a operação estava concluída.

Ainda era noite, mas mesmo assim levantei da cama por alguns instantes e, a passos lentos e trêmulos fui em direção à cozinha, em busca de um copo d'água.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Meu coração batia muito rápido e descompassado. No entanto, após sorver os primeiros goles daquele líquido cristalino, as batidas foram gradualmente ficando serenas em meu peito.

Bem mais calmo, regressei à cama e deitei aliviado por não ter que tomar outro choque.

Sem dificuldade fui envolvido pelo sono.

No dia seguinte, levantei-me sentido meu corpo muito diferente. Era uma forte sensação de leveza, parecia que a metade do meu peso havia desaparecido. Consultando a balança, constatei não haver alteração alguma em meu peso real.

Também senti, de imediato, que minha memória havia mudado. Conseguia lembrar-me de coisas que até então ignorava. As lembranças recém-adquiridas foram retrocedendo no tempo que, em poucos minutos, meus dias de adolescência, como também da infância, passaram rapidamente diante de minha memória.

Então algo incrível aconteceu: rompi a barreira do meu nascimento e pude ver onde me encontrava antes de nascer.

Em um mundo não-físico eu existia, e lá fazia o planejamento para ingressar em um corpo físico da Terra.

De início, só consegui recordar que nasci com uma missão a cumprir, mas não me lembrava qual era esta missão.

Pacientemente fiquei aguardando, na esperança de que o tempo revelaria o motivo maior pelo qual eu teria vindo a este mundo.

Enquanto não descobria qual era a missão, dediquei-me a um trabalho hercúleo de aprimoramento interior, principalmente no que se referia a padrões mais elevados dos aspectos ético e moral, um tanto diferentes dos apresentados pela maioria dos habitantes deste planeta.

Por diversas semanas conversei durante longas horas com meu Eu Superior, o qual se dedicou em me ensinar coisas a respeito de um tipo de amor, composto por uma gama de sentimentos que, unidos, formavam a manifestação do Cristo Interior.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Fiquei um pouco confuso no início porque, desde criança, sempre que ouvia falar em Cristo, referiam-se a Jesus.

Jamais passara por minha cabeça, até então, que qualquer ser humano poderia ter dentro de si o Cristo, apenas pelo fato de desenvolver o amor incondicional e a justiça cosmica.

Todas as minhas noites eram repletas de ação, pois em cada uma delas o período de saída do corpo intensificava-se mais e mais, em função do aumento do tempo de transmissão da memória extrafísica para o corpo físico.

O contato com outras realidades mudava cada vez mais a minha vida.

Com a capacidade de sair do corpo quando eu quisesse, tornei-me um viajante interdimensional. Após adquirir o domínio da transição dimensional, fui convocado pelo Comando Ashtar.

Naquela época, eu ainda não tinha consciência da minha real identidade.

Em função disto, fiquei um tanto quanto surpreso com a convocação, a qual se deu em uma noite em que as estrelas brilhavam fortemente, mostrando a galáxia toda sua glória.

Eu tinha acabado de me projetar e, de pé sobre o telhado da minha casa, fitei por alguns momentos o céu, buscando entre as estrelas um brilho diferente.

Eis que surge no firmamento o brilho da nave que eu estava a esperar. Como uma águia, ela pairou logo acima de mim.

Imediatamente fui banhado por uma luz cilíndrica, peculiar às aparições de naves espaciais.

Teleportaram-me para o centro do controle. Lá chegando, fui calorosamente recebido por uma pequena equipe, trajando armaduras eletrônicas de cor prata-espelhada.
demora, a nave levantou vôo em direção ao espaço sideral. Assim que saímos da atmosfera, avistei uma imensa nave-mãe. Nossa velocidade era tão alta que, quando percebi, já havíamos entrado em seu interior.

À procura do Comandante Ashtar, entrei em uma ampla sala onde já se encontrava outra equipe. Ashtar veio até mim, dizendo:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Aldomon, creio que você já esteja preparado para trabalhar diretamente conosco na Missão Terra.

- O que é a Missão Terra? - perguntei interessado - Como bem sabe, ainda não consigo me lembrar totalmente da memória imortal.

Ele então explicou-me com paciência:

- Missão Terra é a transmigração em massa de todos os seres e criaturas trevosas que habitam este planeta. A Terra possui um governo negativo, dirigido por uma falange de seres que possuem a forma de dragões. Tais seres constituem a Falange dos Dragões. Uma das missões do meu Comando é retirar todos estes seres do planeta Terra, levando-os para outros planetas que sejam compatíveis com suas evoluções. A partir de agora, você irá reassumir sua Unidade.

Ashtar pediu-me que o acompanhasse. Caminhou em direção a uma porta, que se abriu com sua aproximação.

Todos que estavam na sala nos seguiram. Tive a sensação de que apenas eu não sabia do que se tratava. Pensei: "Será uma festa surpresa?"

De certa maneira estava certo pois, ao atravessar a porta, fui presenteado com uma visão que fez meu coração bater como nunca.

Diante de mim encontrei um pátio lotado de integrantes da Unidade Prata.

Ao vê-los senti algo tão forte dentro de mim, que escutei um estalo interior e, num piscar de olhos, lembrei-me de várias vidas anteriores, inclusive a que tive em Metalha.

Os primeiros que se aproximaram foram Crodon, Sion e Drilha. Notei que Miria estava ausente. Com eles, subi no palanque onde éramos esperados e depois de enchugar as lagrimas de felicidade comecei a falar:

- Como todos sabem, estou vivendo em um corpo da Terra, o que faz com que terríveis limitações me sejam impostas. Porém, ao projetar-me para fora do corpo físico, posso ampliar minha consciência e trabalhar com a Unidade. Entretanto, em algumas circunstâncias, eu é que precisarei de ajuda.

Minha explanação foi bastante rápida.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Retornei ao corpo bastante pensativo mas, novamente, fui envolvido pelo sono.

As batalhas contra as trevas intensificaram-se cada vez mais.

Raras eram as noites em que as naves astrais do Cruzador não sobrevoavam cidades das regiões astrais mais densas.

Os exércitos das sombras também possuíam naves, contudo eram extremamente obsoletas. Suas tentativas de resistência bélica sempre eram em vão, pois eram derrotados pelas Unidades do Comando.

As Unidades rastreavam todos os quadrantes e setores do planeta. Uma de nossas atividades mais comuns era capturar e prender os comandantes negativos.

Por muitas vezes eu, como policial secreto, lancei mão de disfarces para infiltrar-me no exército inimigo.

Certa noite, recebi uma comunicação de um integrante da Unidade informando que precisavam de mim imediatamente no plano astral, pois eu deveria participar de uma missão de emergência.

Concluída a comunicação, fui depressa para o meu quarto e deitei-me na cama. Energizei meu corpo, provocando um estado vibracional que projetou-me para fora do físico.

Ao aparecer no plano astral, fui recebido por dois soldados da Unidade Prata. Expandi minha consciência, adquirindo o nível mental de um extraterrestre. Esse tipo de alteração consciencial provocava em mim uma dualidade bastante distinta: Uma parte de mim mantinha o nível mental do corpo físico, enquanto outra era de um nível mental extraterrestre.

Partimos em uma nave, destinados a pousar numa réplica astral do Cruzador Triton, o qual se encontrava estacionado um pouco acima da Lua.

Entrando no Cruzador, dirigi-me ao Centro de Planejamento Estratégico, onde encontrei diversas equipes da Unidade que participariam da ação. Eram mais de quinhentos seres (homens e mulheres), oriundos de vários planetas.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Todos estavam sentados em poltronas, localizadas em uma arquibancada em forma de meia-lua, perante um gigantesco telão visual. Também havia, diante de cada poltrona, uma pequena tela com imagens coloridas. Um pouco abaixo do telão, havia um painel composto por dezenas de telas visuais de diversos tamanhos e cores.

Dez poltronas ficavam de frente para a arquibancada, junto ao painel. Sentei-me em uma delas e, telepaticamente, comecei a comunicar-me com os demais:

- A missão desta noite consiste em atacar a base avançada da Falange dos Dragões, localizada no Quadrante-66 do Golfo Pérsico, no Oriente Médio. Teremos que destruí-la por completo e fechar aquela passagem que é ligada ao abismo, onde mora o governador negativo do planeta Terra. Deveremos capturar os comandantes da base e levá-los à julgamento no Conselho Planetário. Traçaremos, agora, a estratégia da ação.

No telão apareceu a imagem da base-alvo e começamos a elaborar o plano. Primeiramente, analisamos qual era a sua fonte de energia. Identificamos três formas de alimentação utilizadas por eles. A principal dava-se por meio de cabos condutores subterrâneos, vindos de uma usina de força localizada no abismo. As outras duas formas eram empregadas apenas em casos de emergência, por meio de geradores e baterias.

Identificados todos os aspectos defensivos da base, o plano foi concluído.

Partimos do Cruzador a bordo de uma frota de naves de combate. Em poucos instantes estávamos sobrevoando o Oriente Médio, cujo céu ficou tomado por nossas naves. Eu estava pilotando um caça.

A base inimiga , ao identificar nossa presença em seu espaço aéreo, ativou seu sistema de defesa. O combate foi iniciado.

Nossa tecnologia era tão superior que, em poucos minutos, vencemos e capturamos todos eles. Utilizando os canhões de raios das naves, desintegramos por completo a base. Em seu lugar, restou apenas um imenso buraco escuro, o qual deveríamos soterrar. Disparamos alguns mísseis no interior da abertura e, após a explosão, ela foi fechada.

Concluída a missão, regressamos ao Cruzador.

Eu estava conversando descontraidamente com algumas pessoas quando, de repente, acordei no corpo físico. Sonolento, abri os olhos e vi que ainda era noite. Mudei o corpo de posição e voltei a dormir.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Em poucos meses tornava-se cada vez mais intensa a minha participação direta nos combates pois, gradualmente, dedicava-me a atividades de maior relevância.

No plano físico, minha vida estava tomada de profundas transformações. Quando não estava na oficina, mergulhava em intermináveis meditações.

Com o passar do tempo, comecei a sentir uma irresistível vontade de comunicar aos outros as informações que recebia do meu Eu Superior, ou através de minhas projeções astrais. Tal vontade tornou-se uma necessidade.

Certo dia, estava eu na casa de um amigo, cujos cabelos eram grisalhos atestavam sua experiência de vários anos de trabalho no meio espiritualista. Entre uma conversa e outra, perguntei a ele se poderia reunir, de vez em quando, algumas pessoas em sua casa.

Ele fitou-me com o olhar sério, pensou por alguns instantes e depois falou com alegria:

- Concordo, desde que eu faça a escolha das pessoas que virão.

Apesar de ter adquirido as lembranças de minhas vidas passadas e a consciência de qual era minha participação na Missão Terra, considerava um mistério o motivo maior pelo qual eu havia nascido no plano físico. Por mais que eu buscasse várias fontes de informações, este mistério permanecia indecifrável. Pensei ser desnecessária minha vinda para o mundo físico, pois minha participação junto ao Comando Ashtar acontecia apenas nas dimensões astrais.

Numa tarde de verão, iniciei meus primeiros encontros de divulgação. Recebi um pequeno grupo de pessoas, todos jovens e adolescentes. Eles transmitiam bastante entusiasmo e curiosidade.

Antes que eu começasse a palestra, fui alertado pelo nosso anfitrião de que ainda faltava uma pessoa, que havia avisado que chegaria um pouco atrasada.

Esperamos, então, alguns minutos, até que a campainha tocou.

Enquanto atendiam a porta, fui tomado por um incomum interesse em saber quem era nossa convidada atrasada mas, antes que eu pudesse abrir a boca para perguntar, ela entrou pela porta.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Olhando o semblante da recém-chegada, fui profundamente envolvido por sensações que jamais experimentara ao olhar para alguém.

Meu coração bateu tão rápido e forte que parecia querer saltar do peito.

Ao mesmo tempo, senti uma tontura muito forte. Cheguei a pensar que fosse desmaiar.

Após o impacto do primeiro olhar, meu organismo foi, aos poucos, voltando à serenidade. Algumas pessoas perceberam que algo estranho tinha acontecido comigo, mas em função da falta de intimidade, nada perguntaram.

A jovem garota aparentava ter dezoito ou dezenove anos, cerca de 1,65 de altura, seus cabelos eram bem curtos, pretos e lisos. Mas, o que realmente me chamou a atenção foi a singular expressão dos seus olhos. Eles não me eram estranhos. Ao contemplá-los com atenção, pareciam transformar-se em janelas de vidro, através das quais eu podia ver a silhueta de alguém muito íntimo, mas de quem não conseguia me lembrar.

Minha contemplação foi interrompida pela voz alegre desta jovem que, sorrindo, apresentou-se a mim:

- Oi! Meu nome é Cíntia!

- O meu é Aldomon! Prazer em conhecê-la. - respondi.

Ela sentou-se ao lado de um rapaz que, pela maneira como se tratavam, pude deduzir que eram namorados.

Em seguida, iniciei minha explanação. Durante quase três horas, falamos sobre saídas do corpo, movimentação de energias psíquicas e conhecimentos sobre Eu Superior e arquétipos da alma.

No término do encontro, todos pareciam satisfeitos com aquilo que aprenderam.

Voltei para minha casa envolvido por uma gama de novos pensamentos. A pequena palestra daquela animada tarde, analisada pelo crivo da minha auto-crítica, mostrava ser o limiar de uma nova vida.

Uma idéia brilhou em minha mente e, conspirando comigo mesmo, pensei: "- Posso tornar-me um mensageiro de outros mundos. Percebo, agora, o interesse de algumas pessoas em

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

manter contato com outras realidades, tanto dimensionais quanto existenciais. Hoje, de certa forma, levei um pequeno grupo em uma viagem que transcendia os horizontes de suas consciências."

Lembro-me com vivaz nitidez a expressão de seus semblantes ao entrarem em freqüências mais elevadas de vibrações existenciais, por muitas vezes transparecia um suave êxtase, que cada um deles sentia em diferentes níveis.

Invadido subitamente por uma estranha sensação, percebi que alguém sintonizava sua mente à minha. Quis identificar quem era o desconhecido visitante, o que veio a ocorrer quando pude sentir sua vibração. Surgiram em minha mente os olhos escuros levemente esverdeados de Cíntia. Após pensar em seu nome, minha clarividência abriu, e pude ver com toda clareza seu sorriso alegre e meigo.

Perguntei com veemência:

- Quem é realmente você?

- Você vai acabar descobrindo, e terá uma grande surpresa! - respondeu ela, com um ar misterioso.

Cíntia, após pronunciar tais palavras, rompeu bruscamente a comunicação, deixando-me profundamente curioso e, de certa forma, fascinado com seu mistério.

Saí daquele transe agradável e pus meus pés na realidade material.

As primeiras estrelas no firmamento anunciavam o cair de uma noite serena, muito especial para mim, pois sentia a vida resplandecer com indescritível força.

Aproximava-se a hora de dormir e eu já havia feito o planejamento de sair do corpo em busca da verdadeira identidade daquela misteriosa garota, desvendando assim, o segredo das janelas em seus olhos.

Finalmente projetei-me para o plano astral. Atravessei o teto e voei rumo às poucas nuvens que flutuavam em alturas vertiginosas. Pairando acima de uma pequena nuvem, contemplei do alto as minúsculas cidades que compunham a paisagem daquela região.

Da altura em que eu estava, pude rastrear com extrema precisão o local exato da moradia de Cíntia pois, apenas pensar em seu nome, fez com que uma intuição fortíssima conduzisse

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

meu foco de atenção à uma cidade situada às margens de um lago. Por meio da clarividência, foi possível ver a casa em que ela morava.

Com a rapidez de um raio, voei na direção do conjunto habitacional, descendo em frente à fachada da casa.

Não quis entrar na casa como um invasor. Preferi chamá-la, para que fosse recebido de maneira mais particular.

Ela surgiu quase que instantaneamente após meu chamado.

Assim que a vi, tive uma agradabilíssima surpresa, da forma como ela havia previsto em sua comunicação mental.

Cíntia começou a mudar rapidamente a vibração de sua identidade espiritual, o que provocou uma singular transformação: diante dos meus olhos, por meio da transfiguração, Cíntia tornou-se Miria.

Não fiquei apenas tomado de surpresa, mas também envolvido por uma explosão de alegria a qual não pude conter. Atirei-me em seus braços com tanta ternura e afeto, fazendo-me lembrar o quanto ela era importante para mim.

Depois de saciar nossas saudades, pusemo-nos a conversar. Primeiramente perguntei a ela se no plano físico já tinha adquirido a consciência de sua verdadeira identidade. Miria olhou-me com ar solene, explicando que sua estadia no mundo físico apresentara-lhe uma série de limitações, que estavam dificultando o despertar da consciência imortal.

Subitamente, sem que eu esperasse, um estrondoso barulho puxou-me compulsoriamente para o corpo físico. Acordei um pouco assustado e busquei identificar a origem daquele som perturbador. Sem dificuldade, percebi que não passava de um ruído provocado pela explosão no escapamento de um carro barulhento, que transitara naquele instante em frente à minha casa.

Mudei de posição na cama, tentando reconciliar-me com o sono, o qual havia sido bruscamente interrompido.

Lamentavelmente todas as minhas tentativas iniciais de me projetar através do adormecimento foram frustradas, devido ao estado em que se encontrava meu corpo. O

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

susto que levara produziu uma quantidade excessiva de adrenalina, provocando em mim uma incômoda agitação.

Ao constatar que não conseguiria sair do corpo naquele exato momento, comecei a pensar no meu encontro com Miria, ou melhor, com Cíntia - sua nova identidade na Terra.

Com felicidade, reformulei cada detalhe de suas palavras, pensando comigo mesmo: "Preciso ajudá-la a recobrar a memória de outras vidas".

Fui surpreendido pelo regresso do sono que, em poucos instantes, envolveu-me irresistivelmente numa entorpecência, a qual me projetou novamente para o mundo astral.

Logo após ter saído do corpo, notei que uma espaçonave havia estacionado próximo ao telhado da casa. Sua luz intensa e os sons eletrônicos denunciavam sua presença.

Sem hesitar, teleportei-me para o seu interior, onde fui recebido por duas lindas mulheres, trazendo em seus macacões o brasão da Unidade Prata. Seus trajes eram tão brancos que reluziam com seus movimentos.

Cabelos dourados e lisos, compridos até a cintura. Olhos azuis, com um brilho que transmitia esplendor e vida. Uma delas aproximou-se um pouco mais e, com expressão de total serenidade, falou:

- Aldomon, o laboratório de cibernética do Cruzador está pronto para sua cirurgia de implante eletrônico. Os técnicos já estão à sua espera.

Respondi, apressado:

- Antes de mais nada, preciso expandir minha consciência e tornar-me Alderan. A partir daí poderei entender o que você está dizendo.

Ao pronunciar a última palavra, automaticamente minha vibração espiritual foi aumentando em saltos quânticos. Quando dei por mim, havia me tornado Alderan e assumido, de imediato, minha consciência interdimensional.

Pude, então, compreender a que tipo de instalação cibernética eu seria submetido. Para que eu pudesse ampliar meu poder de ação no uso da tecnologia extraterrestre, fazia-se necessário um aumento vultuoso dos circuitos e canais energéticos do meu corpo eletrônico.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

A espaçonave transitou no espaço, rompendo velozmente a distância que nos separava do Cruzador Triton. Numa fração de segundos, quase tão rápido como o pensamento, adentramos a rampa de desembarque daquela fortaleza voadora.

Assim que pousamos, teleportei-me para a sala de cirurgia. Lá chegando, notei que já me encontrava deitado sobre a mesa de operação.

Projetei meu segundo corpo astral para fora do primeiro corpo, o qual ficou dormindo em cima da mesa, inerte como uma estátua de mármore.

Transferi plenamente minha consciência para o segundo corpo.

Estando eu de pé próximo aos cientistas, pude perceber que também fazia parte da equipe de cirurgiões que realizariam os implantes em meu primeiro corpo astral.

Ficamos em volta da mesa e iniciamos um exame minucioso do corpo, que encontrava-se totalmente despido. Feita a identificação dos pontos dos centros de energias psico-elétricas, preparamo-nos para efetivar a montagem dos circuitos cibernéticos.

Aplicada a anestesia eletromagnética, começamos a implantação. Primeiramente, introduzimos dez circuitos de comando em centros de energia espalhados ao longo da medula espinal.

Em seguida, partimos para a instalação de centenas de circuitos periféricos, localizados em pequenos pontos de energia situados ao longo de todo o corpo. Concluída a montagem dos circuitos, iniciamos a ligação dos canais de energia psico-elétricas.

Quase duas horas haviam se passado, e depois de um trabalho muitíssimo complexo, finalmente terminamos a operação.

Voltei para o primeiro corpo astral cheio de expectativas, pois queria experimentar logo os resultados do implante cibernético.

Levantei-me da mesa um pouco zonzo e cambaleante mas, em poucos segundos, estava em pleno equilíbrio.

A sala em que eu estava era de um branco brilhante. Olhando para as várias paredes, avistei em uma delas um amplo espelho. Fui em direção a ele com passos firmes e fortes, na intenção de observar a aparência do meu corpo.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Na imagem refletida, pude ver que a pele do meu corpo havia sido transformada em um complexo circuito eletrônico, o que me dava o aspecto de um componente eletrônico acinzentado. Fiquei maravilhado com o que vi.

Saí da sala de cirurgia com destino à câmara de treinamento virtual de combate simulado. O treinamento no simulador virtual seria de fundamental importância para que eu aprendesse a manusear os implantes.

Eu ainda não fazia idéia de como utilizar todos os poderes que obtive ao adquirir os implantes cibernéticos. Eu teria acesso a uma infinidade de aparelhos eletrônicos da mais alta tecnologia mas, no entanto, não tinha total consciência de até que ponto meu corpo da Terra suportaria as altas cargas de energia elétrica.

Um pouco antes de entrar na câmara de simulação, acionei no implante uma armadura bélica. Já no interior do simulador, pude perceber que este assemelhava-se a uma esfera oca, vista do lado de dentro. A esfera prateada foi acionada, dando início ao combate virtual.

Ilusoriamente, fui transportado para uma região rochosa, de céu avermelhado e com pouquíssima luminosidade. A primeira coisa que fiz foi ligar a visão multi-freqüencial, que possibilitava enxergar em qualquer nível de escuridão, ou até mesmo coisas invisíveis naquela dimensão.

Do lado de fora do simulador, foram enviadas diretrizes de ação, as quais foram recebidas por mim através do comunicador do capacete.

Minha missão era descobrir uma base negativa que estava camuflada entre as montanhas, para que pudesse resgatar um grupo de pessoas que haviam sido raptadas.

A fim de conhecer o potencial da armadura, fiz aparecer uma lista de recursos em um pequeno gráfico, na parte interna do visor espelhado do capacete. Diante dos meus olhos passaram-se centenas de mecanismos que praticamente tornavam a armadura invencível em determinados aspectos.

Após memorizar todas as suas capacidades, elaborei um plano para efetuar a ação. Há algum tempo, eu havia estudado o sistema no qual funcionava o simulador, e sabia que o programa básico de funcionamento era efetuado por meio da recriação ilusória da exata realidade de certas regiões, juntamente com os seres que nelas habitam, trazendo com singular veracidade seus potenciais, como também suas limitações.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Liguei a invisibilidade de alta freqüência, o que impossibilitaria que os seres inimigos detectassem minha presença. Com um salto, comecei a voar por sobre as montanhas e, lá do alto, pude ver com maior amplitude diversos aspectos daquele estranho mundo.

Notei que em parte alguma da superfície existia qualquer forma de vida.

Avistei um imensa cordilheira, onde meus sensores registraram altos níveis de energia. Pensei: "Sem dúvida, a base deve estar ali."

Disparando alguns mísseis que saíam de um compartimento em minhas costas, atingi cinco montanhas que se abriram, e de onde saíram caças de combate. Eles não conseguiram notar minha presença.

Não quis perder a chance de testar a armadura prateada em uma luta aérea. Sobrevoei as aeronaves, que pareciam confusas procurando o inimigo invisível.

Dei início a um alvoroço, ao desligar a invisibilidade. Uns dez caças partiram em minha direção, iluminando o céu com suas rajadas de lasers vermelhos fluorescentes.

Contudo, antes que fosse atingido por qualquer raio, o sistema de defesa automático da armadura fez aparecer um escudo eletromagnético, que fazia com que qualquer projétil que o atingisse, voltasse ao local de onde foi disparado. Algumas aeronaves foram atingidas por seus próprios raios, espatifando-se no solo.

Diminuí parcialmente o escudo, apenas o suficiente para que eu pudesse atirar contra os caças que restaram. Materializei um canhão laser e, com precisão, abati o inimigo. Em seguida, parti para entrar na base por uma das montanhas.

Depois de ter lutado contra a segurança interna, resgatei os reféns e os levei para o ponto de partida.

O simulador de combate foi desligado, fazendo com que eu retornasse à realidade, no Cruzador. Os técnicos ficaram satisfeitos com o funcionamento do implante.

Regressei ao físico. Grande parte da manhã havia passado enquanto eu dormia. Pensei: "Valeu a pena ficar fora do corpo até agora!". Conferindo em meu relógio de pulso, vi que eram nove horas da manhã.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Durante uma semana, fiz um intenso treinamento no simulador virtual, até estar totalmente apto a enfrentar combates reais usando a armadura do implante.

No mundo físico, havia chegado o dia de encontrar-me com aquele pequeno grupo de jovens. Tema principal: saídas do corpo.

Todos os participantes da reunião estavam confortavelmente sentados e pareciam sedentos de aprendizado. Comentavam entre si o que tinham achado do nosso último encontro.

Bastante animado, iniciei minha explanação, respeitosamente inquirindo a todos:

- Alguém aqui já saiu consciente do corpo físico?

Dentre as nove pessoas presentes, apenas duas afirmaram terem experimentado a saída astral, e uma delas era Cíntia, o que não me surpreendeu. A outra pessoa era um jovem amigo, chamado Carlos.

Pedi a Cíntia que nos contasse alguma de suas experiências fora do corpo. Após alguns segundos - tempo em que parecia escolher uma lembrança que fosse conveniente expor em público - sua voz alegre (um tanto relutante no início) presenteou os ouvidos aguçados dos participantes com uma variedade de aventuras interdimensionais e algumas interplanetárias. Uma de suas viagens despertou em mim um especial interesse.

Certa noite, ela já havia deitado à espera da chegada do sono quando, de repente, percebeu que encontrava-se fora de sua cama, do lado de fora da casa, olhando fixamente para o céu, esperando que algo surgisse no firmamento e viesse ao seu encontro.

Aconteceu, então, o esperado: diante de seus olhos esverdeados apareceu uma pequena frota de espaçonaves prateadas. Cíntia foi teleportada para o interior de uma delas, onde seres extraterrestres mexeram em sua cabeça, dando a impressão de que haviam implantado alguma coisa.

Isto não lhe provocou medo, pois confiava totalmente naqueles seres, que pareciam conhecidos de um passado distante. Cíntia teve uma estranha sensação ao acordar em seu quarto. Pensou: "Terá sido um sonho? Nossa! Parecia tão real que ainda posso sentir que mexeram em minha cabeça! Talvez eu encontre a resposta para este mistério qualquer dia destes, entre um sonho e outro."

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Pressenti que Cíntia não recordara o encontro que tivemos no mundo astral. Analisando o nível de suas saídas interdimensionais, pude constatar que elas aconteciam apenas eventualmente, cerca de uma por semana. Eram, em sua maioria, semi-conscientes.

No entanto, ela irradiava um imenso potencial latente, que parecia querer aflorar e dar-lhe o domínio sobre a saída consciente do corpo.

Caso Cíntia fosse submetida a um treinamento extrasensorial de alto nível, teria grandes possibilidades de dominar suas habilidades psíquicas. Minha intuição dizia que ela ainda não estava preparada para tal desenvolvimento, em função de sua aparente imaturidade.

O próximo a relatar suas saídas foi o tranqüilo Carlos que, alegremente contou-nos uma de suas histórias.

Há quase um ano, Carlos estava deitado quando foi paulatinamente envolvido por um irresistível entorpecimento, que o fez flutuar para fora do seu corpo. Ele teve uma agradabilíssima sensação de liberdade, o que inevitavelmente fez com que ele se emocionasse muito.

Rapidamente perdeu a consciência, até acordar no dia seguinte guardando as lembranças do acontecido.

Senti que o potencial de Carlos era menor que o de Cíntia, embora ele também pudesse ser aperfeiçoado.

Os outros participantes pareciam bastante entusiasmados com aquilo que escutaram de seus colegas. Ficaram esperançosos de que, em breve, também fariam suas viagens astrais.

A conversa ficava cada vez mais animada. O ambiente fervilhava de perguntas, arremessadas em minha direção. Felizmente, a inspiração deu o ar de sua graça, possibilitando-me saciar a curiosidade de todos, naturalmente dentro dos meus limites. Isso era suficiente para produzir injeções de ânimo e interesse. Contudo, tais atributos não seriam suficientes para fazer com que sinceros jovens iniciantes se tornassem viajantes astrais. No caminho à sua meta, apenas entusiasmo, ânimo e interesse cairiam por terra ao se depararem com o peso das dificuldades impostas pelas intrincadas armadilhas existentes.

Um viajante astral enfrenta, entre outras coisas, a necessidade de aprender a conviver, em equilíbrio, com uma enorme variedade de realidades que há em cada mundo dimensional. Em função disso, qualquer descuido no comportamento que possa acarretar a perda da

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

sobriedade consciencial poderá gerar uma tremenda confusão existencial, pois o viajante não conseguirá distinguir plenamente a realidade do mundo em que se encontra.

Isso poderá levá-lo a vários níveis de alienamento mental. É esta a primeira armadilha dos mundos astrais. Para livrar-se dela, o viajante terá que se manter o mais sóbrio possível, mantendo sempre a consciência do lugar em que está.

Nossa reunião havia chegado ao fim. Despedimo-nos uns dos outros na expectativa de um novo encontro, o qual ainda não havia sido marcado, porque preferimos deixar acontecer de forma espontânea.

O meu trabalho de divulgação tornava-se cada vez mais intenso.

Os encontros que outrora eram realizados com intervalos de duas semanas, passaram a ser quase que diários, alcançando uma grande variedade de platéias.

Minha vida foi ficando super ativa, o que inevitavelmente me levou a sair da casa de meus pais, em busca de uma maior liberdade e flexibilidade de horários.

Sentia que o Cosmo conspirava a meu favor pois, sem dificuldade, encontrei um amigo que emprestou-me um lugar para morar. Era uma sala onde, além de morar, poderia acomodar confortavelmente vinte pessoas para eventuais palestras.

Em pouco tempo, recebi cerca de quinze pessoas para a primeira palestra. Seus semblantes mostravam um profundo interesse pelos assuntos apresentados.

A segunda palestra deixou-me impressionado: o número de participantes havia simplesmente dobrado! Trinta pessoas espremeram-se no pequeno espaço, algumas delas espalhadas pelo chão.

O desconforto da minha platéia deixou-me incomodado. Eu teria de encontrar um local maior para as palestras.

Novamente tive a ajuda das inteligências superiores, pois um dos participantes dos encontros conseguiu um auditório de uma escola pública. Todavia, até que este local nos fosse entregue, mais uma palestra ainda seria ministrada na pequena sala onde eu residia.

Sendo que nenhum deles queria ir embora sem escutar as informações ali passadas, a única solução encontrada foi espalhar o excedente de pessoas no corredor do prédio.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Naquela noite agitada, falei a todos acerca dos contatos extraterrestres, os quais estavam ao alcance daqueles que se dispusessem a tal relação interplanetária. Expliquei-lhes que o maior número de contatos ocorriam fora do corpo físico, pois ainda não havia chegado o tempo de contatos físicos em massa com a população da Terra.

Também foi falado a respeito da transição planetária, em que alguns habitantes do mundo físico são substituídos por outros no mundo astral. Assim que perdem seus corpos físicos - por meio da morte - eles são levados para outros planetas. Com isso, nascerá um novo planeta Terra, com novos parâmetros de civilização que atingirão todas as manifestações dos seres humanos.

Notei que, desta vez, nem todas as pessoas presentes transmitiam boas intenções. Dentre as cinqüenta, havia três que pareciam estar ali apenas com o propósito de tumultuar a reunião. Intrometiam-se desrespeitosamente nas minhas falas, tentando desvirtuar o significado das informações que estavam sendo passadas.

Não foi preciso me manifestar pois, de súbito, várias pessoas se levantaram em minha defesa. Fiquei encantado com a elevada educação com a qual uma delas se dirigiu àqueles que estavam me tripudiando. Esta tão distinta pessoa transmitia respeito e dignidade em seu semblante irrefutável. Com autoridade e energia nas palavras, disse:

- Peço a vocês três, que estão atrapalhando este jovem em sua explanação, que não se esqueçam de que viemos aqui para ouvi-lo, e não a vocês. Se não puderem ficar em silêncio, façam a gentileza de se retirar.

Após estas palavras de ordem, um silêncio um tanto fúnebre tomou conta do ambiente, até que foi dissipado quando retomei a exposição de idéias. Finalizei a palestra daquela noite com a complementação das informações sobre a transmigração planetária.

Meu desenvolvimento interior indicava que, a qualquer momento, uma série de faculdades psíquicas seriam despertadas por minha identidade extraterrestre. Existiam duas dentre as habilidades extrasensoriais sobre as quais eu realmente desejava adquirir o controle: clarividência e clariaudiência.

Meu pensamento era que, se eu as controlasse plenamente, poderia manter um contato permanente com os diversos mundos. Vez ou outra eu conseguia controlar a abertura da visão clarividente. Era possível enxergar à distância, podendo ver qualquer pessoa, mesmo que fosse em outro país ou planeta. Também podia vasculhar as imagens das coisas que se

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

passaram. No entanto, não conseguia ver claramente acontecimentos futuros, pois algo bloqueava as visões.

Entre todas as possibilidades oferecidas pela visão especial, a que muito me encantava era a de enxergar os mundos astrais. Mas eu ainda deveria esperar por um tempo indeterminado para adquirir o controle da clarividência.

As viagens para os mundos astrais tornavam-se cada vez mais fascinantes. A cada noite eu aprendia tantas coisas que, mesmo que quisesse, não conseguiria guardá-las só para mim, sendo que tornava-se essencial em minha vida a divulgação da existência de outros mundos. Eu precisava falar sobre os vários níveis de consciência advindos dos contatos com outras realidades. Acreditava que, da mesma forma com que eu transformara a minha vida, também poderia ajudar outras pessoas a compreenderem um pouco da evolução na essência da vida, oferecendo a eles instrumentos para conhecerem os mundos da imortalidade.

Apesar de trabalhar com afinco na divulgação através de palestras, continuei ainda a busca da minha missão no plano físico. Contudo, todos os meus esforços para encontrar a grande resposta do porquê de estar aqui quase se tornavam uma obsessão.

No mundo astral, sempre perguntava a integrantes da Unidade Prata se sabiam o motivo da minha vinda para o mundo físico. No entanto, a resposta era sempre a mesma: "Você ainda tem que esperar algum tempo para que lhe seja revelado este mistério. Pelo visto, precisará de mais paciência."

Sabendo que a descoberta da missão não dependia da minha vontade, permaneci por algum tempo cultivando a mais completa tolerância.

Tornei-me um pregador de conhecimentos dos outros mundos, falando abertamente em minhas palestras, realizadas geralmente em universidades ou escolas.

De palestra em palestra, fui conhecendo uma série de pessoas, com as quais vivenciei variadas experiências.

Sempre que me deparava com o público dos auditórios, meus olhos vasculhavam a multidão em busca de pessoas que trouxessem um sinal em seus semblantes. Procurava aqueles que tinham a marca da imortalidade. Percebi esta singular peculiaridade de várias formas.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Certa noite em que o auditório estava repleto de pessoas atentas ao tema abordado, fitei os presentes, como de costume. Examinei suas naturezas, buscando a origem espiritual de cada um.

Avistei, ao longe, nas últimas poltronas da arquibancada, um menino. Não tive qualquer dúvida: ele trazia em si a marca da imortalidade, que mostrava-se bastante sutil, quase totalmente camuflada por seu corpo de adolescente.

Sua estatura aparentava uns quatorze ou quinze anos de idade. A expressão da face mudava vertiginosamente - ora parecia uma criança, ora apresentava um forte aspecto de pessoa madura e envelhecida com séculos ou milênios de experiência nas coisas da vida.

Olhava-o com especial respeito quando, de repente, um pensamento vindo das profundezas de minha alma produziu em mim uma enorme sensação de já conhecê-lo. Pensei: "Será ele um integrante da Unidade? Talvez aconteça como Cíntia, que mais tarde descobri ser Miria".

A apresentação daquela noite chegou ao fim e, gradualmente, as pessoas iam embora para seus lares. Algumas aproximavam-se, a fim de esclarecer dúvidas ou então elogiar a palestra. O auditório estava quase vazio. Duas senhoras alegres e sorridentes faziam-me algumas perguntas, as quais respondi de imediato.

O próximo a me dirigir a palavra foi o referido menino. Ele parecia um pouco inibido e, timidamente, algumas poucas palavras saíram de sua boca:

- Oi! Gostei muito de sua palestra! Você não imagina o quanto me identifiquei com as coisas que foram ditas, principalmente a respeito de saída do corpo, e também contatos extraterrestres!

- O que você acha de aprender um pouco mais sobre estes assuntos que te agradam? - perguntei.

Ele então respondeu com muito ânimo:

- Podemos começar assim que você quiser!

Pensei por alguns instantes e falei:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Amanhã está bem para mim, de preferência na parte da tarde. - Enfiei a mão no bolso e retirei um pequeno pedaço de papel com meu endereço.

Combinamos o horário e, antes que nos despedíssemos, ele disse que se chamava Rafael.

No dia seguinte, a tarde havia chegado e aproximava-se a hora do encontro com Rafael.

Selecionava cuidadosamente os assuntos sobre os quais falaria com ele, para que não corresse o risco de revelar precipitadamente certas coisas a seu respeito, o que poderia ser desastroso para seu desenvolvimento no campo da imortalidade.

Rafael comparava-se a uma águia em formação ainda dentro do ovo, à espera do dia em que seria chocado por si mesmo, saindo do ovo para crescer e aprender a voar. Meu pressentimento era de que seu vôo seria tão alto e veloz que, até mesmo entre as outras águias, poucas se equipariam a ele.

Entretanto, no presente momento, Rafael ainda deveria aprender a sair do ovo e, no tocante a isto, eu pouco poderia fazer. Mesmo no intuito de ajudar, eu não deveria forçar a casca do ovo, pois na verdade isso representaria a causa de sua ruína. Confabulei comigo mesmo, buscando as soluções mais sábias para que pudesse interagir com aquela águia em forma de menino.

Escutei alguém batendo. Já fazia idéia de quem era e abri a porta rapidamente. Rafael, sorridente, cumprimentou-me.

Sentamo-nos e começamos a conversar. De início, pedi a ele que contasse por que se interessava pelos assuntos expostos por mim na noite anterior.

Rafael meditou por poucos momentos e, com expressão séria, falou:

- Já faz algum tempo, talvez um ano, que comecei a passar por experiências incomuns. Eu saía do meu corpo para um outro mundo não-físico e, por meio dessas saídas, iniciei contatos com seres de outros planetas. Esses contatos, em uma fase posterior, aconteceram mesmo sem que eu estivesse dormindo.

Perguntei, curioso:

- Então você os viu aqui no plano físico?

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Rafael respondeu, elucidativo:

- Não, eles ficam naquele plano que você chama de astral. Eu os vejo com uma visão não-física, pois mesmo de olhos fechados eu continuo enxergando. A princípio, isso foi motivo de muita alegria para mim, porque eu parecia conhecê-los. Mas, de algum tempo para cá, apareceram outros, dos quais eu não gosto.

- Você sabe quem são esses outros e o motivo pelo qual você se sente mal com sua proximidade? - perguntei.

- Sim, eles também são de fora da Terra, no entanto são maus e querem me pegar. Por várias vezes já tentaram, e sempre acontece quando eu saio do corpo. Ainda bem que sou ajudado pelos extraterrestres bons.

Fiquei maravilhado com a semelhança das coisas que aconteciam tanto comigo quanto com ele. Suas narrações vinham confirmar minhas intuições e pressentimentos. Rafael realmente era um estrangeiro recém-chegado de outros planetas. Restava-me saber a que Unidade ou Comando ele pertencia.- Você sabe quem você é e de onde você vem? - indaguei.Ele respondeu com segurança:- Sei que não sou daqui, da Terra. Porém, não consigo lembrar quem eu sou ou de onde vim, o que muitas vezes é motivo de tristeza e melancolia no meu dia-a-dia. Fiquei sabendo que alguém estava dando palestras sobre saída do corpo e contatos interplanetários. Interessei-me de imediato, principalmente na esperança de encontrar uma série de respostas que pudessem me ajudar a decifrar os mistérios que envolvem a minha vida há bastante tempo. E foi por isso que procurei você. Será que pode me ajudar?Muito alegre, respondi:- Farei o que estiver ao meu alcance. A primeira recomendação que lhe faço é que tenha paciência, sem tornar-se ocioso. Procure desenvolver um ritmo de descobertas que não o tirem da realidade que está vivendo. Este será o primeiro passo para o auto-descobrimento. Não pense que eu lhe darei prontas as respostas acerca do seu passado. Caberá a você mesmo descobri-las e, neste caso, o tempo é o seu melhor amigo, pois ele conspira com a vida para que ela coloque importantes acontecimentos no caminho da sua existência.Por alguns instantes ele ficou calado. Seu rosto ensimesmado denunciava a profunda meditação em que submergira sua alma. Respeitei este silêncio solene, até que sua voz resignada veio à tona:- A cada dia que passa, percebo que minha vida vai se transformando, conduzindo-me mais e mais para o meu destino. Por muitas vezes, senti que algo queria nascer dentro de mim, mas até agora nada acontecia. Isso faz com que eu me sinta tão impotente como se estivesse preso em uma camisa de força. Realmente, preciso aprender a ter paciência, senão posso acabar enlouquecendo de tanta ansiedade.Dei um sorriso e falei:- Não se preocupe, meu caro Rafael! Também já passei por situações parecidas com a que você está vivendo e posso lhe

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

assegurar que, mesmo quando as respostas forem encontradas, ainda não ficará totalmente satisfeito, pois surgirá um novo mistério para você decifrar. Por isso é tão importante saber esperar por aquilo que está acima da nossa vontade.Ele deu um profundo suspiro, dizendo:- Vejo que você sabe o que se passa comigo. Como consegue?- Não é difícil, pois está escrito em sua alma. Basta ler! - respondi.- Você pode me ensinar a ler o que está escrito na alma?- Não é uma coisa tão simples, e muito menos possível de ser ensinada por alguém que não seja a própria pessoa.Rafael ficou intrigado, a expressão do seu rosto ficou confusa e, sem que eu pretendesse, li seus pensamentos. Ele estava questionando como poderia um analfabeto aprender a ler consigo mesmo. Achava a idéia absurda.Assim que ele formulou o pensamento, falei de repente:- Não, não é absurdo. Explicarei mais claramente: os seres humanos, como todos os outros de toda a Criação, possui uma essência imortal, que podemos chamar de Eu Superior. Aquele que entra em contato com seu próprio Eu Superior, aprenderá, com ele, a ler almas.Rafael, naquele dia, não compreendeu a profundidade das explicações. O que o deixou bastante impressionado foi o fato de eu ter lido seu pensamento. Para mim, isso não representou uma decepção, pois não se espera que um pássaro possa voar estando dentro do ovo.Nosso encontro naquele tarde chuvosa de inverno servira para reforçar em mim a certeza de que tinha acontecido uma vinda em massa de seres interplanetários, de mundos mais evoluídos, nascendo em corpos da Terra.Durante a noite, foi possível descobrir a verdadeira identidade de Rafael. Projetando-me para fora do corpo físico, segui, sem dificuldade, o rastro de sua vibração individual.Para encontrá-lo, preferi teleportar-me para o local em que ele estava.Surgi dentro de uma nave espacial, cuja cor predominante era azul celeste. Encontrei Rafael, que mostrava-se aos meus olhos com um corpo de outro planeta.Aproximei-me dele, cumprimentando-o. Perguntei a ele qual era sua posição de ação com os extraterrestres. Telepaticamente, ele respondeu:- Aqui meu nome é Monadron. Sou comandante de uma equipe tática da Unidade Azul do Comando Ashtar. Também estamos atuando na Missão Terra.Meu comunicador tocou. Atendi rapidamente e fui informado por Sion que eu estava sendo aguardado no Cruzador para a missão daquela noite.Despedi-me de Rafael.Os fogos de artifício iluminavam o céu anunciando o limiar de um ano novo. Ignorando a data festiva, dormia em meu quarto, quando subitamente fui acordado pelo barulho de um foguete que parecia ter estourado em minha janela.Levantei-me para verificar. Era uma aglomeração de pessoas soltando fogos comemorativos. Fiquei acordado até que, finalmente, o foguetório acabou.Deitei-me novamente. Suavemente, comecei a sair do corpo, flutuando uns dois palmos de onde estava. Permaneci por alguns segundos deleitando-me com o prazer da leveza libertadora do meu corpo mais sutil.

Do teto do quarto desceu um raio branco de energia. Ao ser envolvido por ele, perdi a consciência. Quando dei por mim, abri meus olhos e vi que me encontrava em uma paisagem estranha que, de imediato, não reconheci como meu país natal.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

O sol se punha, produzindo no firmamento um dourado crepuscular. De pé no topo de um pequeno morro, podia avistar ao longe um declive enfeitado com uma rarefeita plantação de oliveiras. Suas folhas balançavam ao serem tocadas por uma suave brisa que dava vida àquele lugar distante.

De onde estava, avistei a certa distância três torres formando um amplo triângulo. Pensei comigo mesmo: "O que estou fazendo aqui?"

Uma voz surgiu em minha cabeça. Logo percebi que era Sion, comunicando-se do Cruzador. Suas primeiras palavras foram: "Acionei a armadura do implante". Segui imediatamente sua instrução.

Minha identidade continuava sendo a de Aldomon, com leves e repentinas influências dos poderes que tinha quando me chamava Alderan. Desta forma, ou seja, já que estava com o nível consciencial de Aldomon, o comando da Unidade Prata automaticamente foi transferido para meu primeiro imediato: Sion.

Na situação em que me encontrava naquele momento, precisava receber diretrizes de ação enviadas do Cruzador.

Logo após ativar a armadura, pude ouvir em meu capacete os planos do que eu estava fazendo ali. Parte da informação veio por via auditiva e o restante por fluxo mental - uma espécie de transferência de dados em blocos de memória que levam em si enorme quantidade de informações.

Eu havia sido transportado no tempo. Viajara quase dois mil anos para o passado, e estava em uma cidadezinha próxima a Jerusalém.

Minha missão ali era escutar um sacerdote que teria um relevante papel junto à disseminação do Cristianismo recém-nascido. No entanto, ele ainda pertencia a um conselho sacerdotal de um importante templo de Jerusalém, formado por devotos da religião de Moisés.

Restrita aos parâmetros antigos de Moisés, esta casta sacerdotal combatia violentamente as idéias revolucionárias e inovadoras do pregador Jesus, a quem muitos chamavam de enviado de Deus.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

A tarefa que eu deveria realizar junto ao sacerdote escolhido era a de protegê-lo de uma falange de seres sombrios enquanto participasse, fora do seu corpo físico, de um debate no mundo astral, ao qual Jesus iria comparecer.

Parti rumo à cidadela onde era localizada a sinagoga do sacerdote. Para não chamar a atenção dos habitantes astrais daquele tempo, vesti um manto por cima da armadura e retirei o capacete podendo, assim, transitar discretamente pela cidade.

Na penumbra do cair da noite, pude avistar o prédio da sinagoga, que ficava em uma ruela tortuosa, próximo a algo que se assemelhava a uma praça. Aproximei-me da fachada esbranquiçada daquela ampla construção e, contornando-a, fui em direção aos fundos, onde sabia ser a casa do sacerdote.

Ao adentrá-la através da parede, tive diante dos meus olhos um ambiente rústico, porém um tanto suntuoso. Ao vasculhar a casa, encontrei a quem procurava.

Ele estava sentado ao centro de uma pesada mesa, de vultuosa madeira avermelhada. Tratava-se de um homem de perfil sério e respeitável, revirando as páginas de um massudo livro, de papel bastante envelhecido pelo tempo.

Franzindo a testa, procurava algo por entre as páginas manuscritas, com seu olhar atento e compenetrado. Porém, pela sua angústia, parecia não encontrar aquilo que buscava tão insistentemente naquelas folhas amareladas.

Sobre a mesa, uma taça e um jarro de metal polido dividiam o espaço com as lamparinas de chamas esvoaçantes. Aquele homem robusto, com cerca de cinqüenta anos de idade, possuía um ar de autoridade adquirida ao longo dos anos. Talvez eu tenha tido esta impressão pelo aspecto singular de sua aparência.

Tomava alguns goles de vinho e, de tempos em tempos, voltava a encher a taça com o conteúdo do jarro metálico. O sacerdote não notava minha presença, sendo que ele se encontrava no mundo físico e eu no astral.

O tempo da minha tarefa estava se esvaindo. Eu precisava tirá-lo do seu corpo o mais rápido possível, entretanto ele não mostrava quaisquer sinas de sono naquele momento.

Tive, então, uma idéia: entrei em contato com o Cruzador e pedi que me enviassem um sonífero. Instantaneamente um frasco surgiu em minha mão. Destampei o recipiente e derramei o sonífero na taça de vinho.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

O resultado foi rápido. Após um gole de vinho, o homem não resistiu à sonolência e dormiu, debruçando-se por sobre a mesa.

Em breves instantes, puxei-o para a dimensão em que eu estava. No início, ele ficou um pouco exaltado e confuso por ter sido tirado para fora de seu corpo, ainda mais por um estranho. Mas, sem dificuldades, ele compreendeu que eu não queria lhe fazer mal algum.

Expliquei a ele a importância de sua presença no debate de Jesus. Como há certo tempo o sacerdote mostrava ser um simpatizante dos conceitos pregados pelo jovem galileu, aceitou o convite sem objeções.

Levá-lo até o local do evento seria um tanto trabalhoso, pois entidades sombrias anti-Crísticas souberam que aquele homem desempenharia importante papel junto ao Cristianismo. Tentariam, desta forma, fazer tudo que estivesse a seu alcance para impedir o seu encontro com o grande Mestre, nos preparativos para uma nova fase religiosa no planeta.

Porém, acima de qualquer coisa, eu estava seguro de que cumpriria minha missão. Pensava comigo mesmo: "Por Deus, eu o levarei a salvo ao encontro do Mestre."

Partimos em direção às três torres, onde aconteceria o debate. Cinco quilômetros nos separavam delas. Se fôssemos de nave, em poucos segundos estaríamos lá. Entretanto, a tarefa que me fora entregue consistia em um teste, no qual eu deveria enfrentar certas limitações e, mesmo assim, cumprir o que fora determinado.

Pegamos uma trilha que nos levaria ao nosso destino. Caminhamos a passos rápidos.

No mundo astral daquela dimensão também era noite. Para evitar que chamássemos atenção dos seres que habitavam aquele ambiente, não foi usada qualquer forma de luz para iluminar o caminho. Fiz aparecer uns óculos próprios para enxergar no escuro.

Comunicava-me com o sacerdote por meio de telepatia, visto que eu não sabia expressar-me verbalmente em aramaico. Pedi a ele que colocasse os óculos. O homem da antigüidade ficou fascinado com a tecnologia moderna que o possibilitou ver naquele breu quase total.

Coloquei meu capacete prateado, cobrindo-o com o capuz do manto cor-de-terra. Alertei meu protegido de que talvez houvesse luta, mas que ele não se preocupasse, pois eu estava ali para garantir-lhe a segurança. Inseguro, ele falou:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- E se forem muitos, o que vai fazer? Você é apenas um homem!

- Tenha fé, homem! No futuro precisará de muita coragem em sua missão! falei com firmeza e bom-humor.

Ele foi tomado por um silêncio inquebrantável, e assim permaneceu durante o primeiro quilômetro de caminhada.

Escutamos um barulho alto de revoada e, simultaneamente, olhamos para cima. O sacerdote ficou muito receoso. O barulho que ouvíramos partia das asas de um bando de seres das sombras que, ao descobrirem a identidade de quem eu escoltava, por tudo quiseram capturá-lo. Num vôo rasante, suas garras pontiagudas pretendiam transformar meu protegido numa valiosa presa.

Desceram sobre nós com toda velocidade, mas uma inesperada surpresa já os aguardava: ao descerem até uns quatro metros de nós, levaram um impacto tão estrondoso que pareciam ter batido em uma parede rochosa. Isso aconteceu porque, assim que registrei sua aproximação, ativei um escudo eletromagnético à nossa volta. Pelo fato do escudo ser quase totalmente transparente, os seres sombrios não o viram.

De um compartimento na armadura, retirei uma pistola laser e, com tiros certeiros, abati o restante dos seres que nos atacavam.

Falei ao sacerdote que o levaria em meus braços, para que pudéssemos ser mais rápidos. A coisa poderia ficar mais feia ainda, já que as sombras descobriram que ele estava indo encontrar-se com o grande Mestre.

Segurei o homem em meus braços e saí correndo, quase tão veloz quanto um relâmpago. Em poucos segundos estava prestes a entrar no perímetro de segurança das torres quando, de repente, saiu de dentro do chão um imenso dragão. Desta vez quem levou um grande impacto fui eu.

Caí de um lado e o sacerdote do outro. Nenhum de nós saiu machucado com a trombada. Meu protegido ficou apenas um pouco assustado com o tamanho da criatura.

Num reflexo automático, puxei a pistola e dei vários tiros no dragão. Contudo, os raios não conseguiam derrubá-lo, apenas o deixando cada vez mais irritado. Foi neste momento que ele rompeu meu escudo.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Fui violentamente agarrado pela boca do dragão, o qual tentou, com toda sua força, cravar seus dentes em mim. Embora minha armadura fosse praticamente impenetrável, senti que havia perdido o controle da situação. Com uma espada toda feita de diamante, cujo punho veio por entre meus dedos. Segurei-a com firmeza e senti o seu poder.

Ela soltou uma tremenda descarga elétrica e o dragão caiu no chão tonto e desnorteado, deixando que eu escapulisse. Sem dar-lhe tempo para reagir, dilacerei-o com a espada, restando apenas seus fragmentos no chão.

Como eu não precisasse mais dela, a espada desintegrou-se.

O sacerdote ficou estupefato com a luta titânica mas, com algumas palavras de serenidade, pude tranqüilizá-lo e conduzi-lo.

Finalmente chegamos ao pé de uma das torres.

Fiz aparecer um manto branco, o qual veio teleportado do Cruzador. Tirei meu capacete e vesti o manto. Fomos teleportados para o interior da torre, aparecendo em seu topo.

Era uma ampla sala, cujo núcleo era preenchido com uma larga pirâmide de pedra polida, levemente esverdeada. Sua altura era de aproximadamente um metro. À sua volta já se encontravam dez pessoas.

Jesus, o personificador do Cristo Cósmico na Terra, lá estava, a fim de dar explicações a respeito de sua boa nova aos sacerdotes da antiga religião fundada por Moisés.

Cada pessoa ali presente teria o direito de fazer uma pergunta a Jesus, contanto que esperasse sua vez. Um homem de voz solene anunciava cada pessoa que fosse dirigir a palavra ao grande Mestre. Após um dos sacerdotes ter recebido sua resposta, o direito de pergunta era passado para outra pessoa.

Tomei um choque ao escutar em minha mente as seguintes palavras:

- Agora, o estrangeiro Aldomon dirigirá a palavra ao homem Jesus!

Fiquei por alguns instantes sem conseguir falar. Pensava que estar ali era uma honra que eu não merecia. No entanto eu estava mesmo ali, diante do grande Mestre, a quem eu poderia

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

perguntar algo que há bastante tempo foi, para mim, motivo de dúvida: o porquê dele ter sido sacrificado. Formulei a pergunta com extremo respeito e reverência.

- Mestre, tu bem sabes o destino que te aguarda aqui entre os homens e tens o poder de mudá-lo. Por que escolheste perecer?

O grande homem de olhos infinitamente penetrantes e de suavidade incomum trazia em seu rosto levemente bronzeado a expressão de total segurança e inabalável serenidade. Seu olhar de beatitude dava a impressão de estar envolvido em permanente êxtase. Uma luminosidade dourada e translúcida envolvia o topo de sua cabeça. Jesus irradiava um brilho intenso.

Ele havia entendido minha pergunta, pois parecia perceber que eu vinha do futuro. Sua voz ecoou no amplo recinto:

- Vim trazer uma mensagem aos homens: a da existência do amor incondicional juntamente com a justiça de Deus. Trouxe em mim a manifestação do Cristo. Porém, para que eu sobreviva imortalizado nos tempos, terei que perecer nas mãos da maldade dos homens. Com isso, minha mensagem e minha vida não serão esquecidas perdendo-se no tempo.

Assim que ele concluiu a resposta, inclinei a cabeça em sinal de reverência e parti em seguida.

Teleportei-me para fora da torre, vindo surgir em uma praça nas proximidades de Jerusalém.

Meditava sobre o encontro que tivera com o grande Iluminado. O propósito dele foi atingido, pois sua mensagem assim como sua vida sobreviveram através dos tempos e provavelmente tornar-se-ão imortais na civilização humana.

Na praça em que apareci, uma nave do Cruzador me aguardava. Em poucos segundos, já estava a bordo do pequeno aparelho triangular.

Pelo monitor visual, vi cinco naves. Elas estavam no mundo astral do Século XX. Decolei e saí da atmosfera, ativando um túnel interdimensional no espaço, através do qual viajei de volta ao presente.

Ao sair do outro lado do túnel espiralado, fui acompanhado pelas naves que estavam à minha espera e seguimos para o Cruzador.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Despertei no corpo físico. Rapidamente levantei da cama e comecei a buscar em minha memória cada detalhe da aventura fora do corpo. Impressionava-me o fato de poder fazer tantas coisas em apenas uma noite. Está é a grande vantagem de se viver em vários mundos, pois podemos evoluir de forma muito mais rápida.

Caminhava pelo parque, às margens de seu lago artificial. O dia estava frio e ventava muito. No céu, promessas de garôa.

Era um hábito agradável ir, de vez em quando, ao parque para meditar. Entre um pensamento e outro, procurava avaliar a trajetória da minha vida até aquele momento. Sentia-me feliz por tudo que fazia, porém ainda não me dava por satisfeito.

Por meio da viagem astral, eu vivia aventuras que, muitas vezes, eram de tirar o fôlego, cujos limites pareciam não existir. A liberdade de ação era quase total. Neste aspecto, sentia-me plenamente realizado.

Entretanto, minha outra vida (no mundo físico) não me parecia ir muito bem. Apesar das palestras quase que diárias e dos constantes contatos com diversas pessoas, a cada dia eu me sentia mais e mais ocioso.

Em minha consciência existia uma insaciável cobrança de produtividade. Queria encontrar mais situações em que pudesse aplicar meus potenciais adormecidos.

A meditação foi se tornando cada vez mais profunda. Dialogava com a voz do meu Eu Superior quando, de repente, uma idéia surgiu em meio aos meus pensamentos: eu poderia trabalhar no treinamento de equipes de viajantes astrais. Nas palestras seriam selecionadas as pessoas nas quais pudesse identificar a possibilidade de se tornarem viajantes.

Encontrar os voluntários não seria difícil, sendo que pessoas com um potencial aflorado costumavam comparecer às palestras. Mas havia um problema: eu precisaria de recursos para as despesas com as instalações, além da disponibilidade de tempo.

Fiquei entusiasmado em poder ensinar, de maneira mais prática e objetiva, a viajar através dos mundos. Voltei para casa com o propósito de começar a entrar em contato com prováveis patrocinadores para o meu trabalho.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Um mês depois já havia selecionado a primeira equipe de treinamento. Eram pessoas de diversas idades. Notei, logo de início, que os níveis conscienciais eram bem heterogêneos, o que viria dificultar bastante o trabalho em conjunto.

A primeira equipe durou aproximadamente dois meses e seus resultados mostravam-se satisfatórios. Contudo, pude constatar a necessidade de formar equipes de vários níveis. Na primeira, eu havia misturado águias a pardais. Voando em alturas e velocidades diferentes, foi um tanto angustiante para ambos os tipos levantarem vôo juntos. Uns eram atrasados pelos outros, os quais ficavam frustrados por não poder acompanhá-los. Aprendi mais uma importante lição: águias não voam com pardais.

Os treinamentos seguintes foram melhorando gradativamente seus resultados e eu conheci pessoas com as quais vivenciei experiências que nos aproximaram pelos laços de afinidade.

Conheci Verônica. Mulher de mente ágil e dinâmica, com uma aguçada inteligência. Além de sua aparência suave e bela, o que realmente me chamou a atenção em nossos primeiros contatos foi o firme propósito de evoluir, coisa que ela já estava fazendo de maneira bastante acelerada.

A viagem astral viera de maneira nata em sua vida, o que dava a ela muita segurança em suas aventuras interdimensionais. Era constante destaque entre os participantes do treinamento, por sua impressionante facilidade de aprender e assimilar os conhecimentos mais complexos, das viagens a outros níveis de realidade. Sua coragem fez com que ingressasse, em breve tempo, na Unidade Prata.

Mesmo após o fim do treinamento da equipe da qual Verônica fazia parte, continuamos mantendo contato.

Certo dia, em que as forças das energias cósmicas pareciam estar bem mais fortes, recebi a visita de Verônica.

Bastante alegre, sentou-se à minha frente e narrou-me uma das várias viagens astrais que fizera:

- Notei que estava projetada para fora do meu corpo. Vestia um uniforme cinza bem claro, feito de um tipo de tecido aderente à pele. Em diversas partes deste traje havia partes metálicas prateadas. Vi uma espécie de distintivo no peito. De repente, escutei uma voz vinda de um pequeno comunicador que eu trazia preso ao meu cinto. Neste instante, minha consciência mudou subitamente, como se eu houvesse me tornado outra pessoa.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Muito atento à história de Verônica, pedi que continuasse.

- Atendi o chamado, no qual alguém informava que uma nave viria me apanhar para partirmos em missão. Depois de algum tempo, fui teleportada e me vi a bordo de uma nave, onde encontrei uma outra mulher trajando o mesmo uniforme, até parecia-se um pouco comigo. Através da janela, percebi que velozmente sobrevoávamos cidades, atravessando também o oceano em questão de segundos. Passando sobre um deserto, avistei um complexo de construções gigantescas. Pousamos a certa distância do local. Ao desembarcarmos, pudemos observar no céu uma frota de pequenas naves triangulares, tais como aquela em que eu estava.

- As naves pousaram próximas a nós e de lá desceram homens e mulheres, vestidos em uniformes de três modelos distintos: uns eram macacões brancos, outros eram armaduras prateadas e os restantes eram iguais ao meu. O comandante da equipe nos reuniu a todos, a fim de passar as instruções. Iríamos nos infiltrar em uma base de extraterrestres negativos, espalhando bombas em pontos-chave, cuja detonação simultânea destruiria todas da instalações. Tratava-se de uma fábrica de armamentos, naves e andróides utilizados em guerras contra as forças da luz. Seria uma importante vitória a destruição daquela base. As instruções chegaram ao fim.

Verônica prosseguiu:

- Das naves foram saindo aparelhos que se assemelhavam a motos magnéticas. A maior parte das motos saiu em direção à base-alvo. Eu estava em uma delas e, ao nos aproximarmos do perímetro de segurança do alvo, descemos das motos e nos camuflamos como trabalhadores da base. Já infiltrados e devidamente espalhados, instalamos as bombas uma a uma. Lembro-me de que, quando começaram as explosões, eu ainda estava lá dentro. Foi quando entrei em contato com as naves que sobrevoavam o céu e fui imediatamente teleportada, aparecendo a salvo no interior de uma delas.

Concluído o relato de Verônica, falei:

- Bem-vinda ao time! Você é uma guerreira dos mundos astrais!

Conversamos mais um pouco, despedindo-nos em seguida.

Ao longo do tempo, foram surgindo diversas pessoas em minha vida que, logo nos primeiros contatos, eu identificava como integrantes dos comandos. Entretanto, raras vezes

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

eu lhes relatava tal fato. Preferia que descobrissem por si mesmas as suas origens, a fim de não se sentirem dependentes de alguém que lhes mostrasse o caminho. Esta é uma tarefa que cabe a cada pessoa, seja ela quem for.

Após um ano e meio de treinamento de equipes, sentia-me exausto deste tipo de trabalho que, apesar de possibilitar-me conhecer pessoas muito interessantes ou poder ajudar outras que precisavam de alguma orientação, ainda não me sentia contente.

Ressurgiu em minha mente um antigo questionamento: "Qual será realmente a minha missão aqui neste mundo?"

Tal interrogação atingia o âmago do meu ser. Queria, por tudo, encontrar a grande resposta, pois minha vida na Terra dependeria dela.

Os dias de hiper-atividade foram gradualmente se perdendo no passado. As palestras tornavam-se cada vez mais raras e os treinamentos estavam parados. Paulatinamente fui vestindo uma máscara de cidadão comum. Esta foi a maneira de sair em busca da missão, meta que transformara-se em minha razão de viver.

Todavia, novos fatos surgiram e o tempo inevitavelmente colocou-me diante de difíceis encruzilhadas. Não estava me adaptando ao modo de vida da Terra, principalmente no que se referia a valores existenciais.

As pessoas que comigo conviviam cobravam-me, de certa forma, que eu tivesse um comportamento-padrão, similar ao da maioria. Diante do mundo, eu me mostrava um rebelde aos costumes tradicionais. Porém, havia atingido uma idade que me impunha seguir ou não o secular ritual da humanidade da Terra, cujos princípios básicos eram: nascer, crescer, estudar, escolher uma profissão e preparar-se para o casamento, o que poderia dar origem a uma nova família.

Eu vivia um exaustivo dilema. Não sabia se realmente queria levar adiante os meus estudos para que pudesse escolher alguma especialidade acadêmica. Isso tornava-se cada vez mais um motivo de intermináveis indecisões. Pensava comigo mesmo: "Não posso decidir em quê vou trabalhar enquanto não descobrir qual é a minha missão aqui no mundo físico."

No Mudo astral, uma esquadrilha de pequenas naves cortava velozmente o céu, em formação triangular. Eram vinte caças de cor prata-espelhada. O dia estava lindo, seu brilho resplandecente enchia ainda mais de vida o horizonte azul-celeste.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Saímos da atmosfera rumo à nave de Ashtar. Eu pilotava um dos caças. Como de costume, adentramos uma das milhares de rampas de pouso da nave-mãe. Assim que todos desembarcaram, informei-lhes nosso horário para regressar. Separamo-nos em seguida, pois estávamos ali a fim de cumprirmos diferentes funções.

Teleportei-me para a ponte de controle, em busca de Ashtar. Surgi no centro do controle, cuja predominância de cor era branco-neve. Naquele imenso espaço havia inúmeros aparelhos, quase a perder de vista.

Ashtar, percebendo minha presença, veio ao meu encontro com expressão de alegria. Seu corpo estava com outra forma. Sua constituição física assemelhava-o aos homens da Terra. Seu cabelo castanho-claro, bastante liso, estendia-se até um pouco abaixo dos ombros. Olhos azuis extremamente expressivos e claros, dando-lhe um aspecto jovial. Aparentava ter uns trinta anos. Sua voz soou convidativa:

- Aldomon, tenho um amigo que pediu-me um favor. Ele também é Comandante de uma frota de Cruzadores. Uma de suas Unidades será enviada, em missão, a Universos que eles desconhecem. Também precisarão usar uma tecnologia com a qual não estão familiarizados. Sei que a Unidade Prata conhece tais Universos e domina o uso da tecnologia necessária. Por isso, prometi ao Comandante Toraque a realização do treinamento de uma de suas Unidades. Posso contar com sua ajuda para isso?

Percebendo que Ashtar esperava de mim uma resposta objetiva, falei:

- Estamos à sua disposição, meu caro Comandante. Podemos começar o treinamento assim que desejar.

Ele, então, continuou:

- A Unidade que precisa ser treinada chama-se Canéra, cuja Comandante é Iara. Uma observação: todos os mil integrantes são mulheres.

Perguntei quando elas chegariam para o início do treinamento. Ashtar, animado com minha vontade de começar logo o trabalho, respondeu:

- Daqui a um dia da Terra o Cruzador de Iara colorirá a atmosfera.

Pensei: "Ashtar parece conhecê-la..." Ele leu meu pensamento e disse:

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Sim, eu a conheço. Há alguns séculos, passei por seu planeta e tive a oportunidade de, casualmente, encontrar-me com a Unidade Canéra e assim conhecer Iara. Conversamos por algum tempo e uma das coisas que ela me falou é que já havia ouvido falar muito a respeito da Unidade Prata, que servia sob meu Comando. Pelo que pude perceber, ela parecia ter forte interesse em conhecê-lo.

Ashtar colocou-me a par de todos os dados sobre a Unidade Canéra e informou que, assim que Iara chegasse, seria enviada ao Cruzador Triton, para que tratasse comigo dos planos do treinamento.

Despedi-me de Ashtar e, sem demora, regressei à rampa de pouso e decolagem, onde alguns pilotos da esquadrilha já estavam à minha espera. Através do comunicador, chamei os pilotos que faltavam e, em poucos segundos, estávamos todos subindo a bordo.

Novamente a esquadrilha transpôs o espaço em formação triangular. Por entre os pontos luminosos surgiu o Cruzador Triton, aquela imensidão de metal prateado que, por muitas vezes, parecia ser um espelho cósmico onde as estrelas refletiam entre si o brilho da vida.

Como pássaros voltando ao ninho, penetramos aquela intransponível fortaleza voadora. Descemos dos caças com a alegria costumeira de estarmos de novo em nossa casa. Os pilotos conversavam entre si coisas cotidianas na vida de guerreiros dos mundos. Andando com certa pressa, passei em volta do aglomerado de pilotos.

Depois de trocar meu traje, teleportei-me ao centro de controle. Sion estava dando algumas instruções aos operadores de máquina, mas logo veio perguntar se eu havia me encontrado com Ashtar:

- Novidades, Aldomon?

- Sim, tenho! E boas!

Percebi que todos que estavam na ponte de controle aguçaram seus ouvidos.

- Ajudaremos uma Unidade a aperfeiçoar-se no uso de determinados equipamentos tecnológicos, bem como dar-lhes conhecimento das leis de certos Universos.

Desta vez mais interessado pela novidade, Sion perguntou:

- Quando começaremos o treinamento? Estou ansioso por mais ação!

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Pensei no que Sion falou: Ação! Aqui é o que mais temos. Todos os dias e noites são repletos de batalhas. Mas reconheço que nossa Unidade parece não se saciar de trabalho. Expliquei:

- Amanhã o Cruzador da Unidade Canéra chega ao planeta e, após conversar com sua Comandante, saberei quando iniciaremos.

Acordei no mundo físico, guardando em minha memória todos os detalhes do que fizera no outro mundo. Senti uma agradável sensação de ser imortal. Achava que não suportaria viver neste mundo tão limitado se não tivesse a capacidade de sair do corpo.

O dia passou num abrir e fechar de olhos, até que chegou a hora de repousar entre os lençóis.

Assim que deitei, não estava com sono suficiente para dormir. Minha cabeça começou a fervilhar, repleta de pensamentos que me empurraram para dentro de uma estonteante euforia. A vida colocava-me, noite após noite, envolvido a fascinantes aventuras.

O sono veio sem avisar e levou-me em seus braços para fora do corpo. Quando percebi, já estava no mundo astral.

Inclinando a cabeça, verifiquei se estava trajado com o uniforme da Unidade. Sem perda de tempo, chamei uma nave através da telepatia. Flutuei para o alto do prédio em que morava e logo pude avistar a pequena nave, a qual encontrava-se estacionada em pleno ar, à minha espera. Voei até uma de suas portas e, assim que entrei no aparelho, deparei-me com duas confortáveis poltronas.

Sentado em uma delas, coloquei rapidamente meu capacete e segurei com firmeza o mancho de controle, o qual estava acoplado ao painel à minha frente. Um pouco acima do painel, duas telas visuais orientariam meu vôo.

A habilidade de pilotar surgiu em minha mente. Apertei um botão e puxei levemente o mancho para cima, fazendo com que a nave decolasse suavemente.

Em uma das telas gráficas vi um desenho do Cruzador e, na outra, um do pequeno aparelho em que eu estava. Sem dificuldades, apenas segui o roteiro gráfico do monitor, como se eu estivesse em um video-game. Vez ou outra eu olhava através das janelas e observava os continentes se tornando pequenos, lá embaixo. Em breves momentos só era possível identificar, atrás de mim, a esfera azul do planeta Terra.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Uma sensação de liberdade intensificava-se mais e mais, até que minha atenção voltou-se para o Cruzador.

Apesar deste ainda estar a certa distância, fiz a aproximação e, através do comunicador visual, efetuei o contato:

- Solron, aqui é Aldomon. Estou fazendo a manobra de entrada na Rampa 2.

- Afirmativo. Rampa 2 liberada para acesso.

Com destreza e precisão conduzi a espaçonave através do corredor da rampa de pouso e decolagem. Empurrei suavemente o mancho para baixo e pousei.

Até que não era difícil pilotar estando eu com a identidade de Aldomon. Eu havia pilotado sem ter me transformado plenamente em Alderan.

Retirei o capacete e soltei o cinto de segurança. Destravei a porta, empurrando-a para cima. Andando pelo chão metálico, subi alguns degraus e comecei a percorrer os alojamentos dos integrantes da Unidade. Eles se mostravam como uma grande família, cujos motivos da união foram a mútua afinidade do ideal de vida. O Cruzador era um lar que trazia em si um pedaço de lembranças dos mundos em que havíamos vivido. Todos os integrantes da Unidade Prata amavam de corpo e alma os seus trabalhos, sendo capazes de qualquer sacrifício para cumprir a missão que lhes fosse apresentada.

Isto, para mim, era motivo de infinito contentamento. Sempre que possível, compartilhava com eles alguns momentos de companheirismo.

Os extraterrestres que assumiram corpo astral da Terra, ou até mesmo aqueles que nasceram no mundo físico, periodicamente precisavam se alimentar de cotas de energia moduladoras de vibração. Sem tais energias, em breve tempo o corpo astral seria desintegrado, fazendo com que a pessoa voltasse a seu corpo anterior.

Ao passar pelo alojamento, entrei em um refeitório energético. O lugar apresentava, em seus móveis e paredes, suaves tons de azul-metálico, porém o branco era predominante. Balcões compridos, cujos assentos eram ocupados por diversas equipes, contrastando entre si por seus uniformes de diferentes modelos e cores. Em um outro ambiente, um pouco adiante do balcão, havia mesas compridas, também cercadas de assentos que, naquele momento, estavam quase todos vazios.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Avistei Sion em uma das mesas. Aproximei-me, puxando uma cadeira. A conversa começou com uma lembrança minha de um acontecimento passado:

- Hoje chega a Unidade que treinaremos. Ontem não te disse, mas fiquei sabendo que esta Unidade é composta apenas por mulheres e, que na maioria, são oriundas do mesmo planeta.

Prossegui:

- Ainda não faço idéia de qual seja a especialidade das integrantes de Canéra.

Sion olhou-me confiante e expôs seu pensamento:

- Sejam quais forem as habilidades da Unidade Canéra, elas foram suficientes para convencer Ashtar de que conseguiriam passar por nosso treinamento. A propósito: está próxima a hora de sua chegada?

- A qualquer momento! E nós é que iremos recebê-la! - respondi ansioso.

Sion e eu teleportamo-nos para o centro de controle. Calia alertou que um cruzador foi detectado em nossos sensores, o qual, ao ser contatado, se identificou com o nome de Irques, tripulado pela Unidade Canéra, cuja comandante é Iara. Imediatamente informei que o cruzador desconhecido já estava sendo aguardado. Passou um breve espaço de tempo, de repente recebemos a comunicação de que Iara havia chegado ao setor do planeta Terra.
Rapidamente entrei em contato com a unidade Canéra:
- Aqui é Alderan, comandante do Cruzador Triton, solicito a presença da comandante Iara em Triton o mais breve possível.

A imagem feminina que coloria a tela visual verbalizou algumas palavras:

- Comunicarei imediatamente a Iara!

Avistei, através de uma janela, a nave, de gigantesca proporção. O Cruzador Irques também seguia a engenharia geométrica - esta peculiaridade arrancou de mim uma singular admiração. Achei um tanto quanto diferente as cores que eram apresentadas em várias partes do cruzador, eram variadas, muito vivas, fluorescentes, havia partes vermelhas, azuis, verdes, amarelas, pareciam com as cores do arco-íris.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Fui informado de que Iara se teleportaria para o nosso cruzador, para nos encontrar. Com certa pressa trajei a armadura de gala, e pus-me a esperar.

De repente surgiram diante de mim dez lindas mulheres, mas uma delas atingiu profundamente o âmago do meu ser. Foi amor à primeira vista. Assim que fitei seus olhos pretos brilhantes, meu interior estremeceu, fiquei fascinado com sua encantadora beleza, que era celestial e ao mesmo tempo terrena. Fui envolvido por sua expressão meiga, mas que também transmitia energia.

Todas trajavam a mesma roupagem: um tipo de macacão inteiriço, de tecido que se assemelhava a lycra. Ao longo do traje havia divisões de várias cores que eram similares às de seu cruzador.

Seu cabelo, comprido até a cintura, tinha cor de noite sem luar, em seu rosto uma franja milimetricamente acima de suas sobrancelhas, seu rosto de pele clara, estava discretamente rosado. Os traços dos olhos, do nariz como também os da boca eram inacreditavelmente perfeitos. Aquela mulher parecia ter sido criada nas medidas exatas para meus parâmetros.. Seu corpo era esbelto, todas as suas partes eram bem definidas em suave aparência.

Seu rosto esboçou um sorriso, que foi mais e mais tornando-se expressivo, os olhos abriram um pouco mais, dando uma impressão de intimidade e ao mesmo tempo de contentamento. Eu também sorri, então percebi que ela transmitia reciprocidade de sentimentos, fui banhado por seu amor. Escutei sua voz o que me encantou ainda mais:

Creio que você seja Alderan ! Estou certa?

- Absolutamente certa! E você, Iara"! "- Falei-lhe com ternura e carinho.

Ela confirmou com um olhar de cumplicidade. Fitei suas companheiras de equipe e falei descontraidamente:

- Podem ficar à vontade, todas vocês são bem-vindas !

Senti que tanto a sua equipe quanto a minha ficaram surpresas ao perceberem que um clima especial aconteceu entre nós. Pedi a todas que me seguissem, para mostrar-lhes os vários setores do Cruzador, que internamente se parecia com uma pequena cidade eletrônica.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Teleportamo-nos para um dos laboratórios de desenvolvimento tecnológico, onde mostrei a Iara os métodos que eram empregados para transcendermos cada vez mais a eficiência dos equipamentos. Apresentei alguns de nossos recursos, para que pudessem se situar sobre quais seriam os aspectos de manuseio que necessitavam aprender.

Convidei Iara para um passeio ao planeta Terra e ela aceitou sem hesitação. Fomos para uma rampa de decolagem e subimos a bordo de uma pequena espaçonave. Comuniquei ao controle do cruzador que estava partindo para a Terra. A rampa foi aberta e por ela saí rapidamente, tomando a direção da esfera azul que girava a certa distância.

Enquanto eu pilotava, conversava com Iara, e uma das coisas que lhe perguntei foi se já conhecia o planeta que estava prestes a visitar. Ela respondeu-me:

- A alguns milênios atrás, vim aqui como cientista de engenharia genética. A equipe que eu integrava interferiria na genética física dos seres humanos primitivos que povoavam a superfície mas, pelo que posso notar de onde estamos, o planeta mudou bastante, os continentes estão diferentes.

Prontamente expliquei:

- Aconteceu uma alteração no eixo de rotação, isto fez uma profunda mudança geográfica.

Iara transmitia tanta alegria e companheirismo que sua companhia agradava-me cada vez mais, sentia nela um complemento harmonioso, sua mente e seu corpo tinham beleza suficiente para saciar meus parâmetros perfeccionistas. Sua voz transmitia em cada palavra um composto alquímico que me envolvia em um êxtase arrebatador, mas em minha consciência um pensamento de alerta tentava avisar-me: eu e aquela mulher pertencíamos a mundos diferentes. E também, no que se referia a nosso contato, sabia que, assim que sua Unidade terminasse o treinamento, partiriam para um universo tão distante que até mesmo nossos pensamentos teriam que se afastar. Mas já era tarde para tentar escapar do amor que sentia por ela, eu mesmo enredara-me naquele sentimento do qual não conseguia mais desvencilhar. O silêncio da minha profunda introspeção foi suavemente interrompido pela voz afável de Iara a perguntar-me:

- Alderan, por que de repente você pareceu ficar triste?

- Estava pensando em até que preço estou disposto a pagar pelo amor incerto! -Respondi resignado.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Parecendo conhecer o meu íntimo, ela falou com ar convidativo:

- Este amor pode não ser tão incerto e fugaz quanto parece ser!

O aparelho já sobrevoava a superfície da Terra, virei meu olhar em direção ao da minha companheira de vôo, e dando um sorriso misterioso falei:

- Quero levá-la a alguns lugares que para mim são muito especiais.

Primeiramente iríamos a um recanto situado em uma exuberante floresta.

Estávamos passando por cima da América do Norte, rapidamente passou por nós a Central e por fim sobrevoamos o Brasil. Avistei uma imensa floresta, em breve tempo comecei a pousar às margens de uma pequena cachoeira, e a nave tocou o solo de uma clareira de pedrinhas polidas, peculiar aos leitos de rios de águas cristalinas. O sol tinha acabado de nascer naquela floresta tropical, árvores altas e esguias formavam uma ampla cúpula de folhas, que deixavam escapar por entre as frestas feixes de luz que se transformavam em raios brancos ao serem envolvidos pelo vapor que estava sendo exalado do chão, como também das plantas. Nós desembarcamos, ela correu seus olhos em várias direções da floresta, e espontaneamente falou com ar de contentamento:

- Este lugar parece encantado. Como a natureza deste planeta é bela!

Convidei-a a me seguir por uma estreita trilha feita em degraus de terra, demos uns seis passos e pedi-lhe que parasse. Iara obedeceu prontamente, mesmo sem saber do que se tratava. Mentalmente eu pensei em uma palavra que servia de senha. Ao pronunciá-la em minha cabeça, foi como se tivesse retirado uma barreira invisível do nosso caminho, eis que surge diante de nós um pedaço do paraíso, uma casa de tijolos brancos reluzentes: estava cercada por um colorido jardim de flores que se estendia em volta da trilha em que estávamos.

Caminhamos por entre o jardim até chegarmos à frente da fachada da casa: janelões de vidro transparente davam ao interior daquela casa silvestre uma intensa claridade que realçava ainda mais o ar de vida no ambiente.

Virei a maçaneta e abri a porta transparente. Com um gesto convidei Iara a entrar primeiro. Ela sorriu e, em seguida, entrou. A sala de estar como também todos os cômodos tinham em sua decoração dois estilos bem distintos : um era rústico-campestre e outro mostrava a sofisticação de uma moderna tecnologia. Após mostrar-lhe todas as partes da construção,

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

sentamo-nos em um confortável sofá e, curvando nossos corpos um na direção do outro, começamos a conversar. Pedi-lhe que me falasse sobre sua Unidade. Com felicidade, uma narração saiu de seus lábios:

- Estou no comando de Canéra há mil anos, e nos especializamos em uma gama de atividades, tais como: efetuar a comunicação com mundos de diferentes universos, ajudar habitantes de certos planetas a evoluir nos aspectos biológicos, materiais e culturais. Também já lidamos com povoação de espécies vegetais e animais em planetas que necessitavam de tais interferências para evoluir mais rápido. No tempo atual, minha Unidade recebeu uma missão, na qual teremos que entrar em universos bastante hostis. Para tal atuação precisaremos estudar a fundo as leis que regem os mundos de cada universo em que teremos de entrar. Por meio do meu comandante, pude ter acesso a você. Bem antes que eu assumisse o comando da minha Unidade, já tinha ouvido falar muito de seu trabalho e de sua equipe de guerreiros dos universos. As missões de vocês são sempre tão difíceis que eu chegava a me encabular com o fato de conseguirem cumpri-las. Já faz tempo que saí à sua procura, mas sua Unidade parecia jamais fixar-se por um tempo que nos possibilitasse alcançá-los em nossos períodos de recesso entre uma missão e outra.

Iara narrava algumas missões que a Unidade Prata tivera no passado. Ela havia tido acesso a informações ultra-secretas, mas sem mistério explicou-me que as tinha recebido de seu comandante, Toraque, num relatório onde constava uma série de ações realizadas por várias equipes da Unidade Prata. Havia sido o próprio Ashtar que o entregara a Toraque. Eu é que fiquei bastante encabulado, pois Iara me tinha em tão alto apreço que eu não me sentia merecedor do patamar em que ela havia me colocado.

- Talvez você fique um tanto quanto decepcionada, pois no momento atual estou cumprindo um difícil trabalho: vim para este planeta com duas missões, uma no mundo astral e outra no mundo físico. Em função disso tive que nascer em um corpo da Terra. Já dá para imaginar o quanto estou limitado por ter sido ligado a um escafandro de carne e ossos. Não que eu esteja maldizendo o meu corpo material.

Vez ou outra ela dava um sorriso e transmitia em seu olhar a segurança de já estar a par da minha situação. Senti-me um bobo de estar falando o óbvio.

Novamente escutei a voz amiga e envolvente de Iara:

- De maneira alguma estou decepcionada com a situação em que você se encontra, ainda mais que fui informada a respeito da importância da missão que você realizará no mundo físico. Isto me fascina ainda mais.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Pensei comigo mesmo: "- Ela já sabe o que vim fazer no mundo físico quando nem mesmo eu imagino o que seja."

- Comunicaram-lhe também o motivo pelo qual eu ainda não fui informado de qual é minha missão? -Perguntei curioso.

Iara mudou de posição no sofá, parecia buscar a resposta mais adequada. Ela ficou em silêncio por um breve tempo, e por fim:

- Só o que posso lhe dizer é que, ao sair em busca da grande resposta, sem perceber terá iniciado a sua missão, e então será inevitável a descoberta do seu destino.

As palavras que ouvi naquele instante encheram minha vida de esperança. Já estava mais que satisfeito, sutilmente fui mudando de assunto.

- O que poderemos fazer por sua Unidade? -Perguntei voluntarioso.

- Precisamos de informações e também de treinamento bélico.

Ao escutar suas palavras fiquei um pouco intrigado, e pensei: "- Será que Canéra se tornara uma Unidade guerreira?"

Ela percebeu minha estranheza, e sem demora explicou-me:

- Para que possamos realizar nossa próxima missão, precisaremos formar uma equipe bélica para fazer a proteção das demais. Com isto não correremos o risco de ser dizimados, por habitantes de planetas cujo comportamento predominante ainda é a agressividade. Nós concluímos os planos de treinamento de Canéra.

Levantamo-nos do sofá e fomos para o jardim. Iara se deleitou envolvida pela fragrância sedutora do perfume das flores, andamos por entre os pés de roseiras, contemplando a linda variedade de rosas cujas pétalas ainda estavam molhadas de orvalho.

Afastei-me um pouco, e de certa distância assisti a um deslumbrante espetáculo de feminilidade: aquela bela mulher de cabelos esvoaçantes banhava o seu corpo com pétalas cor-de-rosa. Seu semblante parecia estar imerso em um êxtase delirante. As pétalas transformaram-se em sedoso vestido levemente transparente, ela parecia a própria deusa

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Vênus em pessoa. Seu corpo flutuou com suavidade por sobre o roseiral, uma brisa alegre fez seu vestido dançar sinuosamente.

Os olhos dela buscaram os meus, que sem dificuldade foram encontrados. Como se fosse uma fada, ela flutuou em minha direção, seus pés delicados desceram ao solo, tocando carinhosamente a relva orvalhada: fui agraciado com seu abraço, senti em todo meu corpo a irradiação do seu amor.

Voltamos para a nave, o brilho do sol reluzia em suas laterais. Decolei com rapidez falando para minha companheira de viagem que a levaria para conhecer pessoalmente minha vida no mundo físico. Estacionei a espaçonave próximo à minha moradia. Passamos através da parede do meu quarto, mostrei-lhe meu corpo deitado na cama e falei um pouco apressado:

- A nave funciona com controle automático, caso você não queira pilotar. Infelizmente tenho que voltar agora para meu corpo.

-Até mais ver ! -Falei apressadamente.

Abri meus olhos e pensei: "- É... novamente no mundo físico!" Respirei fundo e levantei-me da cama. Abrindo a janela, vi que estava um bonito dia de verão, o clima estava convidativo para uma caminhada no parque.

Andando por entre pinheiros gigantes, pisava em um imenso tapete de folhas finas, que faziam com que o chão se tornasse macio. Após longa caminhada, sentei-me à sombra de algumas árvores, e comecei a meditar: passava por mim os caminhos do destino, mas eu bem sabia que só poderia escolher um de cada vez; embora possuísse algumas habilidades extra-sensoriais, isto não me facilitava a escolha do rumo que eu deveria seguir para encontrar minha missão.

As lembranças do contato que tivera com as pessoas de minhas palestras, bem como as dos cursos, continuavam vivas em minha memória, e nestas reminiscências tentava decifrar algumas respostas que talvez pudessem facilitar minha escolha.

Sem que eu me desse conta, meus pensamentos foram conduzidos para Iara, senti sua presença perto de mim e, como se a estivesse vendo à minha frente, pronunciei carinhosamente o seu nome.

Tinha certeza de que ela estava ali. Concentrei minha visão para tentar abrir minha clarividência. Enfoquei um ponto fixo no espaço vazio, e eis que surgiu no centro da minha

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

visão um ponto brilhante: ele era azul e vermelho fluorescente, as cores mexiam-se entre si e, de súbito, produziram uma pequena fresta dourada luminosa.

Sabia que esta pequena abertura podia ampliar-se abrindo um portal que possibilitaria enxergar outras dimensões, e assim eu poderia ver Iara. Por mais que concentrasse, não conseguia energia suficiente para abrir o portal.

Após tentar por uns dez minutos, tive que desistir, pois fiquei muito cansado energeticamente. Suspirei de lamento, por ainda não ter o domínio total desta habilidade tão importante. Vez ou outra conseguia abri-la, porém na maioria das tentativas acabava frustrado por não conseguir.

Fiquei olhando para o chão um pouco triste por não ver minha amada Iara. Depois de conformado, regressei à minha casa, na ansiedade do cair da noite.

Através do sono viajei para o mundo astral. Surgi em um campo de batalha: de um lado o exército positivo e do outro, o negativo. Corri em volta de lançadores de mísseis, tão grandes que mais pareciam foguetes espaciais. Ao longe, os estrondos das explosões. Uma intensa agitação da correria dos soldados, que mudavam permanentemente de posição.

De repente uma bomba atinge minhas pernas. Com a explosão fui parar longe - felizmente minha armadura protegeu totalmente o meu corpo, com sua blindagem.

Levantei-me como que num reflexo, olhei para o céu e vi uma esquadrilha de naves. Ativei meu comunicador na freqüência em que elas estavam operando, e então identifiquei-me:

- Aqui é Alderan, da Unidade Prata. Vocês aí em cima, estão precisando de ajuda ?

- Afirmativo, toda ajuda será bem-vinda! Estamos sofrendo um ataque maciço das forças dos dragões; se eles atravessarem esta barreira, colocarão em risco nossa base avançada do Quadrante 7. Nesta base estão centenas de crianças em processo de viagem astral.

- A ajuda será enviada imediatamente! - Afirmei com segurança.

Comuniquei-me com o Cruzador:

- Sion, alerta de emergência no Quadrante 7 da quinta dimensão! Enviar equipe tática 1 para combate aéreo, sob seu comando!

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Entendido, logo estaremos no campo. - Respondeu Sion.

Entrei em contato com Iara e pedi-lhe que viesse com uma de suas equipes, a fim de recolher as crianças que estavam na base. Esta seria uma boa oportunidade de já iniciar o treinamento de sua Unidade.

Ativei no implante cibernético uma armadura batalhóide, que trazia em si imenso potencial de demolição. Tal poderio bélico teria de ser empregado para fazer o máximo visando garantir a segurança.

Sobrevoei o campo de batalha e desci na cobertura de um dos prédios que compunham o complexo da base. Percorri rapidamente as escadas, passando por várias salas e alertando as monitoras das crianças: todos os prédios teriam que ser imediatamente desocupados, pois era iminente o ataque das legiões sombrias.

Nos pátios dos prédios, algumas naves comandadas por Iara estavam prestes a pousar.

Os caças do Cruzador sobrevoavam o céu, abatendo as aeronaves inimigas, e também atingiam alguns tanques que estavam tentando abrir caminho em direção à base.

No visor do meu capacete surgiram imagens aéreas do campo de batalha. Algo inesperado começou a acontecer: de dentro do solo começaram a sair máquinas blindadas gigantescas. Pareciam centopéias de metal, pois tinham em suas costas centenas de largos canhões. Elas eram tantas que nossas centenas de naves não estavam conseguido detê-las.

Novamente entrei em contato com o Cruzador:

- Poderon, teleporte-se com toda equipe de infantaria para cá imediatamente.

Em uma fração de minuto, mais de mil soldados cercaram a base, e armados de canhoneiras laser entraram na batalha. Por algum tempo também participei do confronto bélico. Da minha armadura, que mostrava proporções agigantadas, abriam-se compartimentos em várias partes, e deles saíam mísseis. Quando, por fim, minha carga de energia estava quase se acabando, desativei a armadura batalhóide, e fiquei apenas com a protetora.

Teleportei-me para um pátio da base. Lá chegando, encontrei apenas duas naves da Unidade Canéra, que acabavam de recolher as últimas crianças. Ao aproximar-me de uma delas, avistei Iara em uma das janelas.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Encontro-a depois, lá no Cruzador! - Falei com certa pressa.

Ela concordou e, em seguida, partiu.

Um caça pousou logo à minha frente. Velozmente entrei em seu interior e decolei para novamente entrar em combate. Restavam apenas poucas centopéias de metal, que logo foram destruídas.

Os soldados da infantaria começaram a recolher os integrantes dos exércitos inimigos. Os caças regressaram ao Cruzador e no céu restavam apenas algumas poucas naves recolhedoras.

Todos os prisioneiros foram levados para uma imensa nave-prisão, que se encontrava fora da atmosfera Terrestre.

Já de volta a Triton, recarreguei o meu implante eletrônico na câmara de energia. Após concluir a energização, entrei em contato com Iara, convidado-a para sairmos juntos.

Desta vez, fui eu quem foi em seu cruzador. Assim que cheguei, fui calorosamente recebido por ela e conheci algumas de suas comandantes de equipe.

Iara olhou para mim com ar de mistério.

- Alderan, tenho algo para mostrar-lhe antes de sairmos. -Falou confidencialmente.

- Estou à sua disposição!

Acompanhei-a por alguns corredores quando, de repente, entramos em um grande salão, que tinha seu interior lotado de câmaras de animação suspensa. Em uma destas câmaras de cristal avistei a replica de Iara.

Pensei comigo mesmo : "- Ela também deve estar fazendo uma viagem astral."

- Sim, Alderan, você está certo. Entretanto, não é apenas por um período correspondente a uma noite terrestre, e sim o tempo de três meses.

"Então e neste prazo que ela vai embora." - Pensei comigo mesmo.

Decolamos com destino ao planeta azul. Desta vez a levaria a outro lugar especial.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Descemos nas areias de um deserto do oriente. Ali eu havia construído um pequeno castelo no estilo árabe, que geralmente utilizava para meditação. Transpusemos um salão, cujo chão estava forrado com uma grande variedade de tapetes. Existiam pedestais espalhados em várias partes, trazendo em si vasos e esculturas que enfeitavam o ambiente, juntamente com os quadros de vitrais.

Convidei-a para seguir-me até os fundos da construção, onde eu havia feito um oásis artificial.

A noite era de Lua cheia. Sua luminosidade produzia uma claridade prateada na areia. Sentamo-nos em um banco de mármore. De onde estávamos podiam ser vistos múltiplos brilhos na água do laguinho que, por sua serenidade, se transformara em espelho.

Olhei profundamente nos olhos de Iara, e com tranqüilidade comecei a falar:

- Veja bem este deserto: apesar do clima árido, aqui vivem seres que por muitas vezes impõem sua vontade de continuar existindo e renascem como que de suas próprias cinzas. A humanidade Terrestre, de certa forma, vai assemelhar-se à natureza do deserto, pois um novo mundo está prestes a surgir, fazendo com que o velho venha a extinguir-se.

A curiosidade transpareceu no rosto de Iara:

- Quando a Unidade Prata concluirá sua missão aqui na Terra?

- Somente após a retirada de todos os seres negativos que ainda existem no Planeta.

Naquele lugar paradisíaco conversamos por alguns minutos, até que nossas responsabilidades nos chamaram ao dever. Ela partiu para seu cruzador, eu lá permaneci por um breve tempo, até que fui puxado para meu corpo do mundo físico.

Levantei-me ao raiar do dia, que por sinal seria longo.

O carro corria pelo asfalto. Éramos quatro em seu interior, e os assuntos de maior interesse, durante toda a viagem, sempre diziam respeito a experiências transcendentais. Por fim, avistamos as montanhas de uma linda chapada, que se localizava em uma reserva nacional.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Nós nos instalaríamos em uma pequenina cidade cravada em um berço de montanhas. Eu já havia visitado aquela região algumas vezes, mas sempre me encantava com a magia e beleza dos vales.

Como me agradava toda aquela tranqüilidade. Ainda mais pelo fato de que sempre preferi viver em locais de retiro.

De repente avistamos a entrada da cidade. Busquei na minha memória os rostos dos meus amigos e conhecidos que ali viviam e que, ao visitá-los, tão bem me recebiam.

O Sol centralizava-se no firmamento, denunciando o meio-dia. Unanimemente preferimos ir em busca de um restaurante e almoçar antes de fazermos qualquer outra coisa.

Enquanto nossa mesa não era servida, começamos a traçar o percurso que faríamos. Primeiramente visitaríamos a casa de um amigo comum, que era muito querido por todos; depois iríamos a uma mina de cristal, que ficava no alto de uma pequena montanha; dai em diante faríamos o que nos parecesse mais aprazível.

O pedido foi servido e, entre uma garfada e outra, surgiu o assunto dos vários tipos de alimentação. Uma de nossas companheiras de viagem fez uma pergunta com expressivo grau de interesse:

- Aldomon, já faz algum tempo que parei de alimentar-me com qualquer tipo de carne animal, pôis começou misteriosamente a acontecer uma coisa muito estranha: toda vez que eu comia carne, começava a sentir um mal-estar insuportável, o que inevitavelmente me fez abandonar tal hábito alimentar. Poderia explicar o motivo de tão incômoda sensação?

Dei um sorriso, pois lembrei-me naquele instante da desintoxicação a que fui submetido no passado. Com bom-humor, revivi na minha memória a Sena do baita choque que levei dos aparelhos:

- A carne animal traz em si cargas de energia psico-emocionais que foram programadas por instintos animalizados. Por isto, se o ser humano ingerir a energia emocional que vem junto com a carne, transferirá para si própria as características instintivas peculiares do animal ao qual ela pertencia. Há entre os seres humanos aqueles cujos corpos estão passando por uma sutilização energética, e isto faz naturalmente com que as pessoas fiquem até doentes com a energia da carne. Pode ser este o seu caso.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Saímos do restaurante e passamos na casa do nosso caro amigo. Ele e sua mulher nos atenderam com atenção e hospitalidade. Notamos que eles pareciam estar bastante atarefados, conversamos por breves momentos e então despedimo-nos.

A poucos quilômetros da cidade, deixamos o carro na auto-estrada e pegamos uma trilha cercada de vegetação rasteira, localizada onde parecia já ter sido algum dia um pasto.

Andávamos pelo estreito caminho. O céu azul celeste só estava sendo maculado por algumas poucas nuvens branquinhas e rarefeitas. A altitude em que estávamos era tamanha que as nuvens pareciam quase tocar o chão. O vento suave aumentava ainda mais a sensação de liberdade, o Sol estava um pouco forte, mas não o suficiente para incomodar.

A caminhada seguia lenta e absorta, raramente se ouvia alguém falar, todos pareciam estar envolvidos pelo fascínio da observação daquela paisagem montanhosa. Éramos interrompidos vez ou outra por alguns mosquitos inconvenientes que pareciam não gostar de visitantes, pois se esforçavam para deixar suas marcas em nós, talvez para que não esquecêssemos o repelente da próxima vez .

A vegetação à nossa frente foi tornando-se cada vez mais bela, passamos pelo alto de um platô cujo chão estava forrado por um tapete de capim fino repleto de flores delicadas: amarelas, brancas e lilases. Elas dançavam ao sabor do vento, que soprava sem cessar.

Subimos e descemos morros e cristais começaram a ser vistos pelo caminho: eram pedrinhas de um encanto peculiar, com vários tipos de lapidação, que a própria natureza encarregara-se de fazer.

Por fim, chegamos à mina no alto da montanha. Sentei-me em um barranco e fiquei observando a colheita de cristal. Fechei os olhos e concentrei-me na absorção da energia vital que o Sol havia imantado naquelas pedras.

Após poucos minutos, fiquei plenamente carregado. Então, parei rapidamente a absorção, para não ficar com sobrecarga.

O clima foi ficando muito quente, e tivemos que voltar à cidade para evitarmos uma possível insolação. Antes do cair da noite, hospedamo-nos em um hotel.

O céu encheu-se de estrelas e não tardou muito para eu viajar ao mundo astral: uma nave do Cruzador já me aguardava a pouca distância da janela do quarto, subi a bordo e voei rumo a Triton. Lá, eu seria submetido a mais uma cirurgia. Desta vez mexeriam no meu

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

cérebro para implantar um aparelho, o qual teria importante função em minhas viagens interdimensionais, pois tal mecanismo iria aumentar vertiginosamente o tempo de duração de minhas saídas.

Como de costume, fiz a aproximação com uma das rampas de pouso e, em breves instantes, já estava a bordo. Teleportei-me para a sala de implantes para que fosse feita, o mais rápido possível, a colocação do aparelho.

Deitei-me em uma fria mesa metálica, vi à minha volta o rosto dos técnicos que efetuariam o implante. Um deles segurou um recipiente com um líquido esbranquiçado. Ao abri-lo, nele foi submergida uma pinça, e lá de dentro surgiu uma pedra que se assemelhava a um diamante semi-esférico, com incontáveis facetas lapidadas em sua superfície, e que produziam reflexos diamantinos.

Senti como se o topo da minha cabeça fosse aberto, porém sem qualquer dor. Por algum tempo fiquei vendo clarões coloridos, até que foi concluída a operação.

Levantei-me da mesa e subitamente comecei a perceber que o meu grau de lucidez tinha sido aumentado conscideravelmente: senti que não precisava mais fazer esforço de concentração para transferir a memória para o corpo material.

Teleportei-me para a ponte de controle, a fim de preparar a execução de uma missão que necessitava o máximo de urgência.

- Sion, ativar Equipe Prata Líder. Os dados da missão estão no computador central. Estou indo para a rampa de decolagem das naves de combate.

- Entendido, Alderan. Estaremos lá o mais breve possível.

Fui comunicado, pelos rastreadores da Unidade, de que foi registrada a abertura de um portal dimensional no Quadrante 104 da quarta dimensão astral e de que alguns seres das sombras saíram do portal e invadiram um setor de segurança. Tínhamos que agir rápido para que os seres negativos não causassem danos para as cidades daquela região.

Na rampa de decolagem, eu escolhia equipamentos que seriam utilizados na ação. Dezenas de andróides ajudavam-me a transportar para as naves os aparelhos que iam sendo escolhidos, entre os quais motos magnéticas e armamentos de vários tipos. De repente a Equipe Líder surgiu diante de mim.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Sion, Miria, Solron e Drilha, vocês ficarão nos dando apoio aéreo com as naves de combate . Todos os outros irão por terra nas motos magnéticas.

Decolamos velozmente em direção à superfície terrestre. Ao passarmos entre as nuvens, nossas naves fizeram uma transição dimensional e materializaram-se na quarta dimensão astral. Sobrevoamos os edifícios de uma grande cidade.

Os sensores vibracionais registraram a localização das entidades negativas: no monitor visual foram surgindo pontinhos vermelhos, em número um pouco acima de uma centena. As naves passaram logo acima de alguns prédios que estavam em volta de uma larga avenida. Subi em uma moto magnética.

Foi aberta uma porta na parte inferior da nave, inclinei meu corpo um pouco para a frente, liguei o aparelho e saí pela abertura da nave de combate.

Pairei pela avenida que estava cheia de carros astrais. Logo fui cercado por meus companheiros de equipe. Uria estava do meu lado direito. Ao vê-la, falei rapidamente:

- Fique atenta, pois precisarei de suas habilidades de magia.

Ela inclinou levemente sua cabeça, coberta pelo capacete, indicando que havia entendido. Do meu lado esquerdo estavam Poderon e Calia.

- Preparem-se todos para o combate: exército inimigo à frente, acionar invisibilidade. - Orientei-os.

Nós teríamos que teleportá-los para as naves-prisões, mas isto não seria coisa tão simples, pois antes teríamos que apanhá-los.

Fizemos a aproximação e avistamos as tropas sombrias. Eles estavam em veículos blindados. Sem demora, sobrevoamo-los e com precisão abatemos, com mísseis, todos os tanques. Alguns soldados, ao verem que estavam sendo atacados por seres invisíveis, começaram a dar tiros de canhoneiras a esmo. Estas armas eram portáteis e delas saíam chuvas de setas metálicas.

Passava pelas proximidades uma pequena multidão de civis, que pareciam não perceber o que se estava passando naquela avenida. As setas poderiam atingi-los e causar sérios danos a seus corpos astrais.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Uria então usou magia para evitar o dano iminente. Mesmo estando em cima da moto, ela elevou suas mãos um pouco acima de sua cabeça e de seus dedos semi-abertos saiu uma onda de energia azulada que, ao atingir a chuva de setas, transformou-as todas em bonitas flores.

As naves, em vôos rasantes, destruíram totalmente, com seus raios laser, os tanques que estavam apenas danificados.

Os integrantes das tropas invasoras ficaram sob controle. Pouquíssimos permaneceram de pé, a maioria teve seus primeiros corpos desmaterializados. Isto fez com que suas consciências fossem transferidas para seus segundos corpos astrais, os quais foram enviados para uma dimensão bem mais sutil, onde já estavam sendo aguardados por outra equipe da Unidade. Os soldados restantes foram paralisados, as naves recolhedoras surgiram no céu e banharam a avenida com seus raios de teleportação, levando a bordo os seres imobilizados. Eu e parte da Equipe Líder permanecemos por algum tempo no local do combate, rastreamos minuciosamente as proximidades para nos certificarmos de que nem um invasor havia escapado.

Nossas motos alçaram vôo em direção às naves de combate que estavam a uns trezentos metros do solo. Entramos pelos mesmos compartimentos dos quais outrora saímos.

Sentei-me em uma das poltronas do controle, comuniquei-me imediatamente com as outras naves informando-as da nossa partida com destino à grande nave-prisão, que estava estacionada entre a Terra e a Lua. Fizemos um cerco em volta das naves recolhedoras para sua escolta pois, a qualquer momento, poderiam ser atacadas por naves de alguma força-tarefa negativa, com a intenção de resgatar os prisioneiros.

Estávamos em alta velocidade. Não mais do que poucos instantes e nos encontramos diante da prisão voadora: ela era uma imensidão de metal esférico, que tinha à sua volta um fortíssimo escudo de defesa. Dali ainda não se teve notícia de que alguém já tenha conseguido fugir.

Fizemos contato, alertado sobre nossa entrada. O escudo jamais era desligado, todas as naves que saíam ou entravam tinham um dispositivo próprio que as sintonizavam com o campo protetor do escudo.

Assim que minha nave entrou no hangar de pouso, tive repentinas lembranças dos incalculáveis seres que já foram aprisionadas pela Unidade Prata e das inúmeras ameaças que foram dirigidas especialmente a mim, vindas de entidades de grande poder negativo.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Com bom humor pensava comigo mesmo: "-É, estando eu com um corpo físico da Terra, desejo nunca ter um encontro surpresa com algum destes seres em um beco escuro, a não ser que eu esteja devidamente equipado com armadura e armas potentes pois, se assim não for, era uma vez um guerreiro dos mundos."

As naves tocaram o chão da rampa de pouso. Abri a porta e desci flutuando até tocar o piso de metal. Afastei-me um pouco das naves e fiquei observando o transporte dos seres paralisados: eles foram magneticamente ligados uns aos outros, estavam flutuando a um metro e meio do chão e eram conduzidos por alguns andróides. Por fim, foram todos levados para as câmaras de triagem mental, onde seriam identificadas suas freqüências vibracionais.

Com isto se determinaria se alguns voltariam para o planeta ou se ficariam na prisão para posteriormente serem levados para planetas que oferecessem um nível de evolução similar a suas vibrações. Apesar de não ter feito uma análise detalhada da evolução dos prisioneiros recém-chegados, a minha experiência já me dava a certeza de que todos seriam levados para fora do planeta Terra, até que evoluíssem suficientemente para poderem regressar a este planeta, ou até mesmo terem acesso a outros bem mais evoluídos.

Teleportei-me para o centro do comando, onde me encontrei com o comandante da prisão espacial. Após as saudações, pusemo-nos a conversar:

- Clabaque, fiquei sabendo que a cota de prisioneiros está quase completa. Sei que isto significa que partirão em pouco tempo para outros planetas, para descarregarem e novamente regressarem para cá. Se desejar, uma das equipes da Unidade Prata poderá escoltá-los durante toda a operação.

Por sua expressão pude perceber que aceitara minha proposta.

De volta à rampa de decolagem, subi a bordo da nave. Então, a esquadrilha partiu de volta ao Cruzador.

Fiquei profundamente envolvido pelos meus próprios pensamentos: o estado em que o planeta Terra se encontrava era meu principal foco de atenção, conhecia toda a história daquela esfera azul que estava vendo em um dos monitores. Busquei em minha memória imortal as lembranças de um tempo longínquo que o passado fizera adormecer.

Houve um tempo em que não existia sequer uma gota de vida em toda a superfície. Nesta época a Terra ainda não era azul, ela mostrava aos que a vissem apenas uma paisagem

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

sombria e tempestuosa, as crateras e montanhas rochosas davam-lhe o aspecto de mundo em estado de germinação. Ela permaneceu assim por um período incomensurável, até que o Conselho do Governo do Sistema Solar decidiu dar vida à superfície.

Foram enviados os cientistas da gênese para que, ao longo de várias fases, fossem semeados os seres dos vários reinos. Após um trabalho árduo, foram desenvolvidos os seres humanos primitivos. Aí a coisa ficou realmente difícil pois, para povoar o mundo físico, havia bilhões de seres astrais humanos que tinham sido expulsos de dezenas de planetas por causa de seus altos níveis de maldade.

Frotas de naves-prisões trouxeram à força tais seres para cá. Ao chegarem, uma das primeiras coisas que sentiram foi a síndrome de serem expulsos do paraíso, visto que os mundos aos quais pertenciam eram consideravelmente mais evoluídos, seja em tecnologia ou no grau de civilidade.

Como uma história sem fim, mais uma vez estava sendo efetuado o exílio temporário de certos seres para outros planetas.

A maioria dos habitantes do mundo físico sequer imagina a existência da conspiração interplanetária e que já há algum tempo se iniciara a purificação da Terra. Eu ansiava pelo tempo em que as barreiras dos mundos fossem transpostas pela humanidade terrestre, para com isto se iniciar o intercâmbio maciço com a Federação Galáctica. Que essa data tão memorável não se encontrasse distante do tempo em que eu estava vivendo.

No entanto, até que este dia chegue, muitas batalhas entre a luz e as trevas já terão acontecido.

Já no Cruzador, eu recolhera-me a meus aposentos.

Várias salas compunham meu complexo particular. Em uma ampla sala repleta de telas visuais, teclados, luzes e uma série de outros aparelhos, eu estava sentado em uma cadeira que, de tempos em tempos, circulava em várias direções no ambiente, levando-me até os aparelhos que eu desejava.

Naquele momento eu estava iniciando a programação de um tipo de andróide muito especial que eu havia inventado em minha missão anterior. Com o nome Cinertron, foi criado em um mundo de ciber-universo, também conhecido como universo eletrônico. Em comparação com os andróides mais avançados, Cinertron destacava-se em vários aspectos, mas um evidenciava-se com maior força: ele podia modificar a sua composição molecular,

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

transformando-se em qualquer elemento que tivesse sido programado no computador cibernético.

Isto faz com que ele possa tomar qualquer forma que deseje. Por ser energicamente alimentado à distância pelo computador da nave, passa a ser praticamente inesgotável. Cinertron pode fundir-se com o corpo astral, transformando-o momentaneamente em andróide, contanto que este período não passe de poucas horas, pois o nível de energia é tão extremamente alto que pode provocar sobrecarga do implante, o que acarretaria o imediato desligamento do andróide.

Fui subitamente envolvido por uma forte saudade de Iara. Apertei alguns botões e seu rosto alegre surgiu em uma projeção holográfica diante dos meus olhos.

- Alderan, estou esperando há um bom tempo por sua ligação. Pensei que tinha esquecido do encontro que marcamos ! - Falou Iara com um suave sorriso no olhar.

- Realmente estou bastante atrasado. Contudo, por motivos não-intencionais. - Expliquei com naturalidade.

Num suspiro seu semblante tornou-se um pouco mais sério. Ela, então, exprimiu-se com segurança, como se estivesse lendo meus pensamentos:

- Mais uma batalha, não é?

Inclinei minha cabeça confirmado suas palavras. Por um breve instante pensei comigo mesmo: "- Se Iara fosse uma mulher da esfera terrestre, poderia até achar que seu interesse em saber onde eu estava tivesse como motivo uma ponta de ciúme. Mas, para seu nível evolutivo, seria praticamente impossível que sentisse tal emoção, ainda mais por ela estar ligada a seu corpo extraterrestre. O interesse mostrado por ela em saber o meu paradeiro nada mais era do que uma insaciável curiosidade a respeito das atividades da Unidade Prata. Iara sabia que, com nossa crescente intimidade, teria acesso a um profundo aprendizado nas áreas em que eu estava efetivamente atuando."

Novamente ela leu meus pensamentos e os achou engraçados pela comparação que fiz com a mulher terrestre, tanto que de seu olhar suave escapuliram alguns agradáveis sorrisos. Não tive dúvida: aqueles gestos que brilharam em sua face delatavam uma peculiar afinidade com minha natureza particular, que geralmente se mostrava tão cheia de mistérios, pelo fato de há milênios eu viver na condição de viajante interdimensional. Fitei-a com ar matreiro e falei, também com bom humor :

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Assim não vale! Você lê os meus pensamentos a todo momento! Como poderei ter segredos deste jeito?

Rimos por alguns instantes, carregados pela alegria. Enfim fomos à realização do que havíamos planejado: ainda naquela noite, iríamos ao local da base terrestre onde seria executada parte do treinamento da Unidade Canéra. Entretanto, em nossa visita, faríamos apenas uma vistoria das instalações para talvez percebermos a necessidade de alguma alteração, visando o máximo de eficiência no funcionamento dos equipamentos que seriam empregados, principalmente nas simulações bélicas.

Iara teleportou-se surgindo instantaneamente a meu lado. Ela estava acompanhada de mais oito mulheres, que por sinal pareciam-se muitíssimo. Porém a freqüência de suas vibrações individuais, como se digitais fossem, davam-lhes diferenças consideráveis no tocante a suas identidades pessoais, tornando-as inconfundíveis entre si para aqueles que saibam discernir vibrações.

Aparecemos a bordo de uma pequena nave do Cruzador, que nos levaria à base terrestre chamada Boreal do Sul, situada na sexta dimensão do universo astral. Diversas telas gráficas compunham o painel à nossa frente. Todos nós estávamos bem amarrados pelos cintos de segurança, que de forma alguma nos deixariam escapulir acidentalmente das confortáveis poltronas que, se vistas de um ângulo geral, mostravam ser de uma formação semicircular.

Taxiei o aparelho pelo amplo hangar que, no momento, estava abarrotado por centenas de naves. Flutuamos até uma das rampas de decolagem. Após registrar minha saída, parti velozmente pelo espaço. Viajar em aparelhos supervelozes tornava-se um hábito natural, mesmo estando eu com a identidade predominante de Aldomon, visto que para Alderan o uso das mais avançadas tecnologias não lhe parecia complexo ou mirabolante. Estas duas personalidades faziam parte de mim.

Enquanto pilotava atento aos controles, mergulhei por um breve tempo num silêncio reflexivo. Em minha tela mental foram surgindo as lembranças do início do contato que tive com minha personalidade mais evoluída. Não foi fácil harmonizá-la dentro de mim. Naquela época, tive uma singular sensação. No momento em que vi a Unidade Prata reunida na nave de Ashtar, foi despertada em mim, como que numa explosão, a memória imortal.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Logo depois que isto aconteceu, não conseguia compreender muito o ocorrido. Porém, com o passar do tempo, tive constantes fusões das duas identidades, que momentaneamente formavam uma só. Com isto decifrei a resposta: Aldomon nada mais era do que um esboço que fora mal traçado por Alderan que, não tendo material melhor às mãos, manifestou-se por meio de um corpo de carne e ossos, o qual sem dúvida não suportaria, em seu primitivo cérebro, mais do que uma ínfima fração da energia consciencial contida na mente de Alderan.

Escutei uma voz que tirou-me bruscamente das lembranças de outrora. Virei meu rosto para a direita, num reflexo de susto, pela mudança tão inesperada. Percebi que a voz telepática vinha de Iara, que interrompera minha abstração com uma pergunta, tendo que novamente repeti-la:

- Aldomon , você está sentindo alguma coisa?

- Não é nada demais, só estava pensando no motivo pelo qual sou chamado por um nome diferente de acordo com o estado mental em que me encontro.

Avistamos Boreal do Sul, plantada no centro de um imenso vale cercado por paredões de montanhas rochosas de um lado, e do outro por colinas cor de esmeralda, compostas por uma bela flora de frondosas árvores que quase arranhavam as nuvens de tão altas.

Notei à minha volta os olhares jubilosos das companheiras de Iara, que pareciam encantadas com a aprazível paisagem do lugar que faria parte do treinamento.

Sobrevoei o amplo prédio, que tinha apenas dois andares, mas que se estendia por milhares de metros, formando um imenso retângulo. Em seu teto estavam espalhadas estrategicamente várias baterias de canhões anti-aéreos pois, apesar de a sexta dimensão ser relativamente segura, eventualmente a base recebia ataques frustrados de exércitos negativos, que em sua maioria acabavam aprisionados e transmigrados para fora do planeta.

Pousei em um pátio ao lado de outras naves. Ao desembarcarmos, fomos recepcionados pelo diretor de Boreal, que já há algum tempo aguardava nossa chegada.

- Sejam todos bem-vindos ao campo de treinamentos Boreal do Sul. - Disse Oquer, nosso anfitrião, que trazia um largo sorriso no semblante.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Em minha identidade de Alderan eu já o conhecia. No entanto, fiquei surpreso com a perfeita semelhança dele com um personagem de histórias chamado He-man. Numa fração de segundos questionei a mim mesmo sobre a hipótese de que grande parte das histórias criadas, tão originalmente por escritores de renome, nada mais eram do que ótimas idéias captadas de outros mundos através do inconsciente, e adaptadas pela criatividade e inteligência desses talentosos artesãos das palavras. Oquer fitou-me por algum tempo e depois falou, em tom de brincadeira:

- Quem está aí dentro agora ? É o Aldomon ou o Alderan? Ah, já sei! Com certeza não é o Alderan; ele não tem muito senso de humor com minhas piadas. Deve ser por causa das preocupações advindas do peso das responsabilidades que ele carrega nos ombros.

Após as apresentações, fomos conduzidos para o interior da base. Entramos no núcleo das instalações. Corri meus olhos à nossa volta e avistei, nos limites do amplo pátio em que estávamos, vários corredores repletos de portas. Eles eram tão compridos que se perdiam de vista os seus finais.

Oquer, percebendo meu olhar intrigado de questionamento a respeito daquelas tantas portas, explicou-me com naturalidade:

- Canéra utilizará apenas parte do nosso complexo, haja vista a sua extensão, e também pelo fato de várias Unidades estarem realizando seus treinamentos aqui.

De um dos corredores surgiu uma jovem mulher, que flutuava velozmente um pouco acima do chão. Ela aproximou-se discretamente de Oquer e passou-lhe uma mensagem telepática, a qual não tive a ousadia de interceptar.

Nosso anfitrião fitou-nos por breves instantes, dando a impressão de estar tomando uma decisão, e então dirigiu-se a nós:

- Lamento não poder acompanhá-los até suas instalações, pois uma providência urgente necessita da minha ação imediata.

Tendo dito estas palavras, teleportou-se instantaneamente. Sua mensageira dirigiu-se a nós com explicações:

- O perímetro de segurança da base está sendo violado por uma pequena esquadrilha de naves inimigas, e neste caso é Oquer quem lidera o sistema de defesa.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Em seu semblante um olhar de segurança denotava que tal fato não merecia nossa preocupação. A mulher de pele clara e longos cabelos castanhos brilhantes veio em minha direção, ainda flutuando, e com suavidade expressou-se:

- Aldomon, você pode mostrar para Iara e sua equipe as instalações destinadas ao treinamento?

Assenti com a cabeça. Feito isto, a jovem mensageira, rápida como um beija-flor, saiu por uma abertura no teto, deixando-nos a sós.

Enquanto andávamos por um corredor, elevei minha vibração, entrando em sintonia com a consciência do meu corpo extraterrestre. Em poucos momentos tomei a identidade de Alderan. Com isto vieram à minha memória todas as informações a respeito de Boreal e suas respectivas instalações.

Subitamente comecei a sentir algo. Era como se a visão fosse escurecendo, a audição desaparecendo; não conseguia mais me comunicar telepaticamente nem verbalmente. De súbito o chão pareceu sumir debaixo dos meus pés e eu caí num buraco escuro que parecia não ter fundo.

Olhava para cima - de lá vinha uma forte luz - e minha visão tornou-se clara, apesar de ainda continuar caindo. Vi lá no alto o corredor branco e luminoso em que Iara e sua equipe continuavam andando ao meu lado. Sim, eu ainda continuava lá, porém vestido em outro corpo astral, bem mais sutil e evoluído, no qual se manifestava a minha parte Alderan.

Um vento gélido que se sente em queda banhava meu corpo. Como um pára-quedista sem pára-quedas, eu me desesperei (não com medo de chocar-me com um possível chão, mas sim com receio de ficar fora daquela história que viveria com minha querida Iara).

Minha imagem evoluída tornava-se cada vez mais distante, eu gritava por ela e estendia a mão em sua direção, mas não conseguia emitir som algum... só meu pensamento produzia uma voz inaudível.

No entanto, Alderan pareceu escutar-me, podia jurar ter visto de relance o seu olhar em minha direção, mas foi inevitável: antes mesmo que ele pudesse fazer qualquer coisa para salvar-me, fui impotentemente tragado para meu escafandro físico.

Num salto de choque elétrico, acordei na cama do quarto do hotel, com o braço ainda estendido para o alto, pois ele não sabia que já tinha mudado de mundo. Movi lentamente

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

meu corpo ainda deitado, fazendo estalar as juntas que pareciam enferrujadas, dando a impressão de há dias não serem usadas.

Com o corpo atordoado levantei-me preguiçosamente. Com os olhos vistoriei o ambiente, no intuito de identificar onde estava. Por fim, suspirei , e como um velho ranzinza resmunguei para mim mesmo: "- Nossa, eu ainda estou neste hotel." Tinha a sensação de estar há dias em transição dimensional, perdera quase que totalmente a noção de tempo e espaço.

Uma voz sonolenta soou no quarto ao lado, que se comunicava com o meu por meio de uma porta. Naquele momento estava aberta, o que possibilitava a transmissão do menor sussurro:

- Aldomon, você agora deu para falar sozinho? - Inquiriu meu amigo zombeteiro, que pelo visto acabara de acordar com meu barulho.

- Não, só estava conversando com um fantasma que passou por aqui. - Falei sério, depois pus as mãos na boca para sufocar o riso galhofeiro. Ele pareceu não entender minha resposta, pois adormeceu novamente.

Fui até a janela do quarto e, abrindo-a fitei, ao longe, o berço de montanhas, que ainda estavam cobertas por uma rarefeita neblina de cerração. Fui atingido por um vento frio que me gelou o rosto e provocou arripilantes calafrios. Fechei a janela num reflexo de fuga e sentei-me na cama. Após enrolar-me em um caloroso cobertor de lã, i em minha memória reavivei Boreal do Sul e minha saída tão intempestiva. Refleti: "-É... realmente eu não teria como vencer as duas forças, que para o meu próprio bem praticamente me obrigaram a acordar." Eu sabia que todas as vezes em que me tornara Alderan, o que possibilitava a transferência para o cérebro físico, da memória das coisas vividas naquele instante, era uma cota de fluxo consciencial bem delimitada. E quando eu estava em Boreal, tal cota já se tinha esgotado nas aventuras bélicas que me aconteceram naquela mesma viagem interdimensional. Assim sendo, teimara comigo mesmo em tentar burlar meus limites de memória, que já tinham até sido aumentados na operação do cristal. Mas a outra força, que também forçara a minha volta, era bem mais poderosa que a anterior, pois ela era o clamor do meu corpo de carne, o qual já estava totalmente enfraquecido por ter passado muitas horas sem ter sido realimentado pela energia vital que o corpo astral traz em si.

Com minha experiência milenar na habilidade de transição dimensional consciente, aprendi muitos artifícios para neutralizar os mecanismos de defesa da vida biológica do organismo físico: eventualmente passava uma venda em cerca de meia dúzia de instintos de

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

sobrevivência e, com isso, ganhava um número maior de horas para estar em outros mundos. Apesar de quase sempre eu viver no fim dos meus limites dimensionais, tendo vez ou outra que levar fortes eletrochoques em meu corpo físico semimorto, tais descargas eram aplicadas pelos meus companheiros extraterrestres.

No entanto, não fugia à minha consciência a responsabilidade de deixar intacto um mecanismo biológico que diria ser o mais importante, pois se manifesta por meio da poderosa força que mantém ligado no corpo de carne o tênue cordão energético conhecido metaforicamente como cordão de prata. Só em condições previamente aprontadas é que receberia permissão do meu Eu Superior para romper tal ligação pois, se fizesse isso irresponsavelmente, seria suicídio - ato considerado pelas leis interdimensionais como gravíssimo crime contra si mesmo e cujas penas são suficientemente duras para desmotivar alguém que queira brincar com as leis da criação.

Respirei fundo, como que dizendo para mim mesmo: "- Ir até o máximo dos meus limites está bom, mas suicídio, nem pensar!" Sem perceber, caí no sono. Eis que sou acordado por uma voz apressada que falava com insistência:

- Você está pronto? Temos que partir já!

Levantei-me num pulo e me vesti apressado.

Não tardou e, em poucos momentos, o carro percorria a auto-estrada com destino a Brasília. Durante quase toda a viagem fiquei pensando no treinamento da Unidade Canéra. De forma alguma queria perder o desenrolar dos acontecimentos, pois sabia que, enquanto eu estava acordado ali no mundo físico, Alderan manifestava-se em meus, ou melhor, em seus corpos astrais mais sutis. Com isto, calculei que ele já havia iniciado os treinamentos.

Abri os olhos e identifiquei estar na pele de Alderan, só que desta vez estava mais de passageiro do que de piloto, sendo que minha mente só se fundira parcialmente, neste caso, a vontade de Alderan é que prevalecia.. Em minhas mãos trazia uma espada cuja lâmina sustentava logo acima das minhas costas com firmeza. Eu empurrava para longe a lâmina da espada de um guerreiro, que queria arrancar minha cabeça. Com destreza desviei o golpe fulminante e atingi meu oponente, que caiu no chão desmaiado.

Ao meu redor um ambiente escuro envolvido por uma densa fumaça malcheirosa compunha o cenário de uma batalha.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Surgiram, de direções inesperadas, guerreiros em armaduras pretas. Raios laser iluminavam o ambiente produzindo barulhos peculiares. Fui atingido por alguns que vieram não sei de onde. Entretanto, só produziram leves formigamentos na blindagem da armadura. Lutei usando técnicas demolidoras, a ponto de varrer do ambiente a escuridão provocada pela fumaça escura. Por fim, quando brilhavam no firmamento os raios do Sol, de súbito todo o ambiente desapareceu como que num toque de mágica.

Eu então percebi que estava numa câmara de simulação bélica. Saí por uma abertura que se fez visível. Ao sair do simulador, encontrei-me com Iara e mais oitenta mulheres que compunham sua nova equipe de combate. Ao aproximar-me de Iara, falei telepaticamente com voz metálica:

- Sua equipe terá que aprender não só a ciência e arte de guerra, mas também os princípios que as originaram.

Iara fitou-me com a face inquebrantavelmente séria, como a de uma guerreira pronta para a batalha, e com firmeza expressou-se:

- Na véspera da minha vinda aqui para a Terra, estudei os dados que me eram disponíveis, os quais continham a filosofia dos vários tipos de guerra. Porém, creio que só a prática me dará os elementos necessários para realizar a tarefa tão árdua que nos aguarda.

Num gesto de concordância, completei:

- Prática é o que mais terão em nossos treinamentos. No entanto, em primeiro lugar, vamos à teoria.

Ela assentiu com a cabeça e então caminhamos todos para o auditório, onde eu faria uma exposição.

Entramos no confortável anfiteatro, onde poltronas acolchoadas estavam organizadas em degraus crescentes diante de uma ampla tela visual, que se estendia por toda a parede à nossa frente.

Subi em uma pequena plataforma, disposta ao lado do telão. Acoplado à minha poltrona, havia um painel com uma pequena tela. Rapidamente peguei um minúsculo aparelho, em forma de losango. Elevando-o ao centro da minha testa, fiz surgir uma imagem no monitor do meu painel e o losango ficou magneticamente grudado em minha cabeça.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Fitei minha platéia com grave seriedade. Ao prender a atenção de todas, dei início à minha palestra :

- Para que se compreenda a natureza da guerra, é necessário antes de tudo focalizarmos as leis que regem os Raios da Criação. Com isto pode-se ter os referenciais das forças harmonizadoras e desarmonizadoras dos universos. Todas vocês sabem muito bem que em cada universo existe um ser supremo que o controla, como um deus, tendo todos os poderes sobre as galáxias, nebulosas enfim, abrange todos os mundos que compõem as fronteiras do seu universo, a fim de manter a suprema ordem de evolução dos seres que vivem na infinidade de mundos. Deus manifesta-se por meio da Hierarquia, que é realizada pelos senhores dos mundos, os quais utilizam-se dos Raios da Criação para manter sempre em equilíbrio as leis que controlam a evolução de cada mundo. O Raio de força agregadora que impulsiona a evolução dos seres para que se fundam com a consciência do Deus do universo é o amor. O mesmo amor que faz com que as minúsculas partículas se fundam para formarem o átomo, dando início a uma reação em cadeia, e em que a matéria vai fundindo-se e formando planetas, galáxias e universos do macrocosmo como também do microcosmo. É ele que permite que os planetas sejam ilusoriamente destruídos, para que se transformem em estrelas, havendo assim uma perfeita ordem por trás do caos. Com vigilância, permite que as forças desagregadoras provoquem a destruição, porém na dose certa. No entanto, as forças destrutivas do mal não possuem noção de limites, para poderem deixar facilmente de serem instrumentos das leis de ação e reação negativas, que infelizmente são necessárias para que todos os seres evoluam rumo ao Criador.

Silenciei minha telepatia, e por alguns momentos fitei uma por uma na arquibancada, sondando-lhes os pensamentos, para identificar as dúvidas. Olhei para o monitor à minha frente e fiz aparecer as imagens de algumas cenas que mostravam a história das guerras de um determinado planeta, que teve o triste fim de ser totalmente destruído por seus habitantes. Assim que as imagens desapareceram, falei com convicção:

- Nossa guerra não é esta, que destrói planetas e desrespeita as leis da criação. Pelo contrário: as batalhas de nossa guerra são exatamente contra os exércitos negativos, que não conhecem os limites do caos. Diferentemente deles, em nossas batalhas, quando somos obrigados a extinguir o inimigo, fazemos isso sem desrespeitar qualquer lei, pois recolhemos seus corpos mais sutis e o levamos para locais adequados a suas estadas; posteriormente lhes serão dados novos corpos físicos ou astrais e com o passar do tempo evoluirão de maneira tal que deixarão de ser negativos e destrutivo, passando a nossos amigos. Até mesmo eu, num passado muito distante, também já fui do lado negativo. Mas o que seria do amor se não fosse a justiça e, sendo o poder uma força neutra na Criação, a justiça utiliza-se do poder bélico para ser executada sem, contudo, desrespeitar os

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

parâmetros de amor. Sendo assim, o guerreiro ou guerreira da Hierarquia deverá seguir o Raio do amor, da justiça, do poder, não lhe podendo faltar o do conhecimento. Os demais são complementos.

Durante toda a palestra eu expus todos os conhecimentos de que Canéra necessitava para ligar-se belicosamente à Hierarquia governante dos mundos interdimensionais.

Seguiram-se os dias e os treinamentos já estavam prestes a acabar. Quase não me dei conta de que tinha chegado a data da partida de Iara.

As estrelas do céu pareciam cair sobre a Terra em vôos rasantes. Raras foram as vezes que vi tantas naves juntas para uma só batalha como aquela que os meus olhos me mostravam: quase toda a Unidade Prata estava presente, juntamente com várias outras do comando Ashtar.

Do alto se via que meio continente estava sendo varrido das legiões de seres negativos. Ao capturarmos as entidades sombrias, as regiões que eram controladas por elas tinham todas as suas construções desintegradas. Em seguida eram instalados fios elétricos de alta tensão em cada Quadrante para dificultar possíveis invasões. Eu estava na frente do fogo a bordo de um caça. Fui alertado através do comunicador de que Iara e sua Unidade estavam partindo. Imediatamente fiz a nave transitar para a sexta dimensão, saindo assim da tenebrosa quarta ...

Apareci nas claridades do universo mais sutil, e como um relâmpago cortei o céu de meio globo terrestre em busca de Boreal do Sul. Avistei os paredões da montanha da base e mesmo de longe percebi a presença de alguém muito querido de pé no topo de um dos cumes.

Ao ter uma visão em close, notei que Iara fitava o céu em minha direção, algumas centenas de metros nos separavam um do outro. Naquele momento um pensamento aterrorizante veio à minha mente: "- Eu posso estar de volta ao corpo físico a qualquer instante, pois meu tempo de permanência fora já acabou." Tomado por uma desesperadora ansiedade, abri a porta da nave e voei na direção de Iara. Eu quase podia ver o último grão de areia da ampulheta do meu tempo descer em câmara lenta.

Mas o tempo pareceu ter parado e pude abraçar aquele corpo de suavidade celestial. Com as mãos afaguei seus sedosos cabelos de ônix, num movimento carinhoso seu rosto tocou o meu e algo maravilhoso aconteceu: de cada poro dos nossos corpos saíam fagulhas de energias que pareciam ter inteligência própria. As que entravam em minha pele eram

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

prateadas e saíam de Iara; as que saíam de mim e entravam nela eram douradas. Senti um êxtase tão forte e intenso que este infinito prazer só poderia ser comparado ao êxtase que tive quando experimentei a iluminação cósmica. Naquela fusão de amor, senti como se aquele estado fosse durar uma eternidade, mas eis que o tempo voltou a funcionar e meu grão de areia não mais existia. Com ele também se foi Iara, que pareceu desmaterializar-se entre os meus braços.

Quando dei por mim, estava acordado. Parecia que Iara levara com ela uma pequena parte de mim. Isto não me fazia falta, pois felizmente ela também deixara comigo parte de si. Tais dádivas que compartilhamos são imateriais e só nas lembranças e no coração ficam guardadas.

Voaram-se os meses. No mundo físico não mais se ouvia minha voz ecoar nos auditórios. Sentia-me triste, pois parecia ter sido abandonado por minha missão, que sequer dava vestígios de sua existência, ocultando-se de mim. Por mais que eu a buscasse fazia-se invisível.

Sentia uma melancólica saudade da vida que levava nos mundos físicos mais evoluídos. Isto fazia doer fortemente o meu peito, que quase estava morrendo de desencanto por não ter uma causa pela qual lutar no mundo material. Certo dia, quando fui assolado por uma terrível depressão por sentir-me inútil, fui socorrido por uma voz amiga e consoladora, envolvendo-me em ondas de ânimo hipnótico e arrebatador... Suavemente fui saindo do mundo de agonia.

Surgi em um ambiente iluminado por uma claridade tão intensa que eu só enxergava luz. Senti meu corpo: podia mover perfeitamente braços e pernas, mas não conseguia me ver. Era como se eu tivesse sido imergido na essência espiritual de algum ser muito evoluído, que naquele instante purificara-me de todos os pensamentos e sensações desagradáveis.

O ser de luz começou a comunicar-se comigo usando uma linguagem não-verbal. Não era telepatia, e sim um tipo de comunicação não-humana. Tive a impressão de que ele falava por meio das vibrações da essência da qual os pensamentos são feitos. Com sua estranha linguagem falou-me que ele sou eu, após ter saído do reino da evolução, e que meus passos estão sendo acompanhados por ele.

De súbito perdi os sentidos. Quando abri os olhos, dei um salto de espanto: o motivo do meu susto foi ter aparecido numa casa estranha. De pé, ao lado de um sofá, fitei toda a sala de estar e facilmente se percebia que pertencia a uma pequena mansão, cuja decoração era ultra-sofisticada.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

De uma porta saiu um homem que mostrava um corpo de proporções hercúleas. Vestia um alinhado macacão inteiriço de cor azul índigo, botas pretas de design sofisticado. Parecia estar colocando um pequeno aparelho no pulso, em cima do tecido da sua vestimenta. Parou sobressaltado ao notar minha presença inesperada. De minha parte, estremeci de vergonha por ter invadido a casa de alguém, mesmo tendo sido de forma involuntária.

Por momentos o silêncio comandou o ambiente. O homenzarrão franziu a testa e cerrou as sobrancelhas, fitando-me como se quisesse ver através de mim. Eu, já de cabeça baixa, formulava em pensamento uma desculpa plausível para, em seguida, procurar a porta da rua. Argumentei comigo mesmo: "- E se ele pensar que entrei em sua casa com a intenção de roubar alguma coisa?" Afinal, ali havia muitos objetos de valor. Ouvi a sua voz de tenor pronunciando meu nome com tom de saudade e ao mesmo tempo de alegria. Perguntei surpreso e chocado:

- Como sabe quem eu sou?

- Como não saberia se você foi meu filho há muitas vidas atrás! - Falou ele, com um largo sorriso de contentamento.

Com ar bem-humorado continuou:

- Ah, como poderia esquecer-me de suas esquisitices?

Antes de mais nada, para me esclarecer, perguntei:

-Onde estou?

- Washington, Estados Unidos da América do Norte, ano 2510, 6 de janeiro!

Sentei no sofá para não cair de tão zonzo que fiquei. Em pensamento disse para mim mesmo: "-Nossa, viajei para o futuro!"

- Se estamos nos EUA, como você sabe falar meu idioma? - Inquiri.

- Entre outros, também sei falar português. Porém, estou falando por telepatia.

- Não acredito! Vi você mexendo os lábios.

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Ele riu da minha suspeita.

- Mexi a boca por força do hábito !

- Em quinhentos anos os habitantes da Terra aprenderam a falar por telepatia? - Perguntei muito curioso.

-Não, sem aparelhos ainda não. Mas falta pouco para conseguirmos.

- Mas está falando agora comigo sem aparelho?

- Isto é natural quando estamos fora do corpo. - Falou ele com naturalidade.

Dei duas gargalhadas, rindo de mim mesmo.

- Até agora eu acreditava estarmos no mundo físico ! - Falei, satirizando a situação.

Ele também riu, pois já tinha percebido minha confusão, mas preferiu deixar que eu mesmo descobrisse.

- Meu nome é Dieijiom. Sei que seu tempo de transmissão de memória é limitado; portanto, vamos ganhar tempo.

Concordei prontamente, pois meu período ali seria realmente curto. Mas, desconfiado que sou, concentrei-me para ver se aquela pessoa era realmente quem dizia ser: vi a imagem do rosto do meu pai surgir no lugar do de Dieijiom; após constatar suas vibrações individuais, fui sem receio.

Segui-o até os fundos da mansão, lá encontrei três aparelhos parecidos com naves espaciais. Dieijiom explicou-me que apenas uma era espacial, as outras eram apenas aéreas, de uso popular.

Entramos na contraparte astral da que era espacial, decolamos para o céu daquela noite um pouco nublada.

- Você deve ser bem remunerado, hein? Para ter aquele casarão e estas naves...

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

- Até que sou, não tenho do que me queixar. Mas esta em que estamos é do governo, e estou com ela porque sou um piloto do sistema de defesa espacial. - Disse ele cheio de contentamento, quase que orgulhoso.

Ele, percebendo minha surpresa, elucidou o caso:

- Tive que trabalhar muito, vida após vida, para chegar aonde estou. Você teve importante papel para que eu tomasse este rumo !

- Tive! Mas como? Se a gente nem se dava lá muito bem. Apesar de vez ou outra ter havido um respeito mútuo, não havia quase nenhuma afinidade entre nós. - Falei intrigado.

Ele sorriu com tranqüilidade e meiguice, depois explicou-se:

- É, realmente, durante o tempo que vivi como seu pai no mundo físico naquela época, era como pedra bruta que ainda precisava ser lapidada: não tinha sensibilidade para compreender suas estranhezas. Porém, com o passar dos anos, mesmo sem entendê-lo, fui começando a mudar. Dentro de mim foi sendo formada uma dualidade, composta por quem eu queria deixar de ser e por aquele que eu vislumbrava tornar-me. Por tantas vezes eu tive tanta raiva de você, pois minha parte sombria sabia que sua influência acabaria matando-a para dar lugar a um Eu mais luminoso e evoluído. Como por osmose fui captando os princípios e idéias que foram paulatinamente fazendo uma revolução em meus arcaicos parâmetros de viver só por existir. Quando veio a morte, já tinha aprendido com você a lidar bem com a realidade extrafísica. No mundo astral fui submetido a várias cirurgias que ampliaram meu potencial intelectual. Por seu intermédio, comecei a trabalhar com os extraterrestres e em breve tempo fui engajando-me no trabalho espacial, e hoje aqui estou. Agora falemos sobre você: quer dizer que anda pensando que está jogado ao acaso? Saiba que sua missão será realizada.

Ao escutar aquelas palavras, inquiri fervorosamente:

- Qual a minha missão? Pois ainda não a descobri!

- Vou lhe contar agora. - Falou ele solenemente.

- Você já começou a realizá-la mas, por ela vir de uma forma muito natural - como é para o pássaro o ato de voar - você não a percebeu. Por isto eu é quem vou lhe perguntar: O que é que você sabe fazer de melhor lá no mundo físico?

Copyright (c) 1996 – Aldomon Ferreira - SVCA
É permitida a reprodução entre amigos, desde que indicada a fonte. Fica proibida a publicação em qualquer mídia de massa, ou reprodução para fins comerciais, sem autorização do autor.

Parei por um breve momento minha atenção naquela pergunta e falei logo em seguida:

- A primeira coisa em que acredito é que sou bom na habilidade de sair do corpo conscientemente. A segunda é a facilidade de pegar conhecimentos que aprendi em outras vidas, bem como minha relativa facilidade em expressar-me.

Ele sorriu seguramente e arremessou-me um simples enigma:

- São estas as ferramentas da sua missão!

Escutei um estalo, e num flash fui transportado, surgindo em seguida no Cruzador Triton. Enquanto andava por um dos corredores, eu lembrei-me de qual era minha missão. Pensei comigo mesmo: "- Como pude não deduzir antes que minha missão é ser mensageiro de outros mundos! É... realmente às vezes complicamos tanto as coisas mais simples."

À minha frente, avistei Ashtar próximo a uma janela, fitando ao longe o planeta Terra. Com minha aproximação, ele virou-se em minha direção e disse:

- Finalmente você descobriu!

Sorri jubiloso.

- São tantas coisas a se fazer! - Falei voluntario.

Ashtar olhou novamente para o Planeta e completou:

- E tão pouco tempo para concluí-las...